



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**NAYARA GONÇALVES DE SOUSA**

**A CIDADE SENSÍVEL: cotidiano, memória e sociabilidades em múltiplos espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, sob a perspectiva feminina.**

Picos-PI

2021

NAYARA GONÇALVES DE SOUSA

**A CIDADE SENSÍVEL: cotidiano, memória e sociabilidades em múltiplos espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, sob a perspectiva feminina.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Picos-PI

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**S725c** Sousa, Nayara Gonçalves de

A cidade sensível: cotidiano, memória e sociabilidades em múltiplos espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, sob a perspectiva feminina / Nayara Gonçalves de Sousa – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”

1. Cidades-história. 2. Cotidiano-memória. 3. Gênero. I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título.

CDD 309.262

*Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O*

NAYARA GONÇALVES DE SOUSA

**A CIDADE SENSÍVEL: cotidiano, memória e sociabilidades em múltiplos espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, sob a perspectiva feminina.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Aprovada em: 28/01/2021

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador  
Universidade Federal do Piauí – UFPI



---

Profa. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha  
Universidade Federal do Piauí – UFPI  
Examinadora Interna



---

Prof. Dr. José Maria Vieira de Andrade  
Universidade Federal do Piauí-UFPI  
Examinador Interno

Picos-PI

2021

*Ao meu irmão Francisco, com eterna saudade.  
À Diva Maria, Francisco Raimundo e Almir.*

## AGRADECIMENTOS

Há sempre algum motivo para sonhar e o futuro, de fato, guarda muitas emoções. Ainda criança, quando a minha brincadeira preferida era “dar aula”, eu dizia que seria uma professora e não disfarçava esse desejo. Em prol da realização deste sonho de infância, enfrentei muitos obstáculos, mas Deus sempre segurava a minha mão, mostrando-me que eu poderia ir além. Fui... E hoje estou aqui para externar toda a minha gratidão a Ele que é bondoso, compassivo, justo e misericordioso com os seus.

Muitas pessoas também foram e são fundamentais para a concretização deste sonho, por esta razão agradeço:

Especialmente à minha mãe Diva Maria Gonçalves Sousa, mulher simples, humilde e que, embora tenha pouco conhecimento escolar, nunca mediu esforços para me ver indo longe. Obrigada, minha rainha, essa vitória é NOSSA!

Ao meu pai Francisco Raimundo de Sousa, que apesar de não compreender as minhas lutas diárias, em razão dos problemas de saúde que enfrenta, sempre esteve ao meu lado.

Ao meu querido irmão Almir, por todo o amor e companheirismo demonstrado. Amo-te muito!

Ao meu eterno irmão Francisco das Chagas, por ser a minha maior inspiração e a pessoa a quem dedico esta pesquisa. É difícil conviver com a sua ausência e a saudade dói em mim todos os dias, mas sei que onde estiveres, sentirás orgulhoso da pessoa que me tornei ao longo desses anos. Amo-te infinitamente!

Ao meu inesquecível avô Mário Borges, homem de poucas palavras, mas de um coração enorme. Quanta falta o senhor faz em um momento como este, que certamente seria de muito orgulho ao ver sua neta caçula, sendo a primeira a concluir um Curso Superior em uma Universidade Federal.

Aos meus primos (as), tios (as), avó e familiares por me incentivarem e compreenderem as minhas ausências em muitos momentos de família.

A José Hilton, por ser luz na minha vida e por estar ao meu lado em todos os momentos desta caminhada, demonstrando amor, companheirismo, carinho, paciência e compreensão.

Às minhas cunhadas Edilza e Elaine, por todo carinho.

Às minhas madrinhas Antônia, Edna, Francisca e Inês por serem grandes incentivadoras deste sonho e me encorajarem a ir cada vez mais longe.

Aos meus padrinhos Antônio e Mariano, por estarem ao meu lado e serem grandes incentivadores.

Às minhas entrevistadas Edênia da Silva e Sousa, Romana Maria de Carvalho Veloso, Maria Inês da Costa, Vitória Custódia Neta, Francisca de Sousa Feitosa e Diva Maria Gonçalves Sousa que, gentilmente, se dispuseram a compartilhar conosco suas memórias. Cada uma de vocês foi peça fundamental na construção deste trabalho.

À minha dupla da UFPI e amiga-irmã, Iasmim Ibiapino Alves, por ser uma pessoa de um coração enorme, dura por fora e extremamente sensível por dentro. Obrigada por compartilhar comigo não apenas os trabalhos acadêmicos, os estresses e os desesperos diários, mas sobretudo as suas dores e felicidades. Saiba que eu te amo muito e poderás contar comigo para o que der e vier SEMPRE. Você é luz na minha vida!

À Zayna Mendonça, pelas risadas, carinho, estresses, lanches compartilhados e por todos os momentos vividos juntas durante esse período. Amo-te!

À Eriene Martins, aquela que tem o temperamento mais parecido com o meu, mas que no fundo é um amorzinho. Grata por todos os momentos que vivenciamos juntas na graduação. Amo-te!

À Raissa Viana, que mesmo sendo a mais distante do grupo, nunca deixou de se mostrar presente quando precisei. Você é um ser humano maravilhoso e um dos meus presentes da rosa. Amo-te!

Aos colegas do Programa Residência Pedagógica do CETI-Marcos Parente 2018-2020, pelos momentos de aprendizagens compartilhadas, em especial: Jeferson Rubens, Rômulo Rossy, Lília Maria, Luma Oliveira, Ana Geórgia e Jonnildo Vilomar.

Ao meu querido orientador, o Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, pessoa a qual tenho um carinho e admiração enorme. Obrigada por todas as contribuições e incentivos durante a minha formação acadêmica e por ser esse profissional que nos inspira diariamente. Obrigada por ter acreditado em mim quando em muitos momentos eu duvidava da minha própria capacidade. Esta pesquisa é, indubitavelmente, resultado de um trabalho realizado conjuntamente e de uma amizade respeitosa entre mestre e aprendiz. A você toda a minha gratidão!

À professora Ms. Mara Gonçalves de Carvalho, por ter me concedido fontes importantíssimas para a elaboração desta pesquisa, e por me acolher de forma tão especial durante o Programa da Residência Pedagógica.

Aos meus queridos alunos da disciplina de Estágio Obrigatório, por terem me permitido não somente transmitir conhecimentos, mas também aprender bastante.

Ao Prof. Ms. José Lins Duarte, pelos aprendizados proporcionados durante a minha formação acadêmica e pelos momentos de descontrações nos corredores da UFPI.

Ao Prof. Ms. Heitor Matos da Silva, pelos ensinamentos, risadas e conselhos.

Ao Prof. Dr. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito, por me acompanhar desde o início do curso e ser um dos presentes da rosa. Admiro-te enquanto pessoa e profissional.

Ao Prof. Dr. Rafael Ricarte da Silva, por ser um exemplo de profissional e ser humano.

À Prof. Ms. Karla Ingrid Pinheiro Oliveira, por ter sido uma das minhas inspirações na temática deste trabalho. Admiro-te muito!

À Prof. Dra. Olívia Candeia Lima Rocha, pelas suas excelentes contribuições e ensinamentos.

A equipe do Museu Ozildo Albano, por permitir-me vasculhar seus arquivos durante esta pesquisa. Agradeço, de modo especial, à Bete Albano e Vilebaldo Nogueira, por toda a atenção e receptividade, bem como as demonstrações de afeto para com a minha pesquisa.

A equipe do Jornal de Picos, pelo acolhimento, atenção e disponibilização de matérias jornalísticas imprescindíveis para a elaboração deste trabalho.

À minhas irmãs do coração Raquel Sueny e Sarah Alinny, por terem me ajudado durante a graduação de múltiplas maneiras. Amo vocês!

Aos meus queridos amigos Alana Moura e Henrique Borges, pelos inúmeros momentos felizes que compartilhamos juntos ao longo da vida e, principalmente, durante a construção deste trabalho, tornando-o mais leve. Amo vocês!

À Denise Moura, por ser uma amiga maravilhosa e nunca ter me abandonado, apesar das minhas ausências e das correrias diárias.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me incentivaram, direta ou indiretamente, e contribuíram para a realização deste sonho.

Toda cidade é uma lenda; lendas de ferro e cristal  
Ruas de luz e de penas, cenas de fogo e jornal  
Nas esquinas do deserto, as meninas são sereias  
Nas migalhas da televisão eu procuro por você  
São atlântidas concretas baseadas na pobreza  
Babilônias da desconstrução sob a lama dos meus pés  
As cidades são cometas, vão embora porque somos tão sós.

Zé Ramalho

## RESUMO

A presente pesquisa versa sobre a cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990. O foco nesta temática fundamentou-se na perspectiva de analisar o cotidiano, as memórias e sociabilidades em múltiplos espaços que compõem a referida urbe, a partir do olhar feminino. A narrativa foi construída com base em variadas fontes, que incluem depoimentos orais, poesias, imagens, mapas da cidade, jornais e código municipal de postura. A análise dessas fontes e as discussões presentes no trabalho contaram com o referencial teórico de vários pensadores, dentre eles: Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Alessandri Carlos (2007), Michel de Certeau (2008), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Roberto Lobato Corrêa (2000) e Ítalo Calvino (1990) para as questões de cidade; Ecléa Bosi (2003), Michael Pollak (1989), Peter Burke (2000) e Francisco Alcides do Nascimento (2002) para as questões de memória; Sônia Freitas (2006), José Carlos Sebe Bom Meihy (1996) e Verena Alberti (2004) para as compreensões acerca da História Oral; Joan Wallach Scout (1995), Michelle Perrot (2007), Teresa de Lauretis (1994), e Guacira Lopes Louro (2003) para as questões de gênero; Alain Corbin (1987) para as questões das sensibilidades urbanas e Roger Chartier (1990) para as questões de práticas e representações. O trabalho apontou o espaço urbano da cidade de Picos, nas décadas de 1980 e 1990, e as práticas cotidianas desenvolvidas neste, assim como identificou alguns lugares de sociabilidades e as representações sensíveis sobre os mesmos, a partir das experiências femininas emocionalmente vividas.

**Palavras-Chave:** História e Cidades. História e Memória. Cotidiano. Sensibilidades. Gênero.

## ABSTRACT

This research deals with the city of Picos-PI, in the 1980s and 1990s. The focus on this theme was based on the perspective of analyzing the daily life, memories and sociability in multiple spaces that make up the referred city, from the perspective feminine. The narrative was constructed based on various sources, which include oral testimonies, poetry, images, city maps, newspapers and municipal posture code. The analysis of these sources and the discussions present in the work relied on the theoretical framework of several thinkers, among them: Raquel Rolnik (1995), Ana Fani Alessandri Carlos (2007), Michel de Certeau (2008), Sandra Jatahy Pesavento (2007), Roberto Lobato Corrêa (2000) and Ítalo Calvino (1990) for city issues; Ecléa Bosi (2003), Michael Pollak (1989), Peter Burke (2000) and Francisco Alcides do Nascimento (2002) for questions of memory; Sônia Freitas (2006), José Carlos Sebe Bom Meihy (1996) and Verena Alberti (2004) for understandings about Oral History; Joan Wallach Scout (1995), Michelle Perrot (2007), Teresa de Lauretis (1994), and Guacira Lopes Louro (2003) for gender issues; Alain Corbin (1987) for questions of urban sensitivities and Roger Chartier (1990) for questions of practices and representations. The work pointed out the urban space of the city of Picos, in the 1980s and 1990s, and the daily practices developed in it, as well as identified some places of sociability and the sensitive representations about them, from the emotionally lived female experiences.

**Keywords:** History and Cities. History and Memory. Daily. Sensitivities. Genre.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 01:</b> Procissão passando pela praça Félix Pacheco, c. década de 197?.....	35
<b>Figura 02:</b> Ilustração sobre os orelhões de autoria de Fátima, em 1980.....	51
<b>Figura 03:</b> Mapa padrão das ruas de Picos, 2021.....	56
<b>Figura 04:</b> Quadro da feira de Picos (praça Justino Luz), década de 1970. ....	57
<b>Figura 05:</b> Espaço urbano da cidade de Picos, c. década de 198?.....	60
<b>Figura 06:</b> Anúncio do frigorífico Minas Carne, década de 1990.....	62
<b>Figura 07:</b> Mercado de carne na cidade de Picos-PI, década de 1980.....	63
<b>Figura 08:</b> Atual “Beco da Raposa”, em 2019.....	70
<b>Figura 09:</b> Anúncio do carnaval fora de época Picareta II, em 1996.....	77
<b>Figura 10:</b> Divulgação do réveillon do Asa Branca Clube, em 1997.....	81
<b>Figura 11:</b> Reunião de amigos no Asa Branca Clube, década de 1990.....	82
<b>Figura 12:</b> O cinema Cine Spark, da cidade de Picos, na década de 1980.....	87

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Programação dos festejos de Nossa Senhora dos Remédios, 1999.....	33
<b>Tabela 02:</b> Programação do Cine Spark, abril de 1980.....	90

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AABB-Associação Atlética Banco do Brasil

ARENA-Aliança Renovadora Nacional

BEC-Batalhão de Engenharia e Construção

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IMH-Instituto Monsenhor Hipólito

PI - Piauí

PIB - Produto Interno Bruto

PIN-Programa de Integração Nacional

UFPI - Universidade Federal do Piauí

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO - A TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
1.1	Breves reflexões .....	16
1.2	Justificativa.....	17
1.3	Problematização.....	19
1.4	Objetivos, Metodologia e Fontes.....	20
1.5	O referencial historiográfico.....	23
<b>2</b>	<b>PICOS-PI: O COTIDIANO, AS SENSIBILIDADES E INFINITAS REMINISCÊNCIAS.....</b>	<b>30</b>
2.1	A cidade como espaço da saudade .....	31
2.2	A imagem da cidade construída através do olfato .....	38
2.3	A relação do olfato com o crescimento da “cidade-ímã” .....	45
2.4	“A cidade possui sons e eles também informam” .....	48
2.5	O cenário imagético da feira picoense.....	56
2.6	A imagem do bairro mais “chique” <i>versus</i> o bairro mais “pobre”, construída intencionalmente através de suas materialidades e produções discursivas .....	64
<b>3</b>	<b>CARTOGRAFIA SENTIMENTAL DOS ESPAÇOS (IN) TRANSITADOS PELA JUVENTUDE PICOENSE .....</b>	<b>67</b>
3.1	As ruas proibidas .....	68
3.2	O Bar Buraco do Tatu: uma exclusividade masculina .....	71
3.3	Trópicos: “um clube que na época era bem conhecido” .....	73
3.4	A Sociedade Civil Picoense Clube: animações afamadas .....	73
3.5	Samambaia Campestre Clube.....	74
3.5.1	Picareta II: um carnaval fora de época .....	76
3.5.2	A boate Luarada: uma ambientação diferenciada.....	78
3.5.3	A ABBB: privatização e subversão .....	78
3.5.4	A boate Couto 44: segregação e desregramento.....	79
3.5.5	OverNight e Country: danceterias às escuras .....	80
3.5.6	Asa Branca Clube: o melhor réveillon da região.....	81
3.5.7	Salsichão: um trailer singular na cidade .....	83
3.5.8	As tertúlias: uma diversão em casa.....	85

3.5.9 O cinema Cine Spark: uma outra forma de lazer e sociabilidade.....	86
3.5.10 Os circos e parques: uma diversão diferente na cidade .....	92
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO - A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Flanar em busca de respostas para as nossas inquietações é desafiador. O caminho é longo e são demasiados os obstáculos. Cada passo percorrido nos parece, por vezes, infundável. Logo, precisamos ser audaciosos e veementes. Pois, nas andanças da vida enxergamos de tudo, inclusive cidades. No nosso caso, destemidos sobre o que nos aguardava ao longo do trajeto, paramos num lugar que, afavelmente, denominamos de *Picos*. Ali, sob a auréola do sol rutilante que o cobria, vários episódios nos chamaram a atenção. Todavia, o mais intrigante era o cotidiano daquela gente: homens e mulheres, labutando na esperança de dias melhores. Jovens, de diferentes idades, andejando até a Igreja. Outros, ainda, seguindo rumo às praças, feiras, cinema, aos clubes e boates. E tantos outros lugares que apenas idealizamos como seriam seus interiores. Ouvimos, durante essa nossa flanerie, vozes que nos provocaram vários receios. Inclusive, de ficarmos na rua até mais tarde. Decidimos, então, subir até um dos montes que a cercavam. Do alto, notamos que haviam muito mais de que elementos concretos na construção daquela cidade. Existiam também sonhos, desejos, decepções. Assim, com o olhar firme no horizonte, seguimos o nosso longo percurso, guardando na memória as doces e amargas experiências emocionalmente vividas naquela terra querida.

Diante deste prelúdio, antecipamos que a retórica textual dessa narrativa histórica pretende despertar no leitor o desejo de conhecer o cotidiano da cidade de Picos-PI e as experiências femininas nos diversos espaços que a compõe. Nessa visita, o leitor é convidado ainda a extasiar-se com as *sensibilidades* que o envolvem sem, no entanto, perder o olhar crítico presente nos capítulos que constituem o texto.

Nesses fragmentos textuais subsequentes discutimos a temática estudada, o nosso objeto de estudo, os recortes de ordem espacial e temporal, os sujeitos da pesquisa, as questões norteadoras, as justificativas para a escolha do tema, apresentamos os nossos objetivos, as fontes e a metodologia utilizada, assim como revisamos obras e autores que nos forneceram subsídios teórico-metodológicos essenciais para o embasamento das discussões levantadas.

### 1.1 Breves reflexões

Elevada à categoria de cidade em 12 de dezembro de 1890, o município de Picos-PI localiza-se geograficamente no centro-sul piauiense, entre montes picosos, e constitui-se no principal entroncamento rodoviário do Nordeste, ligando o Piauí aos estados do Maranhão, Pernambuco, Bahia e Ceará. Segundo os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística- IBGE (2010), a referida cidade tem atualmente uma população estimada de aproximadamente 78.431 habitantes, distribuídos em uma área de 577, 304 km<sup>2</sup>.<sup>1</sup>

De acordo com a hipótese mais conhecida e aceita pelos cidadãos picoenses<sup>2</sup>, os primeiros indícios de povoamento dessa região datam do século XVIII, sob influência das fazendas de gado às margens do rio Guaribas<sup>3</sup>, de propriedade do português vindo da Bahia, Félix Borges Leal. Por ser uma área considerada fértil para o desenvolvimento de atividades agrícolas, pecuárias e, mais tarde, do comércio, a cidade de Picos-PI recebeu imigrantes de distintas naturalidades, dentre as quais se destacam a portuguesa e a italiana.

Assim, a fixação dos portugueses e italianos em determinadas áreas, que atualmente constituem o centro da referida urbe e a implantação de novas técnicas agrícolas, junto a outros fazendeiros que já habitavam a região, contribuiu significativamente para o desenvolvimento da economia local, pois negociavam-se entre comerciantes de diferentes regiões e estados produtos específicos, dentre os quais se destacavam a borracha da maniçoba, o algodão, o couro e a cera de carnaúba.<sup>4</sup>

## 1.2 Justificativa

A história da cidade de Picos<sup>5</sup> vem sendo tema de algumas pesquisas desenvolvidas nos últimos tempos, sobretudo com a obrigatoriedade das monografias de final de curso na Graduação em História da Universidade Federal do Piauí-UFPI, bem como nos Programas de

---

<sup>1</sup> IBGE, censo 2010. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/picos.html>>. Acesso em 19 out. 2020.

<sup>2</sup> De acordo com a historiadora Mara Gonçalves de Carvalho (2015), existem diversas discussões a respeito do processo de povoamento da cidade de Picos. Há quem defenda que foram os habitantes das fazendas Sussuapara e Samambaia, que idealizaram fundar um povoado na margem direita do rio Guaribas, que ficava rodeado de grandes montes picosos. No entanto, segundo a referida historiadora, a hipótese mais difundida e aceita pelos picoenses é a de que Picos teve origem a partir de Bocaina, que no século XVIII era ligada a Oeiras, então capital do Piauí.

<sup>3</sup> Esse rio, além de ser considerado o ponto principal da economia da cidade, na segunda metade do século XX, também era considerado um ponto de lazer e um local favorável para o desenvolvimento de algumas práticas sociais. Para maiores informações, confira a Dissertação de Mestrado “A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960” de Karla Ingrid Pinheiro Oliveira (2014). Disponível em: <<https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/>> Acesso em 19 out.2020.

<sup>4</sup> Para maiores informações sobre a História e o desenvolvimento da cidade de Picos, confira a Dissertação de Mestrado em História do Brasil “Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)” de Mara Gonçalves Carvalho (2015). Disponível em: <<https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/>> Acesso em 19 out. 2020.

<sup>5</sup> Entre os diversos trabalhos que tomam a cidade de Picos como objeto de estudo, nas monografias de final de curso na graduação em História da Universidade Federal do Piauí, podemos citar “ A GEOGRAFIA DOS DESEJOS: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960” de Karla Ingrid Pinheiro Oliveira (2011) e “Juventude e Lugares de Sociabilidade na cidade de Picos (década de 1980)” de Priscila Moura Ribeiro (2014).

Pós-Graduação da referida instituição. São variados os temas das pesquisas que tomam a urbe supracitada como objeto de estudo, entretanto tendem, em grande medida, a contemplarem em seu aspecto concreto ou sob outros vieses como o da educação<sup>6</sup>, por exemplo.

Propomo-nos assim a realizar este estudo partindo da perspectiva visível, sensível e imaginária, tendo como elemento principal as experiências femininas. Delimitamos essa investigação específica por entendermos que haviam diversas disparidades na cidade de Picos que influenciavam nas sensações com o meio vivido.

À medida em que observamos afetividades intensas por determinados espaços, também notamos uma urbe conservadora, que enclausurava as mulheres dentro de modelos normativos e as privavam de frequentarem certos lugares que, de acordo com o pensamento vigente da época, eram de exclusividade masculina.

A “lacuna” deixada por algumas pesquisas já desenvolvidas nesse âmbito, na qual afirmam que as mulheres sofriam somente restrições econômicas, sociais e etárias nos diferentes espaços urbanos, constitui-se como um dos elementos motivadores desta pesquisa. Assim, ao buscarmos compreender os aspectos do cotidiano picoense, a partir das múltiplas experiências femininas, enquadramo-nos na perspectiva da Nova História Cultural<sup>7</sup>.

Esse tipo de história se apresenta como um espaço multisignificativo, pois abre possibilidades para que tudo o que antes era considerado insignificante, viesse a ser considerado história. A cidade, por exemplo, antes retratada apenas sob o viés econômico ou social, passou a ser abordada com os estudos emergidos na década de 1990:

[...] como um *locus* privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Nesta pesquisa, refletimos também sobre as *sensibilidades urbanas* por entendermos que:

[...] a cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível. A cidade

<sup>6</sup> Entre os trabalhos que abordam outros aspectos da cidade de Picos, nos Programas de Pós-Graduação, podemos mencionar a Dissertação do Mestrado em Educação de Higo Carlos Meneses de Sousa “Um ginásio para a mocidade picoense: Cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971)”. Disponível em: <<https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/2062>>. Acesso em 19 out. 2020.

<sup>7</sup> Surgiu na França, com o movimento da Escola dos Annales, e se contrapondo ao modelo tradicional, busca dialogar com outras áreas do conhecimento.

sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade. (PESAVENTO, 2007, p.14-15).

Ademais, o motivo que nos levou a escolher a figura feminina como protagonista desta pesquisa, foi o fato de a cidade de Picos-PI ser apresentada nas monografias de conclusões de cursos, em grande medida, apenas pela ótica de sujeitos renomados<sup>8</sup>, o que acaba inviabilizando aqueles (as) que sempre tiveram voz, mas que foram/ são silenciados (as), como as mulheres, quando se trata da sua relação com o meio vivido, isto é, de suas experiências.

De acordo com o pensamento da historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2008), essa questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida, além de marcarem a entrada em cena de um novo patamar para a reflexão da História, é extremamente importante para nós porque:

[...] é a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos. (PESAVENTO, 2008, p. 57).

Ademais, optamos como temporalidade as décadas 1980 e 1990, porque observamos que foi esse um período no qual o Brasil se tornou de fato um país predominantemente urbano, e a cidade de Picos-PI completou o seu ciclo de desmembramento, dando origem a maioria das cidades da macrorregião. Também pelo fato de a vasta produção acadêmica está concentrada em períodos mais recuados ao que delimitamos.

Assim, a relevância social e acadêmica desta pesquisa consiste em realizar outro olhar narrativo acerca da história das cidades, com ênfase para a sociedade picoense.

### **1.3 Problematização**

A produção desse novo estudo acerca da *história das cidades*, tendo como foco a cidade de Picos, foi guiada pelas seguintes questões norteadoras: Como se caracterizava o espaço urbano da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990?; Quais são as práticas cotidianas

---

<sup>8</sup> Utilizamos esse termo para nos referir aqueles que, por ocuparem um cargo público ou estarem num patamar mais alto na sociedade, tornam-se pessoas populares. Sendo que esses sujeitos, na maioria das vezes, são homens, perpetuando assim, uma história masculina que secundariza as mulheres, entres outros sujeitos, como pobres, crianças, idosos etc.

desenvolvidas na cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990?; Quais são as representações sensíveis sobre os múltiplos espaços da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990?; Quais são os espaços onde haviam restrições e/ou pouca visitação de mulheres? Como as mulheres picoenses se relacionavam com os múltiplos ambientes da cidade de Picos-PI no referido período? Tais questionamentos conduziram a nossa pesquisa e constituem o problema histórico de nosso estudo.

#### **1.4 Objetivos, Metodologia e Fontes**

O objetivo geral da nossa pesquisa foi analisar os aspectos do cotidiano (Morar/Viver) na cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, a partir das experiências vividas por mulheres em múltiplos espaços urbanos. A partir dessa ideia geral nos propomos ainda a: 1) Descrever o espaço urbano da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990; 2) Identificar as práticas cotidianas desenvolvidas na cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990; 3) Apontar as representações sensíveis sobre os múltiplos espaços da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990; 4) Descrever os espaços onde havia restrição e/ou pouca visitação de mulheres; 5) Apresentar a relação construída pelas mulheres picoenses com os múltiplos ambientes da cidade.

Para alcançar esses objetivos propostos, inicialmente realizamos estudos bibliográficos que versam sobre as temáticas de história, cidades, memória, sensibilidades e gênero com a finalidade de atualizarmos os nossos conhecimentos sobre as mesmas e, de modo particular, sobre a história de Picos.

Em seguida, realizamos uma pesquisa documental no Museu Ozildo Albano, especificamente na *Revista Foco*<sup>9</sup>, datada de 1990, que contém poesias produzidas por mulheres durante o centenário da cidade. Acessamos também o arquivo do *Jornal de Picos*,<sup>10</sup> especificamente as matérias da década de 1990, que pudessem responder algumas das nossas indagações.

---

<sup>9</sup> Revista produzida na década de 1990, por homens e mulheres picoenses, cujos nomes não foram possíveis encontrarmos. A referida revista reúne diferentes informações da cidade, desde assuntos políticos, sociais a desfiles de modas, e encontra-se disponível fisicamente na sede do Museu Ozildo Albano, na cidade de Picos-PI.

<sup>10</sup> Lançado em 21/07/1982, na sede do Rotary Clube, com a presença de muitos picoenses, o jornal de Picos surgiu como uma iniciativa do radialista Erivan Lima e uma equipe composta dos idealizadores Durvalino Leal, José Aristides de Carvalho Neto, João Batista de Barros (repórteres e redatores); José Albano de Macêdo (professor Ozildo Albano), Gilberto Francisco dos Santos, Enéas Leal, José Gilson das Chagas, Odorico Leal de Carvalho, Demóstenes Duarte, e Maria do Socorro Costa (Colunistas). O referido jornal se apresentava como um veículo de comunicação inovador, eficiente e aberto para as divulgações de notícias referentes ao cotidiano e acontecimentos de Picos e macrorregião. Atualmente produz conteúdo jornalísticos de forma online, com atualizações diárias.

Recorremos ainda ao jornal *Macambira*<sup>11</sup>, de arquivo pessoal da Professora Ma. Mara Gonçalves de Carvalho, onde foi possível encontramos um grande número de matérias jornalísticas da década de 1980, relevantes para alcançarmos os objetivos estabelecidos nesta pesquisa.

Também realizamos pesquisas na Internet, através do site de busca Google. Neste, encontramos o Código Municipal de Posturas, digitalizado e disponível para download (endereço eletrônico: <<http://www2.picos.pi.gov.br/juridico/2014/10/lei-1465-1987-codigo-de-postura/>>), matérias jornalísticas, músicas, imagens e artigos científicos.

Entre esse material coletado, destacamos as imagens da cidade de Picos, que foram divulgadas nos links: “Acervo e Memória Picoense” (endereço eletrônico: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense>>), “Foto Varão Memórias” (endereço eletrônico: <<https://facebook.com/FotoVarãoMemórias>>) e “Histórias de Picos” (endereço eletrônico: <<https://www.facebook.com/picos.antigamente>>).

Outro momento da investigação consistiu na realização das entrevistas com mulheres (focamos em autônomas, professoras e donas de casa) que vivenciaram o cotidiano da cidade e que, portanto, têm diferentes experiências com o espaço urbano.

Primeiramente, elaboramos um roteiro de entrevistas amplo, objetivando um maior número de informações acerca da cidade em diferentes tempos históricos. Posteriormente, adotamos um roteiro com questões mais específicas, visando responder diretamente a problemática da nossa pesquisa.

Dividimos, dessa maneira, as perguntas em 4 grupos, a partir dos temas abordados, objetivando respostas para as nossas indagações. Nos embasamos, nesse sentido, no pensamento da historiadora Sônia Maria de Freitas (2002), que considera que “uma entrevista sem roteiro, tende a ser subjetiva e sem dados realmente fundamentais para a pesquisa”. (FREITAS, 2002, p. 91).

As perguntas foram divididas em duas categorias (direta e indutiva e indireta e dedutiva), seguindo os aportes teóricos do historiador José Carlos Meihy (2005). Este considera que, ao fazermos uma pergunta mais específica teremos, possivelmente, uma resposta mais fechada. Diferentemente de quando objetivamos alcançar maiores informações e

---

<sup>11</sup> Fundado em 22 de dezembro de 1975, através da atuação do Projeto Rondon, e de denominação sugerida pelo picoense Ozildo Albano, o jornal picoense *Macambira circulou* entre as décadas de 1970 e 1980, funcionando na sede do Campus Avançado de Picos da Universidade Federal do Piauí, localizado no Bairro Junco. Tinha como redatores e colaboradores, alunos do curso de jornalismo oriundos de Goiás, sendo eles: Prof. José Ubiratan de Moura, Carlos II Rodrigues, Edilena de Barros Velasco, Jurivô do S. Santos Cruz, Iolanda Gonça Lopes e Ilza Garcia Silva.

contextualizamos as questões pois, conseqüentemente, há um maior envolvimento pessoal com a sequência dos fatos e as respostas serão mais completas.

No que concerne ao modelo de entrevistas, optamos pelo tipo *temática*<sup>12</sup>, ou seja, que versa sobre a cidade de Picos em si, o seu cotidiano e as experiências vivenciadas em múltiplos ambientes, no período que compreende as décadas de 1980 e 1990.

Desse modo, estabelecemos como critério de seleção dos sujeitos da pesquisa que esses tivessem vivido em Picos e possuíssem entre 15 a 20 anos de idade, durante as décadas de 1980 e 1990. Isto porque acreditamos que geralmente os jovens, nessa transição para a vida adulta, experimentam diferentes realidades levando em consideração, sobretudo, o meio em que estão inseridos, e por isso têm uma maior probabilidade para memorizar e compreender os acontecimentos à sua volta.

Assim, nos concederam depoimentos orais 6 mulheres picoenses, sendo elas: Edênia da Silva e Sousa<sup>13</sup>, Diva Maria Gonçalves Sousa<sup>14</sup>, Francisca de Sousa Feitosa<sup>15</sup>, Maria Inês da Costa<sup>16</sup>, Vitória Custódia Neta<sup>17</sup> e Romana Maria de Carvalho Veloso<sup>18</sup>.

A quantidade de entrevistadas pode parecer pequena para uma população picoense de 62.000 habitantes em 1980 e de 68.408 habitantes no ano de 1991<sup>19</sup>. No entanto, conseguimos

---

<sup>12</sup> Esse modelo de entrevista, de acordo com o pensamento do historiador José Carlos Meihy (2005) articula, em grande medida, os diálogos com outras fontes, pois partindo de um assunto específico, a mesma compromete-se em esclarecer a opinião do entrevistador sobre algum evento definido. Ainda segundo o referido autor, nesse tipo de entrevista, o entrevistador é livre para expor opiniões contrárias as que foram ditas pelo depoente e assim discutirem, haja vista que a finalidade é elucidar uma versão que é contestada.

<sup>13</sup> A autônoma Edênia da Silva e Sousa, nasceu na cidade de Picos-PI, em 06/07/1967 e residia na rua Monsenhor Hipólito no período estudado. A mesma possui Ensino Médio Completo e atualmente é casada, mãe de dois filhos, possui 52 anos de idade e reside no Bairro São Sebastião, Picos-PI.

<sup>14</sup> A aposentada Diva Maria Gonçalves Sousa, nasceu na cidade de Geminiano-PI, em 10/06/1960. No período estudado, esse era um bairro pertencente a Picos-PI e por isso acreditamos não haver nenhum problema em utilizá-la como sujeito da pesquisa. A mesma possui Ensino Fundamental Incompleto, atualmente é casada, tem 60 anos de idade, mãe de dois filhos e reside em Geminiano-PI.

<sup>15</sup> A autônoma e estudante do curso de Licenciatura Plena em Química do Instituto Federal do Piauí-UFPI, Francisca de Sousa Feitosa, nasceu na zona rural de Picos-PI, no povoado conhecido como Juá, e mudou-se para a cidade em 1984, passando a residir no bairro São José. Atualmente é casada, mãe de dois filhos e reside no Bairro Ipeúras.

<sup>16</sup> A professora e gestora escolar Maria Inês da Costa, nasceu na cidade de Picos-PI, em 22/01/1967. Atualmente dirige à Escola Estadual Pedro Evangelista Caminha, na cidade de Geminiano-PI e é membro do Conselho Municipal da Mulher na cidade de Picos-PI. É solteira, tem 52 anos e reside no Conjunto Habitacional Luiza Gomes de Medeiros.

<sup>17</sup> A autônoma Vitória Custódia Neta, nasceu na cidade de Picos, em 25/10/1968 e residia no bairro Boa Sorte. Possui Ensino Médio Completo, divorciada, mãe de dois filhos e tem 51 anos de idade e atualmente reside no Bairro Ipeúras, Picos-PI.

<sup>18</sup> A dona de casa Romana Maria de Carvalho Veloso, nasceu na cidade de Picos-PI, em 28/02/1962 e residia na Rua Sete de Setembro no período estudado. A mesma possui Ensino Médio Completo, é mãe de três filhos e tem 57 anos de idade. Atualmente reside no Bairro Boa Vista, Picos-PI.

<sup>19</sup> IBGE, censo 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/picos/panorama>>. Acesso em 19 out. 2020.

fazer as comparações necessárias entre esse tipo de fonte e identificarmos as convergências e divergências, de modo que foram atendidos os nossos anseios.

### 1.5 O referencial historiográfico

Na escrita da temática escolhida, muitos estudiosos nos influenciaram por diferentes razões. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2007), escrevendo à luz da Nova História Cultural, nos convida a olharmos para a cidade além da sua concretude, de modo que enxerguemos as novas formas de representações<sup>20</sup> e construamos as nossas próprias pesquisas, sejam elas partindo de uma perspectiva local ou não.

Percorrendo assim por muitos lugares e espaços localizados nos Picos Urbanos, recorreremos aos aportes teóricos de Ana Fani Alessandri Carlos (2007), a fim de compreendermos as disparidades entre esses. Sua visão de geógrafa nos mostra que o espaço só se torna um lugar quando habitamos nele, de modo que esse não pode ser encontrado nas grandes metrópoles, tendo em vista que o vivido está intrinsecamente ligado a afetividade e a intimidade. A referida autora ainda nos apresenta que os lugares em que residimos dizem muito sobre o nosso cotidiano e o nosso modo de viver, pois:

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade - lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 2007, p. 17).

Buscando, nessa perspectiva, refletir como as nossas concepções sobre determinadas cidades são afetadas pelos nossos sentimentos e pelas experiências com as mesmas, recorreremos ainda aos estudos efetivados pelo escritor italiano Ítalo Calvino (1980), este que nos faz entender, sobretudo, a capacidade da literatura em construir cidades invisíveis.

Outrossim, convictos de que a cidade é um ímã antes mesmo de ser um local apropriado para o trabalho e moradia, também enveredamos pelos caminhos da arquitetura e urbanismo e nos amparamos nos subsídios de Raquel Rolnik (1995). Esta considera que as cidades se dão a

---

<sup>20</sup> O conceito de representação utilizado no decorrer da pesquisa está associado ao pensamento dos historiadores Sandra Jatahy Pesavento (2008) e Roger Chartier (1990). A primeira, considera que “representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é apresentar de novo, que dá a ver uma ausência”. (PESAVENTO, 2008, p. 40). Já o historiador francês concebe representação como, fundamentalmente, a “presentificação de um ausente”.

ler através da sua materialidade expressada por meio de símbolos do passado, que permitem ao espaço urbano contar a sua história. Além de ser também política, pois está organizada de maneira coletiva e administrada estruturalmente. Nesse sentido, a referida autora salienta que:

Ao pensar a cidade como ímã, ou como escrita, não paramos de lembrar que construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. Na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento do vizinho ou num veículo de trânsito [...] hoje, este conjunto se define como massa, aglomeração densa de indivíduos cujos movimentos e percursos são permanentemente dirigidos [...] mesmo quando não se trata de massa, quando falamos de cidades menores estão presentes a concentração, a aglomeração de indivíduos, e consequentemente a necessidade de gestão da vida coletiva. (ROLNIK, 1995, p. 19-20).

Além disso, percebendo que Picos-PI se configurava numa cidade articulada e fragmentada e que cada uma de suas partes mantinham relações espaciais com as demais, ainda que sua intensidade fosse variável e o centro funcionasse como o núcleo de toda essa articulação, nos debruçamos sobre os estudos do geógrafo Roberto Lobato Corrêa (2000).

Sendo um dos principais estudiosos das questões urbanísticas no Brasil, o referido autor concebe o espaço urbano como algo subjetivo. Contudo, também afirma que esse se configura num reflexo de ações realizadas no presente e no passado, podendo ser ainda um condicionante da sociedade, assim como:

[...] o lugar onde as diversas classes sociais vivem e se reproduzem. Isto envolve o cotidiano e o futuro próximo, bem como as crenças, valores e mitos criados no bojo da sociedade de classes e, em parte, projetadas nas formas espaciais, monumentos, lugares sagrados, uma rua especial etc. (CORRÊA, 2000, p. 9).

Com o historiador e erudito francês Michel de Certeau (2008), compreendemos que nas caminhadas pela cidade os corpos têm um jeito único de caminhar e as percepções são subjetivas, pois, enquanto do alto pode-se perceber tudo e todos, quando se está imerso na multidão, a visão torna-se limitada. Percebemos também que a observação do cotidiano e de seus detalhes independem da movimentação e dos passos de quem estar observando, pois:

[...] o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetivas algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), do outro aumenta o número de dos possíveis (por exemplo, criando atalhos e desvios) e o dos interditos (por exemplo, ele se proíbe de ir por caminhos considerados lícitos ou obrigatórios). (CERTEAU, 2008, p.165).

Ademais, pelo fato de estarmos trabalhando com experiências emocionalmente vividas e lidarmos diretamente com memórias, fundamentamo-nos ainda nas reflexões da psicóloga e escritora brasileira Ecléa Bosi (2003), do historiador inglês Peter Burke (2000) e do sociólogo Michael Pollak (1989).

Compreendendo a memória como uma forma organizadora, a psicóloga supracitada ensina-nos que ao lidarmos com as memórias através das fontes orais, devemos respeitar os caminhos que os entrevistados vão abrindo, pois estes constituem um mapa efetivo de sua própria experiência ou de determinado grupo.

Sob a perspectiva histórica, Peter Burke (2000) descreve a memória como uma reconstrução do passado e enfatiza que precisamos nos interessar pela memória por diversas razões, por exemplo:

[...] em primeiro lugar têm de estudar a memória como uma fonte histórica, elaborar uma crítica da confiabilidade da reminiscência no teor da crítica tradicional de documentos históricos [...] em segundo lugar, os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico; pelo que se poderia chamar de história social do lembrar [...] as memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade. (BURKE, 2000, p. 72-73).

Do ponto de vista sociológico, o historiador Michael Pollak (1989) enfatiza os não-ditos que se encontram nas lembranças de uns e de outros, cujo silêncio é moldado pela angústia de não ter a oportunidade de ser ouvido ou pelo medo da punição por aquilo que é dito. Também respalda os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos coletivamente.

Apoiamo-nos ainda nos estudos dos historiadores já mencionados anteriormente, Sônia Freitas e José Carlos Meihy, para as compreensões acerca das entrevistas, bem como nos apontamentos da historiadora Verena Alberti (2006), que nos fizeram perceber a grande possibilidade de utilizarmos as fontes orais em nossas pesquisas, mas sem deixá-las de avaliar no momento da gravação e, principalmente, quando essa se torna objeto de análise.

Percebemos, desse modo, que a memória está inerentemente ligada ao conceito de representação, logo foram importantes os estudos do historiador francês Roger Chartier (1990), para a escrita deste trabalho. Pois, o mesmo o concebe como, fundamentalmente, a “presentificação de um ausente” e como algo que envolve diferentes processos, entre eles o de percepção, identificação, legitimação e exclusão.

Roger Chartier (2002) nos ajuda ainda a compreender, através de uma série de reflexões historiográficas e metodológicas, os deslocamentos que transformaram os modos de pensar e de descrever a história nos últimos vinte anos. Esta se apresenta, nesse sentido, como um saber a beira do abismo, o que nos leva a pensar nos seus possíveis limites e nos seus recortes clássicos.

Especificamente, sobre as questões de gêneros, adentramos nas discussões levantadas pelas autoras Michelle Perrot (2007), Joan Wallach Scott (1995), Teresa de Lauretis (1994), Guacira Lopes Louro (2003) e Adriana Piscitelli (2009). A primeira dessas, ajudou-nos a entendermos com maior precisão as construções de diferenças feitas pela sociedade entre o sexo feminino e masculino, e como esse corpo feminino é demarcado nas relações de história, sobretudo, no século XX, nos permitindo assim contextualizarmos com mais consistência as discussões feitas no decorrer desta pesquisa.

Os argumentos defendidos pela historiadora norte-americana Joan Wallach Scott (1995), serviram para ampliarmos nossas percepções acerca da construção dos significados culturais para as diferenças entre os corpos sexuados e, principalmente, o próprio conceito de “gênero”.

Esse conceito, segundo a referida historiadora, assume uma conotação mais centralizada de que o termo mulher, pois pode ser considerado um dos aspectos cruciais para os estudos feministas da década de 1980, no sentido de ter propiciado uma certa legitimidade a esses estudos, assim como pode também ser utilizado para assinalar as relações existentes entre o sexo masculino e feminino.

A historiadora e escritora italiana Teresa de Lauretis (1994), por sua vez ressaltou que durante muito tempo, pronunciar a temática *gênero* significava pensar na diferenciação entre masculino e feminino, e que graças a essa concepção esse conceito sofreu várias limitações.

É importante frisar que, mais precisamente na década de 1980, com o advento dos escritos feministas, esse conceito adquiriu uma nova roupagem, pois os sujeitos deixaram de ser constituídos somente pela diferenciação sexual e passaram a ser incluídos nos códigos linguísticos e nas próprias representações culturais. Partilhando desse pensamento, a antropóloga Adriana Piscitelli (2009), afirma que o conceito de gênero foi “elaborado e reformulado em momentos específicos da história das teorias sociais sobre a ‘diferença sexual’ e foi inovador em diversos sentidos” (PISCITELLI, 2009, p. 123).

Seguindo essa mesma logicidade, aprofundamos nos subsídios apresentados pela autora Guacira Lopes Louro (2003). Mostrando-nos os conceitos de gênero, sexo e sexualidade e contando-nos sobre o feminismo, a estudiosa mencionada vai além e analisa também as teorias

levantadas por feministas, propondo a essas um pensamento plural, ou seja, que não tenham o masculino como a principal referência, assim como nos mostra que os gêneros são abrolhados nas relações de poderes.

A historiadora piauiense Elizangela Barbosa Cardoso (2016), também contribuiu bastante para as discussões levantadas ao longo deste trabalho, ao passo em que aborda os códigos de sexualidades na primeira metade do século XX, na cidade de Teresina-PI, e nos mostra o ideal de feminilidade para jovens mulheres. Assim como a historiadora Karla Íngrid Pinheiro de Oliveira (2014), que, em seus estudos, ajudou-nos a entender a condição feminina na sociedade picoense, nas décadas de 1940-1960, e notarmos a relação desse período com o recorte temporal estabelecido nesta pesquisa.

Nesse sentido, foi possível percebermos algumas permanências de práticas cotidianas<sup>21</sup> dos sujeitos, em especial o desviar-se de determinadas ruas consideradas inapropriadas para moças casaduras, bem como algumas diferenças, sobretudo o desaparecimento de determinados espaços que faziam parte do viver da juventude picoense em décadas remotas.

Buscando ter maior compreensão acerca do espaço urbano, através da percepção sensorial dos sujeitos, conhecemos os estudos de cunho teórico e bibliográfico realizados por diferentes pesquisadores. O historiador francês Alain Corbin (1987), por exemplo, aborda a história dos séculos XVIII e XIX através do olfato, enfatizando que os cheiros que antes passavam despercebidos em torno de 1750, tornavam-se incômodos e provocavam horror na população. Concluindo assim que, por meio desse sentido humano, se pressentia a desintegração de si mesmo e do outro, além de fundar-se uma nova relação entre o homem e o meio em que estava inserido.

Os subsídios da arquiteta e urbanista Milena Kanashiro (2003), nos auxiliaram na compreensão das subjetividades das cidades e no entendimento de como os nossos sentidos podem ser transmissores de experiências emocionais. Já os apontamentos dos estudiosos Thiago Tavares das Neves e Gustavo Leite Sobral (2019), nos serviram para entender a construção de sensibilidades entre os sujeitos e o espaço urbano, assim como as leituras que os corpos fazem do meio em que estão inseridos, pois:

Há construção de sentidos entre os sujeitos que se comunicam e entre o sujeito e o mundo [...] as atividades sensoriais do sujeito são, portanto, fruto da vida em sociedade. O indivíduo cumpre a função de construir seu próprio arranjo sensorial como mundo de sentido. (NEVES; SOBRAL, 2019, p. 49).

---

<sup>21</sup> O termo *Práticas cotidianas* configura-se num dos paradigmas da Nova História Cultural. Esta que redefine, por exemplo, o conceito de cultura, fazendo com que a História a pense enquanto um agrupamento de significados edificados pelos homens na tentativa de explicar o mundo. (PESAVENTO, 2004, p.15).

Sob essa mesma perspectiva, amparamo-nos nas contribuições da geógrafa Márcia Alves Soares da Silva (2018). Esta apresenta-nos uma discussão sobre emoções como um desafio para o debate científico, assim como ressalta que a geografia tem buscado, incessantemente, contribuir na compreensão das emoções enquanto fatos espaciais. Nesse sentido, a referida autora defende que:

Nossa vida acontece, além da relação com as outras pessoas, também com os espaços da vida cotidiana. Tal relação é indissociável, porque somos sujeitos espaciais. O vínculo com o espaço se dá tanto na esfera íntima do corpo e a necessidade de orientação espacial básica [...] e também na construção de espaços de (con.) Vivência. (SILVA, 2018, p. 70).

Para o entendimento de questões locais relacionadas ao processo de povoamento e desenvolvimento, nos embasamos nos estudos da historiadora picoense Mara Gonçalves de Carvalho (2016). A mesma discute em sua Dissertação de Mestrado as transformações econômicas, políticas e sociais da cidade de Picos, na década de 1970, e como tais modificações refletem na perda de identidade e memória.

Por último, e não menos importante, perscrutamo-nos os apontamentos das historiadoras brasileiras Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (2006) e Marly Rodrigues (2003), para contextualizarmos o século em que esta pesquisa se reporta (século XX), e percebermos o protagonismo da juventude mediante às práticas que estavam sendo difundidas aceleradamente no Brasil, quase sempre em cenário urbano, como o cinema, os programas de televisão, a moda, os movimentos musicais, entre outras.

O trabalho foi assim estruturado em dois capítulos que têm os respectivos títulos: **“PICOS-PI: o cotidiano, as sensibilidades e infinitas reminiscências”**. Este capítulo discute o espaço urbano picoense e os aspectos do seu cotidiano de forma mais ampla a partir das memórias e percepções sensoriais dos múltiplos sujeitos que o habitavam/frequentavam. Optamos por esse tipo de análise, porque compreendemos que os sentidos estão por toda a parte e são, portanto, produtos do contexto sociocultural.

Haja vista a nossa pretensão, buscamos estabelecer um diálogo com as variadas fontes coletadas durante a elaboração desta pesquisa, e assim construir uma narrativa que permita ao leitor perceber que a cidade é esse espaço subjetivo que constrói e se reconstrói através das vivências sociais de suas gentes.

O segundo capítulo, intitulado **Cartografia sentimental dos espaços (in) transitados pela juventude picoense**, mapeia especificamente alguns lugares de sociabilidades existentes em Picos e as representações sensíveis sobre esses, nas décadas de 1980 e 1990. Discute assim

as experiências emocionalmente vividas pelas mulheres numa época em que, sendo os corpos das moças de família controlados por seus progenitores, constituindo, portanto, um ideal de feminilidade para as demais jovens de outros segmentos sociais, essas não podiam transitar por determinadas zonas e estabelecimentos daquela urbe.

## 2 PICOS-PI: O COTIDIANO, AS SENSIBILIDADES E INFINITAS REMINISCÊNCIAS

*De teus montes, colinas e serras  
Lindo nome de Picos nasceu  
Fecundando a semente nas terras  
Imponente o jardim floresceu  
(Manuel da Costa Moura<sup>22</sup>)*

No Centro Sul do estado do Piauí está localizada a cidade de Picos, rodeada de cadeias montanhosas e portando um clima quente e seco. Essa urbe se destaca regionalmente pelo fato de possuir o terceiro maior Produto Interno Bruto- PIB do estado<sup>23</sup>, ficando atrás apenas da capital Teresina e da cidade de Parnaíba.

Pessoas de todas as idades que circulam diariamente pelo município concebem-no, na maioria das vezes, como uma referência em termos de desenvolvimento, pois sentem-se contempladas em diversos segmentos, como na área da saúde, educação, geração de empregos, entre outros. Embora essa seja a primeira interpretação que temos deste espaço na contemporaneidade, nossa investigação histórica apontou outras (re) leituras.

Durante as décadas de 1980 e 1990, a referida cidade por ser, em grande medida, provinciana e possuir uma densidade demográfica bem inferior à atual, configurava-se num lugar considerado tranquilo para se viver e frequentar. Essa descrição memorialística que aparece frequentemente nas lembranças fragmentadas dos antigos habitantes, nas poesias, hinos, etc., se opondo ao discurso atual, não parte, no entanto, de inquietações particulares, mas é frutos da coletividade (BOSI, 1983), isto é, resultado do sentimentalismo que os sujeitos, vivendo em sociedade e em diferentes grupos, carregam consigo.

Socializar assim nas lembranças a imagem de algo que não mais podemos observar no momento dando a ver, deste modo, uma ausência, constitui em um dos principais desafios que nós historiadores enfrentamos, enquanto sujeitos considerados detentores do olhar argucioso. Parafraseando o pensamento da historiadora e escritora brasileira Sandra Jatahy Pesavento (2004), que concebe a cidade como um palimpsesto<sup>24</sup> e um enigma que precisa ser decifrado,

<sup>22</sup> Conhecido no meio artístico pelos pseudônimos Guanamby Sonial ou Manoel de Piau, Manoel da Costa Moura foi um poeta, músico e grande contribuinte da cultura picoense, destacando-se principalmente pela autoria do Hino Municipal e por composições que marcaram a geração dos anos 70. Informações disponíveis em <<http://www.jornaldepicos.com.br/noticia>> . Acesso em: 19 de outubro, 2020.

<sup>23</sup> IBGE, censo 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pi/picos.html>> . Acesso em: 19 de outubro, 2020.

<sup>24</sup> Manuscrito em pergaminho que, após ser raspado e polido, era novamente aproveitado para a escrita de outros textos (prática usual na Idade Média). Informações disponíveis em: <<https://www.dicio.com.br/palimpsesto/>>. Acesso em: 26 de dezembro, 2020.

compreendemos que muitos mais de que construir representações sobre o passado, precisamos fazer lembrar, fixar imagens e desvelar sentidos, estabelecer as correspondências, continuidades e descontinuidades.

Nessa articulação entre História e Memória, é interessante percebermos ainda que levar-se em consideração as experiências vividas pelos sujeitos em um determinado período é, sobretudo, uma valorização da oralidade como fonte histórica, pois sabemos que por muito tempo perdurou-se a ideia entre os positivistas e neo-positivistas de que documentos eram [encontrados] somente [n]os grandes arquivos ou [em] bibliotecas.

O historiador Francisco Alcides do Nascimento (2002), sendo uma das principais referências no Piauí nos estudos na área de Cidades e Memória, destaca que ao lidarmos com a oralidade, precisamos desenvolver a prática do saber ouvir, pois:

As pessoas têm as suas lembranças narradas. Não podemos revivê-las porque não compartilhamos da cidade por elas descrita; partilhamos sim de uma cidade onde a relação entre a memória e o esquecimento pode ser objetivada por meio de um discurso. Não podemos esquecer, entretanto, que o espaço de uma rua ou de uma praça funcionam como detonadores das lembranças e também como documento/monumento. (NASCIMENTO, 2002, p.172).

Assim, cientes de que os estilhaços do passado picoense estão por aí, nos sujeitos da cidade, nas paisagens, expressões gestuais, cheiros, sabores, odores, sons e texturas, seguimos atenciosos a nossa caminhada, observando às ações humanas caídas na sombra do esquecimento, refletindo-as e re (construindo) nossa narrativa sobre aquela cidade. Narrativa esta que aponta o suposto provincianismo da urbe, aborda o espaço urbano e analisa as experiências vividas no mesmo, através das percepções sensoriais de suas gentes, levando-se em consideração o diálogo com fontes históricas de diversas naturezas que nos permitem avançar e recuar temporalmente, quando necessário. Portanto, sigais-vos atentos às nossas discussões e interpretações.

## **2.1 A cidade como espaço da saudade**

Sabemos que nós seres humanos sentimos nostalgias de determinados lugares vividos, porque é uma das formas de termos no presente o tempo que já passou. Observamos que esse sentimento melancólico é fortemente retratado pelos poetas e compositores picoenses como um elemento indispensável de visibilidade do passado.

Nos fragmentos do poema a seguir intitulado *Picos*, de autoria da poetisa Célia Neiva de Sousa, escrito sob encomenda para a *Revista Foco*, no ano de 1990, momento em que a cidade completava 100 anos de emancipação política, notamos uma exaltação dos elementos físicos, através de uma espécie de “mapeamento” do fragmentado e articulado espaço urbano de outrora.

PICOS,  
 No ano do teu centenário  
 Faço deste poema um rosário  
 De retrato, de lembranças  
 Que se perderam no espaço  
 Mas que agora estão presentes  
 No meu fraterno abraço.  
 [...]  
 PICOS,  
 De novenas fervorosas  
 De leilões afamados  
 De procissões grandiosas  
 De muita fé, muito amor  
 Ao coração de Jesus  
 E a virgem dos Remédios  
 Santa padroeira  
 Desta terra hospitaleira.  
 [...]  
 PICOS,  
 Que despontas agora  
 Capital de Microrregião  
 Mas tão longe  
 Dos meus sonhos de quimeras  
 Oh! Picos como gostaria  
 Que fosses  
 A menina de outras eras!  
 (SOUSA,1990).

A princípio, podemos considerar que a referida poetisa se aproxima dos cronistas à moda antiga ao se aventurar pelas trilhas da escrita, dirigindo o seu olhar para o cotidiano da cidade, descrevendo-o em linguagem simples e apropriando-se de algumas figuras de linguagem (NASCIMENTO 2002).

Utilizando o termo *rosário* que significa, literalmente, a junção de orações dedicadas à Virgem Maria, e, em seguida, enfatizando a religiosidade, Célia Neiva de Sousa (1990) nos faz perceber que, embora a religião católica seja praticada fervorosamente entre os fiéis da cidade de Picos desde o seu povoamento, nas décadas de 1980 e 1990, houve uma intensificação e um maior engajamento em diferentes atividades por parte da juventude, que enxergava no espaço

da igreja e nos eventos promovidos por esta uma possibilidade de se socializarem. (RIBEIRO, 2014).

O diálogo entre as fontes utilizadas neste trabalho nos fez perceber que o festejo de Nossa Senhora dos Remédios, realizado anualmente na primeira quinzena do mês de agosto, era um dos eventos católicos mais aguardados do ano pelos sujeitos da zona urbana, dos interiores e cidades vizinhas contando, portanto, com uma maior participação da juventude. Geralmente, os novenários em honra à padroeira iniciavam-se no dia 05 de agosto e estendiam-se até o dia 15 do referido mês, finalizando com a missa solene da festa.

Em agosto de 1999, o periódico *Jornal de Picos* divulgou, detalhadamente, a vasta programação de alguns dias do festejo que se realizaria naquele ano, com o objetivo de dar maior visibilidade ao evento e, conseqüentemente, atrair um grande público católico, pertencente ou não a diocese de Picos.

05/08/1999 Quinta-feira	06/08/1999 Sexta-Feira	07/08/1999 Sábado	08/08/1999 Domingo
Confissões 14:00 crianças 15:00 casais 16:00 Reunião do Apostolado da Oração 17:00 Jovens 18:00 Adoração ao Santíssimo Sacramento 19:00 Missa 20:00 Povo em geral	04:00 Alvorada Festiva e Procissão 06:00 Hasteamento da bandeira 12:00 Catedral Ofício da Imaculada Conceição Responsável: Legião De Maria 18:00 Terço 19:00 Novena e Missa na Catedral Pregador: D. Augusto Alves da Rocha, Bispo Diocesano.	17:00 Missa na Igrejinha do Sagrado Coração de Jesus 18:30 Terço 19:00 Novena e Missa na Catedral Pregador: Pe. Manoel Noitário: Setor 01 (Centro, Malva, Boa Sorte, Trizidela, Papelão) Quermesse: Casais	04:00 Despertar dos fiéis e caminhada até a praça Justino Luz. 09:00 Missa na Catedral 12:00 Ofício da Imaculada Conceição 16:00 Missa e Consagração das Crianças 18:30 Terço 19:00 Novena e Missa na Catedral Pregador: Pe. Francisco Bezerra
09/08/1999 Segunda-feira	13/08/1999 Sexta-feira	14/08/1999 Sábado	15/08/1999 Domingo
12:00 Catedral Ofício da Imaculada Conceição 18:30 Terço 19:00 Novena e Missa na Catedral Pregador: Pe. Francisco Borges Noitário: Setor 02 (Bairro Paroquial e Aerolândia)	08:00 as 11:30: Confissões individuais 12:00 Catedral Ofício da Imaculada Conceição 14:00 as 17:00 Confissões individuais 18:30 Terço 19:00 Novena e Missa na Catedral Pregador: Pe. José Frazzani Noitário: Missionários e Renovação Carismática Católica	12:00 Catedral Ofício da Imaculada Conceição 18:00 Terço 18:30 Novena e Missa na Catedral Bênção das chaves Pregador: Pe. David Ângelo Leal Noitário e Quermesse: Rotary Clube e Lyons Clubes. Grande leilão da padroeira	Assunção de Maria e Festa de Nossa Senhora dos Remédios 05:00 Alvorada festiva 07:00 Missa Solene no quadro da igreja Catedral 15:00 Missa na Maternidade 17:00 Procissão de Encerramento da Festa, concluindo com a Santa Missa e dramatização da chegada de Nossa Senhora pelo Grupo Bar Cultural.

**Tabela 01:** Programação do Festejo de Nossa Senhora dos Remédios, em agosto de 1999. Tabela produzida pela autora Nayara Gonçalves de Sousa, em 2020.

**Fonte:** Jornal de Picos, 1990.

Faz-se necessário destacar na tabela acima, que a festa em honra à Nossa Senhora dos Remédios proporcionava aos fiéis diferentes experiências, sendo esses livres para escolherem quais horários e atividades religiosas participariam, pois, como podemos observar, praticamente a todo instante estavam ocorrendo missas presididas por diferentes sacerdotes, confissões para crianças e adultos, alvoradas, terços, quermesses, ofícios<sup>25</sup>, reuniões etc., que ficavam sob a responsabilidade de determinados grupos/ pastorais, instituições e/ou bairros.

Não obstante, outros eventos como a quaresma, período considerado pelos cristãos como um tempo de preparação e renovação espiritual, também eram vivenciados com muito fervor pelos picoenses através de penitências, jejuns e orações, isto é, gestos e atitudes que, segundo os preceitos da religião católica, fazem com que haja uma aproximação entre as pessoas com o amor de Deus.

Em março de 1980, o periódico *Macambira* veiculou a seguinte notícia:

Foi realizada dia 23 uma caminhada jovem com o objetivo de viver a penitência quaresmal e atingir jovens do bairro em geral, mesmo os que ainda não pertenciam aos grupos. O percurso foi do Junco ao povoado de Morrinhos (6 km de distância). Os preparativos estavam acontecendo desde janeiro e uma das condições para participar da caminhada era ter se preparado através de reuniões, debates e reflexões, o que se tornou quase um slogan da caminhada: “É melhor preparar e não participar, do que participar sem se preparar”.  
(CAMINHADA jovem..., 1980, p. 4).

Essa matéria jornalística é bem clara em relação a alguns aspectos. Primeiramente, inferimos que havia, especificamente, por parte da Igreja matriz de Nossa Senhora dos Remédios, um grande desejo em tornar a juventude cada vez mais ligada às atividades religiosas desenvolvidas por suas pastorais, de modo que vivessem em conformidade com os ensinamentos contidos nas Sagradas Escrituras.

Contudo, também era excludente em alguns sentidos, pois, apesar de boa parte dos jovens da época seguirem à risca os ensinamentos de seus progenitores dentro dos próprios lares, vivenciando com muito zelo e respeito os dias considerados santos pela Igreja Católica, isso não significava que tivessem o direito garantido de participarem dos eventos promovidos por essa instituição, por exemplo as procissões/caminhadas, nas quais se fazia necessária toda uma preparação espiritual, que geralmente durava de três a quatro meses e ocorria na Igreja Matriz ou no salão paroquial.

---

<sup>25</sup> Ofício, no sentido religioso, refere-se a reunião das preces que são feitas durante o dia. Informações disponíveis em: <<https://www.dicio.com.br/oficio.com.>>. Acesso em: 27 de dezembro de 2020.

A fotografia (01)<sup>26</sup>, como registro histórico, eternizou uma dessas peregrinações que marcaram a vida religiosa de muitos picoenses, nos permitindo perceber de que maneira os participantes se comportavam em eventos católicos desse tipo.



**Imagem 01:** Procissão passando pela praça Félix Pacheco, c. década de 1970?  
**Fonte:** Foto Varão-Memórias, 2018.

A princípio, nos chama a atenção o expressivo número de mulheres, aparentemente com faixa etária distinta, enfileiradas e com vestimentas que cobriam quase todo o corpo, seguindo destino a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, local este que ocorria o encerramento dessas caminhadas e/ou procissões, com celebrações eucarísticas presididas pelos párocos locais e/ ou visitantes de outras dioceses e paróquias.

Essa maciça presença feminina e a maneira a qual se trajavam com vestes longas, sobretudo nas idas aos templos religiosos, é bastante interessante para pensarmos o ideal de feminilidade difundido nos lugares de produção de corpos (FOUCAULT, 2000), sendo a própria igreja um desses espaços. Sabemos que por limitar a sexualidade à procriação, essa instituição estabelecia normas a serem seguidas pelos corpos que visavam legitimar este

<sup>26</sup> Não temos certeza se a fotografia realmente data de 1970, tendo em vista que na fanpage do facebook “Foto Varão Memórias”, a qual foi retirada, não há nenhuma informação sobre a mesma. Contudo, baseado em outras fontes que mostram a arquitetura e o entorno da praça Félix Pacheco, na década de 1970, como sendo semelhante ao que retrata essa imagem, supomos que essa possa ser desse período, ou seja, de uma década anterior as que estudamos, onde muitos aspectos ainda se mantinham em grande medida, como é o caso da feira, por exemplo.

princípio, contudo, em boa parte dos casos, essas interferências acabavam por estimular o erotismo, uma vez que se mantinha vivo “o desejo das moças em relação aos rapazes e vice-versa” (CARDOSO, 2016, p. 37).

Notamos também na referida imagem a presença de crianças, sempre acompanhadas de alguém, o que acreditamos serem os pais, irmãos mais velhos ou um familiar próximo. Uma das razões que justificavam essa forte presença de crianças em procissões, muitas vezes de longos trajetos, era o desejo que os pais de religião católica tinham em verem desde cedo os seus filhos com uma vida religiosa ativa. Supostamente, isso estaria atrelado também à descoberta da vocação sacerdotal, uma vez que era/é algo bastante prezado e desejado por muitos progenitores, que a enxergam como uma alternativa para a fuga dos prazeres mundanos<sup>27</sup>.

Sob essa perspectiva, convém destacar ainda que o público em geral dessas procissões não era apenas os habitantes do centro da cidade de Picos, mas em grande medida dos interiores pertencentes a referida urbe, pois como lembrou a senhora Edênia da Silva e Sousa (2019) em entrevista para este trabalho:

Quando tinha procissão, essas coisas da igreja num [não] tem?! Vinha era muita gente dos interiores a pé. Participava. Ave maria, eu gostava demais! Era gente, hoje, devido essas religiões ter aumentado o pessoal fica tudo dividido. (Edênia Sousa, 2019).

A maneira como a entrevistada acima se expressa nos faz entender que, além das procissões e missas dominicais, existiam outros eventos que atraíam os fiéis para o espaço daquele templo religioso, como, por exemplo, a visita de um sacerdote de outro estado ou país, que era aguardado com muita alegria, entusiasmo e, sobretudo, curiosidade. Esse último aspecto está relacionado a vinda de párocos estrangeiros<sup>28</sup>, que se instalavam temporariamente na cidade de Picos, na década de 1980, com a missão de pregar o evangelho entre os povos e

---

<sup>27</sup> Como exemplo, podemos destacar Amália, uma mulher considerada de muita fé que dizia a suas amigas que seu maior sonho era que um de seus filhos fossem chamados à vida religiosa sacerdotal e, para isso fazia orações frequentes, sacrifícios e penitências, pois via na figura do padre a pessoa de Cristo. Para maiores informações acerca da história da referida personagem, acessar: <<http://www.radioauxiliadora.com.br/auxiliadora/index.php/artigos01/2777-meu-maior-sonho-e-ter-um-filho-padre>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2020.

<sup>28</sup> Acerca desses párocos estrangeiros que vieram até a cidade de Picos nas décadas de 1980 e 1990, a entrevistada Diva Maria Gonçalves Sousa (2019) recordou-se do italiano Nicolau, cujo sobrenome não lhe veio à mente no momento da entrevista, mas que segundo ela despertou bastante curiosidade entre os católicos, que iam muitas vezes apenas para observar o idioma o qual o mesmo falava que fugia do comum, isto é, do português, no qual estavam familiarizados. Também não foi possível identificarmos nas demais fontes utilizadas nesta pesquisa outras informações a respeito do referido pároco.

chamavam a atenção dos fieis por conta do idioma que se distinguia daquele no qual estavam habituados durante às homilias.

Ainda em relação a fala de dona Edênia da Silva e Sousa (2019), nos atentamos ao termo *muita gente*, porque esse nos leva a perceber que as pessoas não utilizavam o pretexto da distância e/ou a ausência de transportes da época para deixarem de frequentar os eventos de caráter religioso. Também no sentido de que, embora fossem geralmente em grandes grupos de familiares e amigos, conhecessem outras pessoas nessas procissões e, conseqüentemente socializassem entre si, isso não significava que havia sempre uma interação entre todos os sujeitos da zona rural com os participantes da zona urbana. (Edênia Sousa, 2019).

Além desses aspectos já apresentados, questionamos também o porquê de a fotografia ter sido tirada ao lado da praça Félix Pacheco e não próximo à Igreja Matriz, local de saída e chegada dessas caminhadas/procissões. Sabemos que, embora o objetivo do fotógrafo tenha sido, talvez, apenas retratar a dimensão do movimento através do ângulo escolhido, existe a questão da paisagem emocional, pois “interagimos emocionalmente e continuamente com os lugares” (NOGUÉ, 2015, p. 141).

A partir dessa lógica apresentada pelo geógrafo Joan Nogué (2015), e cientes de que sentimos emoções particulares nos diferentes espaços, pressupomos que a razão pela qual o fotógrafo escolheu essa praça em específico pode estar ligada aos sentimentos vividos naquele lugar em algum (uns) momento (s) da sua vida, tendo em vista que a mesma, durante o recorte temporal desta pesquisa bem como em períodos anteriores, era considerada um dos principais *points* da cidade, cujos porquês serão respondidos no decorrer desta pesquisa.

Esses espaços geográficos físicos, segundo a geógrafa Márcia Alves Soares da Silva (2018), além de terem o poder de atração e memórias históricas, também funcionam como um vínculo. Corroboramos com esse pensamento à medida em que observamos em outro fragmento do poema *Picos*, uma descrição acerca da Praça Félix Pacheco a partir de experiências vivenciadas outrora.

PICOS,  
Da praça Félix Pacheco  
Toda enfeitada de flores  
Ninho dos meus folguedos  
E também dos meus segredos.  
(SOUSA,1990).

A própria denominação dessa praça é interessante, porque assim como acontece em outras cidades brasileiras, que nomeiam os logradouros geralmente com nomes de agentes

políticos ou personalidades do mundo público, a nomeação desta trata-se de uma homenagem ao poeta, jornalista, político e tradutor piauiense Félix Pacheco que por muito tempo representou o estado do Piauí na Câmara e no Senado Federal, além de ter sido, no país, o introdutor do sistema datiloscópico (FÉLIX, 2019).

O espaço da Praça Félix Pacheco, de acordo com o fragmento do poema acima e das demais fontes analisadas no decorrer desta pesquisa, configurava-se como espécie de ímã que atraía, reunia e concentrava pessoas (ROLNIK, 1995). Era nela que boa parte da juventude picoense experimentava múltiplas práticas juvenis, desde simples encontros com amigos até os namoros, que geralmente se davam sob o olhar vigilante de seus progenitores.

Embora saibamos que os motivos que desencadeassem às idas a esse espaço público fossem variados, podemos pensar, a partir do fragmento do poema *Picos*, que a vegetação que cobria aquele ambiente poderia também estar relacionada a essa preferência pelo espaço, uma vez que os frequentadores oxigenavam suavemente seus pulmões e se abeiravam da natureza, à medida que tinham contato diretamente com as diversas plantas rasteiras, incluindo a roseira, que compunham o enorme jardim no entorno da praça bem como os carnaubais “que se balançavam no encontro com o vento” (OLIVEIRA, 2011, p. 31).

A leveza do ambiente e o vento suave facilmente sentido sobre a pele de quem se sentava nos bancos ali existentes estavam relacionados ao *tato*, este que, parecendo predominar sobre os demais sentidos, permite que o sujeito perceba o mundo, sinta e experimente a cidade e seja influenciado por ela.

Quanto ao *cheiro* de natureza que podia ser respirado especificamente nesse “lugar de saúde”, ele funciona, segundo a arquiteta e urbanista Milena Kanashiro (2003), como um elemento classificativo do espaço, de modo que permite aos frequentadores reconhecerem e, conseqüentemente, complementarem as informações visuais do ambiente.

## 2.2 A imagem da cidade construída através do olfato

*“A lembrança mais tenaz que guardamos dos lugares está associada aos  
odores dos quais eles são portadores”.*  
(KANASHIRO, 2003)

Corroboramos com o pensamento da autora supracitada, à medida em que identificamos que no espaço urbano picoense, durante as décadas de 1980 e 1990, existiam outros lugares cujas lembranças dos seus antigos frequentadores estão ligadas aos *cheiros* desses ambientes, como é o caso da Praça Josino Ferreira, localizada no bairro centro da cidade. Essa praça

recebeu a denominação em homenagem ao picoense José Josino Ferreira, que vivenciou o regime imperial brasileiro e assistiu aos primeiros anos da República, tendo falecido na década de 1930, após exercer as funções de escrivão, tabelião, deputado provincial, juiz, administrador e ser o primeiro promotor da cidade de Picos (JOSINO, 2013).

A Praça Josino Ferreira, assim como a citada no tópico anterior, era movimentada e reunia, principalmente, os jovens que estudavam no grupo escolar Coelho Rodrigues (primeira escola estadual do município)<sup>29</sup>, localizado onde atualmente é o Museu Ozildo Albano<sup>30</sup>. Em suas adjacências também se situavam residências de pessoas populares na cidade<sup>31</sup> e bares, entre eles o de Zé do Alho, que se destacava na época pela venda de bebidas e cigarros, o que também favorecia a circulação de pessoas naquela área.

Sobre esse espaço público especificamente, a entrevistada Romana Maria de Carvalho Veloso (2019) guarda em suas lembranças a imagem de um ambiente agradável, que exalava cheiro de natureza pura em virtude das suas belas e vastas vegetações que cresciam abundantemente, tornando-o mais aconchegante, a destacar-se o aroma da planta sete copas<sup>32</sup>.

Tinha muita árvore, na praça tinha muita árvore, tinha até aquela.... Tinha até uma planta lá na Praça Josino Ferreira que chamava “sete copas”. Achava lindo aquele pé de árvore porque ele ia crescendo e era uma copa aqui, crescia, aí aparecia outra copa, aí chamava sete copas. (Romana Veloso, 2019).

Essa representação construída acerca da Praça Josino Ferreira não coincide, no entanto, com as que fazem outras entrevistadas. Porém, ao lidarmos com memórias, é preciso que nos

---

<sup>29</sup> Informação extraída da Dissertação de Mestrado em Educação do picoense Higo Carlos Meneses de Sousa, intitulada “Um ginásio para a mocidade picoense: Cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971)”. Disponível em: < <https://repositorio.ufpi.br/xmlui/handle/123456789/2062>>. Acesso em: 25 de dezembro de 2020.

<sup>30</sup> A instalação do referido museu, que surge inicialmente com o nome de Museu João Borges Caminha, tendo como objetivo resguardar a memória da cidade, começou a ser pensada em 1984. Se tratava de uma iniciativa do picoense Ozildo Albano, na época diretor do Departamento de Cultura do Município, junto ao Ministério da Educação e Cultura -MEC e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE.

De acordo com o jornal Macambira, a prefeitura determinava que esse órgão deveria abrigar todas as peças, encontradas tipicamente em museus, além de todas as manifestações culturais da terra. Além disso, deveria ser aberto ao público, pois possuía uma grande variedade de objetos antigos, contava com aproximadamente 1.500 livros sobre os mais variados assuntos e haviam diversos quadros e imagens que acompanhavam 10 gerações da família Albano.

<sup>31</sup> Entre essas pessoas populares que moravam no entorno da praça Josino Ferreira, podemos destacar o nome de Pedro Pio. Sujeito conhecido em toda a cidade pela expressiva quantidade de bens materiais que possuía, entre eles uma residência localizada em frente à referida praça, destinada aos filhos e parentes que vinham concluir seus estudos na urbe Picos, bem como aos lazeres nos finais de semana e dias festivos. A entrevistada Diva Maria Gonçalves Sousa, por exemplo, destacou que costumava chamá-la de *praça de Pedro Pio*, porque sua casa era uma referência naquela área da cidade.

<sup>32</sup> Também chamada de amendoira-da-praia, amêndoa, castanheira, chapéu-de sol, guarda-sol, terminália, figueira-da-índia, entre outras nomenclaturas de acordo com cada região, essa é uma árvore de grandes dimensões que pode atingir 35 metros de altura, cuja copa é bem larga, fornecendo bastante sombra, além de possuir folhas caducas. Informações disponíveis em: <http://pinheiroplantas.com.br>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

atentemos ao fato de que, ao buscarmos uma cidade guardada na memória de alguns sujeitos, é construída uma urbe que pertence a determinado momento, pois as imagens que cada um desses guarda são repletas de significados e lembranças (NASCIMENTO, 2002).

A senhora Maria Inês da Costa (2019), quando questionada acerca desse lugar de memória, o caracterizou a partir do odor fétido de esgoto que exalava em todo o seu entorno, associado a localização geográfica que se dava numa área desprovida de saneamento básico. Segundo ela:

Geralmente tinha muito esgoto de céu aberto né, ali na [praça] Josino Ferreira, por ali, a gente morava perto do Correio e sempre tinha o esgoto a céu aberto. Tinha não, saneamento era mais pro [para o] centro e assim mesmo, às vezes ainda fedia né. (Maria Costa, 2019).

Compreendemos que são subjetivas as maneiras pelas quais sentimos as cidades e seus espaços e, portanto, as divergências existentes em nossas lembranças olfativas podem estar relacionadas a diversos fatores, como a estação do ano, as horas do dia e a percepção de quem está analisando (KANASHIRO, 2003). Além desses aspectos, percebemos que neste caso se tratam também de memórias intrinsecamente ligadas a um motivo específico, isto é, a ausência de cuidados por parte do poder público municipal.

Sobre essa falta de saneamento básico de qualidade, que incidia sobre o espaço urbano picoense durante as décadas de 1980 e 1990, os jornais retratavam comumente através de denúncias feitas pelos próprios cidadãos bem como por visitantes que se instalavam temporariamente nessa urbe. Na notícia abaixo, dois médicos integrantes do projeto Rondon<sup>33</sup>, identificados como Maria da Glória Marreto e José de Oliveira e Silva, descreveram em tom sarcástico para o periódico *Macambira*, as conclusões que tiraram ao se alojarem em Picos no ano de 1982.

Os bons compositores Sá e Guarabira já previam que o “Sertão vai virar mar”. Sempre imaginamos que isso não passava de uma música, até que um dia chegamos a esta cidade.

Que surpresa! As ruas estão alagadas, os esgotos estão sendo jorrados para todos verem e sentirem o odor que exala. Até que é uma boa, pelo menos dessa maneira, e somente assim, o pobre tem fartura de água. Para os porcos e bois não morrerem e, assim poder dar lucros aos seus donos.

---

<sup>33</sup> O Projeto Rondon é um programa desenvolvido pelo Ministério da Defesa, em parceria com outros ministérios e com governos estaduais, municipais e instituições de ensino superior (IES), públicas e privadas. Ele contribui para a formação do jovem universitário como cidadão e para o desenvolvimento sustentável de comunidades pouco assistidas. Informações disponíveis em: <<https://projettorondon.defesa.gov.br>>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

Aliás, é um paradoxo, faltar água nas casas e sobram nas ruas, ou seja, é o retrato fiel de um povo onde as contradições fazem parte integrante e inseparável de nossas vidas. Os galeto de cor negra sobrevoam tranquilamente as casas e nas cumeeiras fazem a pousada “achando graça” da situação que lhe é conveniente. Os vermes são distribuídos gratuitamente nos esgotos, que circulam nas ruas como se fosse o carrão do ano. A única diferença é que aqueles não pagam impostos.  
(O SERTÃO virou mar..., 1982, p. 02)

Outras denúncias feitas por picoenses, cujas identidades preferiram não revelar, também continuavam sendo veiculadas nos meios de comunicação, como é o caso da seguinte matéria que aparece no *Jornal de Picos*, no final da década de 1990:

O pior “cartão de visitas” de Picos está mesmo estampado em quase todas as ruas do centro da cidade: os esgotos a céu aberto.  
 Numa prova cabal de maior falta de higiene do universo, esses esgotos correm célere e abertamente pelos meio-fio de Picos, espalhando doenças de todos os tipos, pois eles são oriundos de fossas, pias, sanitários, banheiros, etc. e, em muitos trechos, ficam estagnados, aumentando ainda mais a incidência de enfermidades mil; prejudicando sensivelmente a saúde pública, sem que ninguém até hoje, tenha tomado a mínima providência a respeito, no sentido de banir, de uma vez pra sempre, esse desatino, essa irregularidade, essa vergonha nordestina, bem picoense.  
 Até mesmo na principal avenida da cidade – Av. Getúlio Vargas – esses esgotos a céu aberto fluem livremente “de ladeira abaixo”, juntando-se aos demais que procedem de diferentes ruas centrais e suburbanas – como se fossem um riacho picoense.  
 O pior de tudo é que essa imundície que emortece o visual de uma cidade do porte de Picos vai direto para o rio Guaribas; e, como este passa a maior parte do ano seco, é justamente ali que todo o esgoto se acumula e fica completamente paralisado, aumentando dia-a-dia o foco de doenças transmissíveis como a cólera, a febre tifoide, o tifo e tantas outras. (ESGOTOS a céu aberto..., 1999, p. 16).

Ao analisar ambas as denúncias, notamos que o olfato revela a verdade íntima, uma vez que os odores não sendo facilmente contidos, acabam transgredindo fronteiras e provocando horrores, pois é através desse sentido que se pressente a desintegração de si mesmo com o outro e funda-se uma nova relação entre o homem e o meio a qual esse está inserido (CORBIN, 1987).

Mas observamos principalmente que eram retumbantes as discrepâncias entre as leis que deveriam reger a cidade com a verdadeira face que essa apresentava. Teoricamente a Lei Municipal nº1465, sancionada no dia 18 de junho de 1987, afirmava ser de responsabilidade da prefeitura a higienização das vias públicas e praças, cabendo aos moradores somente a limpeza das calçadas e sarjetas fronteiriças às suas residências ou estabelecimentos comerciais<sup>34</sup>, mas

<sup>34</sup> Essas determinações aparecem nos artigos 24 e 25, capítulo II, do Código de Posturas do Município de Picos, de 18 de junho de 1987, intitulado “Da Higiene das Vias Públicas”.

na prática observava-se recorrentemente, além do constrangimento provocado pelo odor, a geração de doenças e acidentes em virtude dos esgotos escancarados nas ruas da cidade.

Ademais, percebemos também que a primeira denúncia feita pelos rondonistas, data de anos anteriores a elaboração do Código de Posturas do Município. Contudo, é importante destacar que nesse período a sociedade picoinense já convivía com essas contradições através do discurso político veiculado nos jornais, que os próprios cidadãos também recorriam com o objetivo de tornar público o conhecimento da deplorável situação que lhes assolava.

O periódico *Macambira*, por exemplo, trouxe na edição nº 70, do dia 07 de outubro de 1980, a matéria *Picos em foco*, com as seguintes palavras proferidas pelo prefeito da época Valdemar Rodrigues:

Da limpeza pública não nos temos descuidado, porque entendemos que uma cidade do porte de Picos merece oferecer melhor visual urbanístico aos seus filhos e visitantes. Milhares de metros quadrados estão sendo concluídos, mormente nas ruas periféricas aonde a lama sempre imperou às épocas chuvosas. (PICOS em foco..., 1980, p. 8).

Percebemos que este discurso de cuidado e preservação do visual da cidade ficava apenas no plano da utopia e era um dos meios utilizados para se autopromover publicamente, pois como destacado na segunda denúncia, o problema não era sanado por parte das autoridades públicas e ia muito além de uma aparência física negativa, era também de saúde. Os médicos rondonistas que vinham com o propósito de aplicar diferentes medidas preventivas na população, acabavam prescrevendo, na maioria das vezes, apenas vermífugos para combater as múltiplas doenças provocadas pelos helmintos presentes nas vias públicas, sobretudo em períodos chuvosos, no qual misturavam-se as águas da chuva com as impurezas que escorriam pelas vielas.

Além das inúmeras moléstias que poderiam ser adquiridas facilmente, eram comumente vistos também acidentes no simples ato de flunar pela cidade. Em entrevista para este trabalho, a senhora Maria Inês da Costa (2019) informou que, graciosa com um vestido que usava para ir à missa dominical, abodegou-se ao trafegar pela cidade e tropeçar em uma vala de água fétida e de cor preta que manava pelo seu trajeto, pois:

Naquele período ali, Picos todim [inteiro] era no esgoto né?! Às vezes você passava, pisava o pé no esgoto, sujava a roupa. Lembro uma vez que eu caí né?! Fui passar aí tinha uma pedra eu acabei metendo o pé dentro, tipo um bueiro. Então, os esgotos sempre foram a céu aberto, essa questão de saneamento, ela é muito nova. Num é de muito tempo atrás não. (Maria Costa, 2019).

A fala da referida entrevistada é clara em relação a inexistência de saneamento básico em todo o espaço urbano picoense nas décadas de 1980 e 1990, apesar de ser um período em que a cidade se expandia. Ela pontua que esse serviço de limpeza e manutenção das vias públicas se configura como um avanço recente o que, no entanto, discordamos, pois ao observarmos a realidade de determinadas zonas do espaço urbano atualmente, como é o caso da feira livre, situada na Praça Justino Luz, verificamos que alguns feirantes ainda são obrigados, vez ou outra, a conviverem com situações indesejáveis.

Sobre essas continuidades vistas e sentidas até hoje, a senhora Edênia da Silva e Sousa (2019), relatou uma em particular, a qual passou recentemente com o seu esposo que também é autônomo e trabalha diariamente na praça supracitada:

Se eu te disser que aqui [Praça Justino Luz] não tem saneamento. Aqui quando estoura os canos lá do Banco do Brasil mesmo, todo ano estourava e eles tinham de 6 em 6 meses eu acho, secarem a caixa, tirar a água de lá. Eles soltavam a água aí vinha a podridão pra [para] cá. A gente ia denunciar. Primeiro conversava com o gerente, aí o gerente: mas tem um homem só pra [para] parte de manutenção, mas num [não] sei o que [...]. Aí é com a prefeitura. Aí Caçulo ia na prefeitura, a prefeitura dizia: não, aí é com o banco. Aí, num vai e vem quando tava [estava] conversando com a prefeitura, aí o rapaz foi e falou pra ele: “não, é o seguinte, é porque lá até hoje nunca fizeram saneamento, lá não tem saneamento”. Quer dizer: um banco desse e esses comércios, eles num [não] paga a taxa e é nós que paga, e nunca arrumaram nem nada. (Edênia Sousa, 2019).

A área que a entrevistada menciona engloba não somente a Praça Justino Luz, mas também parte da Praça Félix Pacheco, uma vez que o atual Banco do Brasil está localizado em frente à essa última. Sobre essa zona da cidade em que o referido banco se situa, é importante destacar que durante a década de 1980, o escoamento de dejetos oriundos do morro da Mariana, processava-se de forma natural em várias direções e contaminava, sobretudo as áreas vizinhas.

De acordo com uma matéria veiculada em 31/08/1981 pelo jornal *Macambira*, ao nível da encosta desse morro, o problema crescia aceleradamente e, prejudicava a população pobre, carente e desassistida socialmente que ali residia, além de nas adjacências da escadaria as canaletas de escoamento e as caixas de captação dos dejetos existentes funcionassem de maneira precária. (SANEAMENTO básico..., 1981, p. 2).

Nessa mesma perspectiva, acelerava-se também a poluição, pois o encanamento residencial despejava água e dejetos diretamente nos logradouros públicos, como é o caso do

rio Guaribas que “corria seco em transgressão”<sup>35</sup>, sendo considerado o depósito de todos os entulhos produzidos nos diferentes espaços e estabelecimentos da cidade.

Especificamente sobre esse curso de água que se configurou, outrora, como um dos principais elementos que compunha a moldura da cidade de Picos e o elemento chave de organização sociocultural da região, encontramos uma crítica social feita pelo poeta de pseudônimo Pebinha à *Revista Foco*, cujo objetivo era retratar a realidade e conscientizar os cidadãos sobre a falta de cuidados necessários para a preservação do mesmo.

**Picos, cem anos na história**

[...] O seu bonito Rio Guaribas  
 Banha toda a cidade  
 Água clara e gostosa  
 De grande utilidade  
 Hoje morre à míngua  
 Por falta de humanidade  
 O Guaribas produz alho,  
 Feijão, arroz, banana,  
 Batata, cebola, milho  
 E doce cana caiana  
 Favorece a pobreza  
 Todos os dias da semana  
 (PEBINHA, 1990).

Ainda em relação a referida matéria jornalística, do dia 31/08/1981, mencionada anteriormente que apresentava essas contradições que havia entre o desenvolvimento da cidade e sua realidade social, sobretudo na área onde se observava um movimento bancário operante e um tráfego dinâmico e crescente, o jornal *Macambira* noticiou que:

[...] Somente através de uma política que coloque acima dos interesses partidários e individualismos o bem comum, é que os males poderão ser erradicados. Somente através da mobilização integrada da população picoense envolvendo todas as organizações comunitárias – igreja, associações, sindicatos, entidades culturais, sociais e filantrópicas – exigindo e participando na construção da infraestrutura sanitária de base, é que os picoenses terão as suas famílias protegidas dos flagelos das doenças. Uma política educacional sanitária permanente traduzida em teoria e ação, deve ser uma preocupação constante de todos os picoenses que amam o seu povo e sua terra. Elevar o padrão higiênico da comunidade global, notadamente da população mais marginalizada é um dever. (SANEAMENTO básico..., 1981, p. 2).

---

<sup>35</sup> Trecho retirado do poema “Terra mãe”, escrito pela poetisa picoense Olívia Rufino, no ano de 1990, em alusão aos cem anos de emancipação política do município de Picos.

Percebemos que além de apresentar esse problema coletivo, o sujeito que preferiu não se identificar [d]escreve possíveis medidas que o poder público municipal poderia adotar para livrar seus conterrâneos de muitas moléstias, bem como incentiva a população picoense a se unir juntamente às organizações comunitárias locais para assim terem uma maior força nessa luta que deveria ser travada em prol dos direitos sociais de todos.

Porém, o que é mais interessante de observarmos por trás desse descontentamento dos cidadãos, que procuravam os meios de comunicação para tornar-se mais visível os problemas que lhes afligiam, é o contexto sócio-político da época. O início da década de 1980, no Brasil, período que observamos haver uma intensificação no número dessas denúncias, é fortemente marcado pelo adiamento das eleições que elegeriam novos representantes municipais. Os prefeitos que haviam sido eleitos em 1976 e que deveriam ter seus mandatos encerrados quatro anos depois, de acordo a nova Emenda Constitucional elaborada em 1980, em meio a ditadura civil-militar, deveriam permanecer no poder por mais dois anos<sup>36</sup>.

Embora esse não seja o foco das nossas discussões é interessante percebemos como a insatisfação que crescia fortemente entre a população picoense com esse problema poderia estar atrelada ao prolongamento de uma gestão que não se mostrava preocupada com a imagem da cidade e, tampouco, buscava atender aos anseios de sua gente.

### **2.3 A relação do olfato com o crescimento da “cidade-ímã”<sup>37</sup>**

A cidade de Picos ainda na década de 1970 dava sinais que se expandiria, pois tornava-se atrativa aos olhos de empresas nacionais e estrangeiras bem como do próprio governo brasileiro da época, o presidente Emílio Garrastazu Médice, que prometiam, principalmente aos vários desempregados daquele espaço e da microrregião, a esperança de dias melhores, ao passo em que geraria um significável número de empregos.

Sob essa perspectiva, o primeiro órgão de destaque é o 3º Batalhão de Engenharia e Construção Visconde da Parnaíba, transferido da cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, e instalado em Picos no dia 24 de maio de 1971, após passar por várias etapas como visitação, escolha do terreno e reconhecimento da área<sup>38</sup>. Esse batalhão fazia parte do Programa

---

<sup>36</sup> Para maiores informações acerca desse processo de adiamento das eleições municipais de 1980, acessar o endereço eletrônico: <https://jus.com.br/artigos/81445/o-adiamento-das-eleicoes-municipais>. Acesso em: 28 de dezembro de 2020.

<sup>37</sup> Termo utilizado em referência à dimensão “ímã” que a cidade possui, segundo os estudos realizados pela arquiteta Raquel Rolnik (1995).

<sup>38</sup> Para informações mais detalhadas sobre as etapas de implantação do 3º Batalhão de Engenharia e Construção Visconde da Parnaíba, conferir o artigo “Uma cidade estranha: a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos

de Integração Nacional-PIN, cujo objetivo era integrar as regiões Norte e Nordeste ao restante do país, elaborado pelo então presidente já mencionado, na época membro do partido da Aliança Renovadora Nacional-ARENA.

Segundo o historiador José Eliérson de Sousa Moura (2013), o principal motivo que desencadeou o desejo de que Picos fosse a cidade que abrigaria o 3º BEC, foram os debates nacionais que figuraram, ainda em 1970, que a mesma compunha o “marco zero” da Rodovia Transamazônica e por isso precisaria desse órgão para empreender a construção da referida rodovia nos estados do Piauí e Maranhão, “além de outras estradas, como a que ligava Picos a capital do estado, Teresina” (MOURA, 2013, p. 2).

Discutir essas questões não é, no entanto, o foco das nossas discussões, mas sim como a chegada desses órgãos à cidade de Picos, em bairros mais afastados do centro, alavancando o crescimento urbano, provocaram alterações na relação dos habitantes com o meio vivido, pois compreendemos que “nas cidades, a percepção através do olfato recebe um significado socioespacial” (KANASHIRO, 2003, p. 158).

Não encontramos em nossas fontes informações de que houve muitas alterações nesse sentido relacionadas ao 3º BEC, diferentemente da Indústria Coelho, por exemplo, instalada no ano de 1975 nas imediações da Avenida Senador Helvídio Nunes, bairro Paraibinha, liderada pelo médico, político e industrial pernambucano Nilo de Sousa Coelho e considerada “a maior indústria têxtil do Piauí”<sup>39</sup>.

Ao chegar à cidade, a referida indústria reacendeu em vários homens e mulheres de Picos e região a esperança de uma vida melhor, o que é reforçado principalmente no início dos anos de 1980, segundo informações extraídas do jornal supracitado, que aborda a Indústria Coelho como a empresa responsável pela geração de aproximadamente 730 variados empregos. Estes incluíam a produção de tecidos de algodão, linhas, fios, macarrão, óleo, entre outras atividades, como a operação das máquinas importadas do Japão, Alemanha e Suíça, que faziam parte deste processo de tecelagem. (PICOS tem a maior Indústria do Piauí..., 1982, p. 5).

Esses produtos fabricados em Picos sofriam uma integração ao mercado nacional e internacional, pois eram exportados para países europeus e a outra parte era vendida aos estados de São Paulo e Santa Catarina, faturando assim mensalmente cerca de 260 milhões de cruzeiros. (PICOS tem a maior Indústria do Piauí..., 1982, p. 5).

---

sobre a cidade de Picos durante a década de 1970”, de José Eliérson de Sousa Moura, disponível em: <[https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397498925\\_ARQUIVO\\_Umacidadeestranha.pdf](https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397498925_ARQUIVO_Umacidadeestranha.pdf)>. Acesso em: 29 de dezembro de 2020.

<sup>39</sup> Título da matéria veiculada em 31/07/1982 pelo Jornal *Macambira*, para se referir à instalação da Indústrias Coelho S/A na cidade de Picos.

Porém, o que mais nos chamou a atenção, nesse sentido, foi a poluição que crescia junto a esse polo industrial e prejudicava os moradores dos bairros próximos bem como os próprios funcionários. Como relembra a entrevistada Francisca de Sousa Feitosa (2019):

[...] eu sei que adoecia muita gente porque lá tinha muito pó. Lá trabalhava com algodão, umas máquinas assim que soltava muito pó mesmo e muita gente adoecia, principalmente o pessoal que trabalhava lá em determinados setores, como na parte da tecelagem, de fiação do algodão que tinha muito pó. (Francisca Feitosa, 2019).

Em unissonância com a lembrança da ex-funcionária da Indústria Coelho S/A, encontra-se a matéria intitulada *Bairro Junco sofre com pó*, de cunho denunciativo, veiculada no jornal *Macambira*, no dia 31 de dezembro de 1982, a qual afirmava estar havendo no referido bairro um grande número de casos de doenças respiratórias, como tosse, pneumonia e alergias, decorrentes das impurezas que vinham junto ao algodão bruto. Vejamos o que diz um denunciante, cujo nome não foi identificado:

O bairro Junco, além de enfrentar o problema da falta de um saneamento básico, depara há algum tempo com as consequências de um pó que é expelido durante todo o dia por uma chaminé das Indústrias Coelho S/A. Esse pó existe devido à alimentação das impurezas que vêm no algodão bruto. Acontece que esse pó, além de sujar as residências, traz uma série de doenças, como tosse, pneumonia e alergias.

Os moradores circunvizinhos às Indústrias exigem uma solução imediata do problema, pois chegaram ao local primeiro [...] segundo o médico José Soares Filho, do Hospital Regional Justino Luz, isso deve ser resolvido imediatamente, pois pode causar sérios danos aos moradores [...] sob o ponto de vista do médico, José Soares Filho, “esse pó atingia a mucosa, causando danos pulmonares”. Explica ele que “na criança, a via respiratória é mais curta, sendo, portanto, mais atingida do que um adulto. Afirmo também que já atendeu duas crianças que foram vítimas desse pó, sendo que em uma delas o pó provocou uma pneumonia, enquanto que a outra contraiu apenas uma alergia. (BAIRRO Junco sofre com pó..., 1982, p. 4).

Observamos em ambas as fontes apresentadas, que nessa “cidade subversiva”<sup>40</sup>, que estava se expandindo, o cotidiano tornava-se preocupante, principalmente aos médicos plantonistas do hospital público da cidade, Hospital Regional Justino Luz, que frequentemente relatavam o atendimento de casos associados a esse pó expelido pelas chaminés da indústria e

---

<sup>40</sup> Termo utilizado em referências às subversões a lei por parte dos próprios representantes municipais da época, que em tese afirmavam estarem cuidando do espaço a qual tinham sido eleitos para governarem, mas na prática faziam o contrário.

inalados principalmente pelas crianças, pois ele se espalhava nos bairros vizinhos em decorrência da ausência de recipientes que canalizassem esses detritos.

Em contraposição ao cheiro do pó de algodão, que se apresentava como uma consequência do desenvolvimento urbano, observamos que sentia-se fortemente o cheiro de fumaça ao trafegar pelas ruas da cidade em decorrência dos lixos queimados em muros ou terrenos baldios pelos moradores que, mesmo conscientes de que estavam cometendo uma “infração”<sup>41</sup>, preferiam incinerá-los a ter que conviver com esses dejetos que futuramente lhes trariam maiores problemas.

Desse modo, ao fazermos uma cartografia olfativa da cidade de Picos, nas décadas de 1980 e 1990, levando-se em consideração o diálogo entre as matérias jornalísticas extraídas de ambos os jornais, as poesias e os depoimentos orais, percebemos que eram variados os odores respirados naquela urbe, atribuídos em grande medida a falta de cuidados por parte do poder público municipal. O que acabou contribuindo negativamente para a imagem que se construiu sobre a cidade e que permanece viva na memória de sua gente.

#### **2.4 “A cidade possui sons e eles também informam”<sup>42</sup>**

Assim como os olhos que nos permitem enxergar os elementos presentes na paisagem urbana<sup>43</sup>, e o nariz que nos permite senti-los, os nossos ouvidos também são imprescindíveis para compreendermos a comunicação da cidade. Isso, no entanto, era algo pouco discutido até o século passado, cuja justificativa se dava ao fato de vivermos na era da visualidade e muitas vezes não nos atentarmos ao que os demais sentidos tinham a nos mostrar.

Desse modo, compreendendo que a partir do momento que absorvemos informações, somos afetados pelo mundo, e que a vida nas cidades não foge dessa lógica bem como alguns eventos sonoros<sup>44</sup> que se tornam simbólicos à medida que despertam em nós emoções e/ou

---

<sup>41</sup> Utilizamos o termo “infração” porquê de acordo com a Lei Municipal de 1985, era devidamente proibida a queima de lixos de qualquer natureza em residências ou terrenos na zona urbana da cidade, mas na prática não disponibilizava um transporte para levar esses dejetos a um lugar apropriado para a incineração.

<sup>42</sup> Fragmento extraído do texto “Os sentidos da cidade”, de autoria de Tiago Tavares das Neves e Gustavo Leite Sobral (2019).

<sup>43</sup> Conceito utilizado por Murray Schafer (1991) e corresponde aos ambientes sonoros que invadem a vida cotidiana. Essa é conhecida também como *soundscape* que quer dizer a dimensão acústica do meio ambiente, ou seja, os sons dos lugares, dos bairros, da cidade, etc.

<sup>44</sup> Os autores Tiago Tavares das Neves e Gustavo Leite Sobral (2019), exemplificam esses eventos sonoros como sendo: Sirenes da polícia, de ambulâncias, do corpo de bombeiros que remetem a uma situação emergencial, a um estado de alerta, apitos dos guardas de trânsito indicam que direções ou atitudes devem ser tomadas na ausência de um semáforo, entre outros.

determinados pensamentos, nos propomos a realizar neste tópico uma cartografia auditiva da cidade de Picos nas décadas de 1980 e 1990.

Em décadas anteriores ao recorte temporal desta pesquisa, por exemplo, entre 1950 e 1960, a comunicação urbana em Picos-PI se dava em grande medida por meio de alto-falantes da Rádio Amplificadora *Luar do Sertão*, localizada nas proximidades do Mercado Central. Segundo a historiadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2014), veiculava-se na rádio informações sobre vagas de empregos, ofertas de produtos, aprovações em vestibulares, divulgação do trabalho dos artistas da terra, etc, e, por estar localizada numa parte mais alta da cidade, essas notícias eram ouvidas pelos sujeitos que diariamente circulavam pelas ruas.

Somente em julho de 1979, foi inaugurada na referida urbe a primeira emissora de rádio, denominada *Difusora AM de Picos KHz*<sup>45</sup>, que objetivava levar notícias, entretenimento e serviços de utilidade pública de forma rápida através de uma vasta programação. Porém, um programa em particular, de acordo com as historiadoras Márcia de Araújo Sousa e Nilsângela Cardoso Lima (2018), marcava o cotidiano dos picoenses que residiam na zona rural: o *Correspondente do Interior*.

Segundo as autoras mencionadas, se tratava de um programa pensado para a sociedade do semiárido piauiense, do campo e da cidade, especialmente de Picos e macrorregião, pois vivia-se numa época em que os sujeitos ainda eram, em grande medida, carentes de meios de comunicação e de transportes e muitas vezes, territorialmente afastados de seus familiares, necessitavam mandar avisos com urgências.

Sobre esse serviço de utilidade pública em geral que o *Correspondente do Interior* prestava a população, dona Romana Maria de Carvalho Veloso (2019) relembrou que:

O *Correspondente do Interior* é esse né que a pessoa mandava recado né 11 horas. Mandava notícia, “nasceu fulano”, “fulano tá [está] no hospital, ganhou menino, nasceu bem” [...] Mandar notícia pro interior né, num tinha telefone aí todo mundo tinha rádia [rádio]. Onde a rádia [rádio] alcançava, mandava o recado ou se vinha de manhã pra [para] ganhar neném no hospital né, aí de tarde já passava o aviso: “fulano ganhou neném, tá passando bem”. Aí era assim, era engraçado. Tinha gente que pedia música, mandava recado pras [para as] pessoas pelo correspondente. (Romana Veloso, 2019).

Além do referido programa que ia ao ar às 11 horas da manhã, existiam outros que se destacavam pelo conteúdo que veiculavam, marcando assim o cotidiano da sociedade picoense,

---

<sup>45</sup> Para maiores informações acerca do processo de implantação da Rádio Difusora AM de Picos-920 KHz, ler o artigo de Márcia de Araújo Silva e Nilsângela Cardoso Lima (2018), intitulado “O Correio Radiofônico do Sertão”: difusora AM e o “Correspondente do interior” no cotidiano de Picos e Macrorregião. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/radio-leituras/article/view/1786>. Acesso em: 01/01/2021.

por exemplo, *Manhã Total* (8 horas da manhã e apresentado pelo radialista Erivan Lima), *Informativo Global* (12 horas, também feito pelo radialista supracitado), *Correio Musical* (apresentado por Geraldo Pereira), *Sociedade em Foco* (feito por Gracinha Muniz) e o programa *Igreja Peregrina* (ia ao ar das 11:30 ao meio dia, sob responsabilidade da Diocese de Picos). À noite, a partir das 18:00, o apresentador Geraldo Pereira apresentava a *Hora do Ângelus* e em seguida Elísio Serafim de Souza exibia o programa *Saudade não tem idade* (ARAÚJO; LIMA, 2018).

Observamos que essa era uma programação diária que, levando múltiplas informações voltada para um público diversificado, contribuiu para o desenvolvimento de práticas socioculturais de consumo, além de ampliar a comunicabilidade e interligar às notícias para Picos e macrorregião (ARAÚJO; LIMA, 2018).

Ademais, como ressaltado anteriormente por ambas as historiadoras, o rádio nascia na cidade de Picos em meio a um contexto no qual a comunicação por fio era algo restrito a camada mais abastada da sociedade; esta que muitas vezes, mesmo não dominando ainda a arte de manuseá-los, apropriavam-se de aparelhos de brinquedos para ser bem atendida no comércio da cidade que em grande medida prezava por status. Esse fato é confirmado na matéria a seguir veiculada pelo Jornal de Picos, no ano de 1996:

Embora Picos seja uma cidade em crescente desenvolvimento cultural, ainda existem pessoas que não se adaptaram à telefonia celular. Não os usuários e sim os que almejam postura elevada, pois o uso do aparelho é considerado sinal de status e já existe até pessoas usando celular de brinquedo para ser bem atendido no comércio Picoense. (CELULAR..., 1996, p. 5).

De acordo com o jornal *Macambira*, o sistema de telefonia pública só começou a ser pensado em Picos, no início da década de 1980, e não contemplava a todos, pois a quantidade de orelhões era pequena em relação ao número de habitantes da cidade, fazendo-se assim necessário um levantamento por parte da empresa responsável, Telepisa, e novas adaptações e/ou instalações. (TELEPISA..., 1982, p. 09).

Quando instalados próximos às praças e esquinas esses aparelhos em pequena quantidade funcionavam através de fichas, posteriormente é que foram adotados os cartões telefônicos, e formavam em seu entorno grandes filas de pessoas, que aguardavam ansiosas a comunicação com familiares e/ou amigos de outras regiões do país. Por não haver um tempo

cronometrado para essas ligações, algumas demoravam bastante e provocavam constrangimento em quem estava esperando.



**Imagem 02:** Ilustração dos orelhões de autoria de Fátima, 1980.

**Fonte:** Jornal Macambira, 1980, p.8.

Na ilustração acima, a autora identificada como Fátima fez um registro cômico da realidade que os cidadãos enfrentavam para conseguirem realizar uma ligação nesses aparelhos telefônicos. Observamos um homem que aparenta ser mais maduro ao telefone, um casal que imaginamos ser de namorados, um jovem sentado próximo a uma poça de lágrimas, e uma senhora com algo em mãos, que supomos ser uma linha de crochê, usada como um meio de não ver o tempo passar enquanto chegava à sua vez.

Ainda nesse sentido, é interessante destacar que essas ligações realizadas em telefones públicos geravam outros tipos de constrangimento além dos que já foram destacados, por exemplo, o barulho dos carros de som que costumavam transitar lentamente ou mesmo estacionarem nos locais onde esses orelhões estavam instalados atrapalhando a comunicação.

Sobre essa *Poluição Sonora*, a jornalista Sousa Lélis escreveu ao Jornal de Picos, dizendo que:

Se há uma coisa que atrapalha a vida do piauiense que reside em Picos, deixando-o “nervoso até a alma”, são os carros de som que circulam pelo centro da cidade.

Inúmeras são as reclamações do chamado grande público, haja vista o abuso reinante nesse tipo de propaganda. O que o povo mais detesta é o fato de esses veículos, dotados de dezenas de possantes alto-falantes de som estridente, metálico, de altíssimos decibéis não respeitarem alguns locais importantes,

como portas de hospitais, casas de repouso, delegacias de polícias, estações de rádios, etc.

Entretanto, o que mais importuna o público, é o fato de tais veículos de divulgação estacionarem - ou transitarem lentamente - nos locais onde estão instalados os telefones públicos “orelhões”.

Quando isso acontece, a pessoa que está no aparelho fica totalmente impossibilitada de falar e de ouvir, causando muitos prejuízos, porque, nessa transição, muitos cartões “se acabam” ligeiro, obrigando a pessoa a comprar logo outro (o que nem sempre acontece em suas proximidades) sem se falar na perda de tempo e de oportunidade de telefonar, pois logo vem outro interessado fazer sua ligação.

É preciso que as autoridades, a quem está afeto o grande problema, tomem uma providência adequada, no mínimo obrigando aos proprietários - ou exploradores desse ramo de atividade, a diminuírem suas atividades, então baixar o som que incomoda, prejudica, enerva e faz, do dia-a-dia de uma cidade do porte de Picos, um verdadeiro pandemônio.

A praça Félix Pacheco, por exemplo, é o local predileto para a exploração dessa atividade publicitária. Ali, para aumentar ainda mais o abuso, esses carros de som - particulares e de empresas - chegam a passar uma manhã inteira somente circulando pelo lugar, com a mesma mensagem repetitiva, o que inferniza a vida de todos. (POLUIÇÃO sonora..., 1999, p. 16).

Observamos que a jornalista mencionada, torna público um tipo de barulho que, embora seja comum no meio urbano, segundo ela, gerava incômodo na população, sobretudo naqueles que faziam uso do serviço de telefonia da cidade, pelo fato de extrapolarem o permitido, ao ponto de que quem estava ligando ou atendendo ligação ficava impossibilitado de ouvir. Sobre esses ruídos e sons excessivos que perturbavam o sossego dos cidadãos, o Código Municipal de Posturas proibia os seguintes:

- I- Os de motores de explosão desprovidos de silenciosos ou com estes em mau estado de funcionamento;
- II- Os de buzina, clarins, tímpanos, campainhas ou quaisquer outros aparelhos;
- III- A propaganda realizada com alto-falantes, bombas, tratores, cornetas, etc., sem a prévia autorização da Prefeitura;
- IV- Os produzidos por armas de fogo;
- V- Os de morteiros, bombas e demais fogos ruidosos;
- VI- Os de apitos ou silvos de sereia de fábricas, cinemas ou estabelecimentos outros, por mais de 30 segundos ou depois das 22 horas;
- VII- Os batuques, gingados e outros divertimentos congêneres sem licença das autoridades;

Além dos tipos de comunicações apresentadas que faziam parte do meio urbano, e dos sons que cotidianamente poderiam ser escutados, ainda que muitos desses em tese fossem proibidos, existia também na cidade de Picos, na década de 1990, um sistema de mensagem chamado *Disk Mensagem*. Este, de acordo com o *Jornal de Picos*, atendia à toda a população que o procurava para levar suas mensagens às pessoas queridas, contando assim:

[...] com mais de cem mensagens à disposição do usuário com motivos: amor, aniversário, amizade, saudade, conquista, reconciliação, otimismo, formatura, felicitações, pêsames, datas comemorativas e outros, ao seu critério.

Os responsáveis pelo negócio garantem segurança, pontualidade e qualidade na mensagem, bem como sigilo total no nome da pessoa que solicita o serviço, se for o caso. O preço pelo serviço é uma quantia irrisória e, será cobrado no escritório, na residência, onde o cliente desejar.

O atendimento ao público será de segunda a sábado, no horário das 7:00 as 20:00 e, no domingo, 8:00 as 12:00, sendo que ficará uma pessoa de plantão para o caso de encomendas de serviços fora dos horários de serviço normal, sendo que a mensagem será feita a qualquer hora do dia ou da noite. (DISK-MENSAGEM chega a Picos..., 1996, p.03).

Especificamente sobre esse tipo de som que podia ser ouvido pela cidade, as nossas entrevistadas não comentaram terem sido contempladas com algumas dessas mensagens ou terem presenciado alguém nas ruas e/ou residências recebendo. Mas, segundo elas, as expressões verbais populares entre os sujeitos ao se esbarrarem, como, por exemplo, “ei bichinha” e “ei comadre”, utilizadas para se referir a alguém desconhecido ou pelos feirantes para oferecerem seus produtos, eram interessantes, pois eram típicas da cidade de Picos.

De acordo com dona Maria Inês da Costa (2019), a linguagem falada pelos picoenses tendia para o linguajar popular e associava-se ao português, que na visão da mesma sofre mudanças constantemente. O que em nossa concepção, estaria ligado ao fato de muitas pessoas, sobretudo as de idade mais avançadas, não terem tido acesso à educação escolar e sequer fossem alfabetizadas.

Mas, o que entendemos nesse sentido, é que a cidade se configura num ambiente polifônico, na qual diferentes vozes autônomas se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam (CANEVACCI, 2004).

Ademais, compreendendo que os sons são carregados de intensos simbolismos, notamos que o ronco dos motores dos poucos transportes automobilísticos<sup>46</sup> que circulavam diariamente pela urbe Picos, constituía um dos elementos produtores de sonoridades, pois buzinavam, aceleravam, propagavam notícias, bem como simbolizavam o crescimento da cidade, pois como comentado no início deste capítulo, a referida cidade era em grande medida provinciana, mas começava a se expandir em alguns segmentos, sobretudo no início da década de 1990.

Além do barulho emitido pelos automóveis, podia-se ouvir ainda, principalmente durante o mês de setembro, os batuques dos instrumentos durante as comemorações da

---

<sup>46</sup> De acordo com a análise feita a partir da leitura das nossas fontes, observamos que os carros e motos vistos pelas ruas da cidade eram restritos a classe mais favorecida economicamente e o fato de serem em pequena quantidade, fazia com que os picoenses identificassem facilmente quem eram seus proprietários.

Independência do país, como o bumbo, caixas, taróis, pratos, liras, xilofones, entre outros, utilizados pela Banda Municipal de Música.

Também se escutava, nesse tipo de evento sonoro simbólico, o grito daqueles que eram desassistidos pela sociedade. Como retratou o *Jornal de Picos*, no ano de 1996, vários protestantes se reuniram, vestiram as camisetas de suas respectivas entidades e portando faixas com frases reivindicatórias, foram às ruas da cidade:

Mesmo a contra-gosto dos poderosos, excluídos da sociedade em Picos aproveitaram o desfile de 7 de setembro, na avenida Getúlio Vargas, para realizarem um protesto e exigirem mudanças nas atitudes dos governantes. O bloco contará com cerca de 400 pessoas representando a Igreja Católica, através de suas pastorais, bem como as várias entidades de classes. [...] O desfile do Grito dos Excluídos será dividido em dois blocos: o primeiro de protesto e o outro de reivindicação. Eles protestarão contra a falta de moradia, desemprego, salário mínimo, falta de assistência à saúde, descaso na educação, compra e venda de votos. E vão reivindicar imediata solução para esses problemas, considerados graves. Os participantes do bloco desfilarão vestidos com camisetas de suas entidades e portarão faixas e cartazes com frases de efeito e de cunho reivindicatório [...] (EXCLUÍDOS farão protestos no desfile da Independência..., 1996, p.5)

Observamos nesse panorama sônico-urbano, em um evento cujo público era diversificado, que as vozes ecoadas pelos protestantes era um dos mecanismos utilizados para indicar as lideranças políticas ali presentes e a sociedade em geral e que medidas deveriam ser tomadas urgentemente. Ou seja, a rua assumia o *sentido de reivindicação*, enquanto os sons dotados de simbolismos despertavam sensações mecânicas ou funções sinalizadoras, uma vez que tinham como papel principal reverberar na psique e na subjetividade (NEVES; SOBRAL, 2019).

Na cidade de Picos no período estudado, sons de guitarras também podiam ser ouvidos, pois como afirmara a historiadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2011), desde as décadas de 1940-1960, jovens integrantes de bandas, como *Os Rebeldes* e *Os Leões*, influenciados por artistas internacionais que se apresentavam, sobretudo, no Picoense Clube, com instrumentos que faziam a juventude vibrar embalada pelo Rock'n Roll.

O que é interessante ressaltarmos nessa perspectiva, é como esses sons internacionais, que começavam a ser tocados e ouvidos pela juventude picoense, foram criticados e se tornaram manchetes de jornais, por pessoas que acreditavam que a cultura brasileira estava sendo ameaçada. Um (a) dos (as) redatores (as) do jornal *Macambira*, cujo nome não foi identificado, escreveu ao referido periódico, no qual, ao mesmo tempo em que mostrava a sua insatisfação com esse estilo musical que vinham ganhando notoriedade, também elogiava um dos

apresentadores da Rádio Difusora de Picos, por levar ao ar um programa que valorizava os artistas da região. Dizia ele (a):

[...] O idealizador dessa jornada musical, pessoa muito ligada às coisas de sua terra e a sua gente, parece estar convicto de que é chegada a hora de dizer não ao “estrangeirismo”; de colocar em nossas prateleiras um pouco mais do que é nosso (pelo menos em termos de música) e devolver a quem manda, seus “enlatados”, que vergonhosamente vêm sucumbindo o que ainda há de mais brasileiro nesse país: a nossa música popular.

Parabéns S. J. Leitão, que a sanfona 8 baixos do Sr. Manoelzinho da “pé de bode”, as Rebecas, as Violas, as Zabumbas e tantos outros instrumentos e seus respectivos executores falem mais alto no Estúdio da Difusora de Picos, e abafem o estridente som produzido pelos moderníssimos sintetizadores e os superpotentes instrumentos eletrônicos internacionais. (GENTE e valores de nossa região..., 1980, p.16).

Percebemos na maneira em que a matéria foi escrita uma forte apatia e um intenso desejo em controlar os gêneros musicais que deveriam ser ouvidos pelos picoenses, o que influenciou no surgimento de uma disputa entre os diferentes sons produzidos: de um lado, a sanfona, violões, zabumbas etc. e, de outro, as potentes guitarras, baterias etc.

Sobre essas batalhas simbólicas em torno da formação de novos estilos musicais na segunda metade do século XX, a autora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (2006), explica que:

No universo da música jovem, os elogios e as críticas aos festivais da canção geravam discussões intermináveis. Nesse espaço, desnudavam-se as estratégias midiáticas e de mercado para conquistar a enorme legião de consumidores de todas as idades, num cenário de relativa expansão econômica e de uma certa fragmentação do gosto musical, o que multiplicava as possibilidades do seu preenchimento também pela absorção compulsiva de novidades europeias e americanas. Verifica-se, a esse tempo, certo esgotamento daquela tradição romântica, hoje, boêmia, que predominava no Brasil desde as décadas de quarenta e cinquenta do século passado. (QUEIROZ, 2006, p. 277-8).

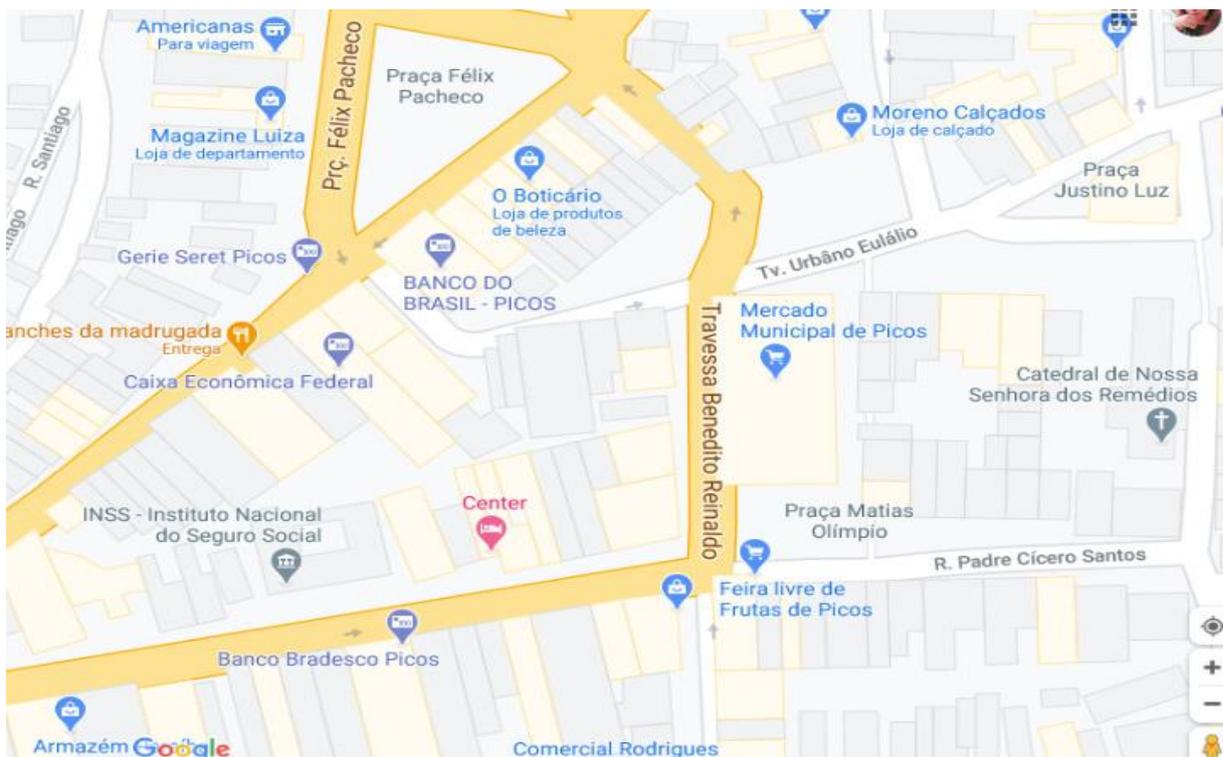
Ainda nessa cartografia auditiva que nos propomos a realizar identificamos que as feiras tão afamadas também produziam os mais diversificados sons. Estes não se restringiam somente as vozes de compradores e vendedores dos mais variados produtos, mas também ao ranger dos animais amarrados, quase sempre no mesmo ambiente em que os transeuntes trafegavam.

A imagem dessas feiras, viva nas memórias de seus antigos frequentadores e descrita nas demais fontes utilizadas bem como esses sons que nela eram emitidos, serão abordadas no tópico subsequente.

## 2.5 O cenário imagético da feira picoense

O panorama urbano em geral é vasto e rico de simbolismos. Nós, enquanto sujeitos, absorvemos os diferentes tipos de imagens e assim construímos as nossas subjetividades, isto é, o sentido urbano por meio dos nossos sentidos. Por exemplo, nas feiras que aconteciam no centro da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, observamos como a exibição e divulgação dos produtos, sobretudo o espaço onde estes estavam sendo comercializados, atraíam a atenção dos frequentadores e, conseqüentemente, fomentavam o consumo ou não destes produtos.

Faz-se mister destacar que, geograficamente, a feira livre de Picos está localizada em uma área que compreende as praças Justino Luz e Matias Olímpio, Travessas Benedito Reinaldo e Urbano Eulálio, bem como a rua padre Cícero Santos. Percebemos que esses logradouros públicos assumem, nesse sentido, a dimensão de *mercado/aquele vínculo à troca com destino* (CARLOS, 2007).



**Imagem 03:** Mapa padrão das ruas de Picos, 2021.

**Fonte:** Google Maps.

Essas ruas e praças mencionadas acima e retratadas na imagem (03), serviam de palcos para as feiras matinais e ofereciam uma miríade de produtos, além de concentrarem os animais usados como meios de transportes pelos feirantes e visitantes, misturando assim diferentes elementos do meio rural e urbano.



**Imagem 04:** Quadro da feira de Picos (praça Justino Luz), década de 1970.

**Fonte:** Acervo e Memória Picoense

Essa mescla entre rural e urbano a qual podemos perceber nesta imagem (04), apesar de ser da década de 1970, mantém fortes relações com o nosso recorte temporal, pelo fato de a feira continuar nas décadas de 1980 e 1990 no mesmo ritmo e mantendo traços semelhantes, isso ocorre, segundo a historiadora Samara Mendes Araújo Silva (2014), porque os sujeitos residentes nas cidades personificam, ressignificam e adaptam práticas consideradas sertanejas.

A matéria abaixo veiculada pelo Jornal *Macambira* descreve minuciosamente como ocorria essa combinação dos elementos de natureza rural e urbana no dia considerado ideal para a realização das feiras.

Todos os sábados, pela manhã, o povo sai às ruas para fazer a feira. Da praça da Matriz, as bancas de verduras, bijuteria, arroz, farinha e de tudo quanto há se estendem barulhentas por entre as ruas. Mas, diferente até mesmo da original feira do “troca-troca” ou das bancas improvisadas de jogadores

astuciosos, se reúnem à vista os símbolos da resistência nordestina. Do lado da Igreja, olhando para um poste (sempre o mesmo todas as semanas), pode se ver o ajuntamento dos jegues. (PICOS EM FOCO, 1981, p. 2).

Acreditamos que o hábito de deslocamento para a feira no último dia da semana se justifica pelo fato de esse ser o dia de maior exposição de produtos dos diferentes gêneros, frutificados nos interiores ou cidades próximas e, portanto, aprazíveis ao paladar e ao bolso dos picoenses. Também porque, no sábado, muitas pessoas já não exerciam mais suas atividades trabalhistas semanais e, assim, tinham mais tempo livre para realizarem suas compras e socializarem com amigos e conhecidos.

Ao fazer referência a acumulação dos *símbolos da resistência nordestina*, seguido de uma menção aos jegues<sup>47</sup>, supomos que a intenção do redator do jornal supracitado tenha sido enfatizar, em grande medida, a figura masculina, em particular a do sertanejo, que, em sua bravura, se deslocava dos roçados até a cidade, montado na cela de seu animal para negociar. E, para isso, fazia uso de táticas, como a recitação de prosas em voz alta, que tinham como finalidade atrair maior clientela em sua barraca e, desse modo, lucrar mais.

Essas estratégias de sobrevivência em meio à multidão adotadas por muitos sujeitos, além de marcarem o ritmo da vida cotidiana, também assinalam, segundo a geógrafa Ana Fani Alessandri Carlos (2007), o limite entre o cheio e o vazio e, por essa razão, coloca-os perante a articulação de espaço e sociedade.

Observamos ainda nesse sentido que os animais citados na matéria jornalística não ficavam apenas próximos à Igreja Matriz, mas também em ruas afastadas, em frente à casa de algum parente ou de uma pessoa popular na cidade, a depender do trajeto percorrido por seus donos. Em entrevista para este trabalho, a senhora Edênia da Silva e Sousa (2019), relatou que:

Tinha assim, o pessoal do interior assim por perto, principalmente ali daqueles lados, das Aroeiras do Matadouro, aqueles cantos de lá. O pessoal vinha de animal, inclusive a casa que eu morava, que era em frente ao estádio [...] tinha uns parentes e conhecidos, eles gostavam de amarrar os cavalos lá na [...] tinha até um pezinho de algaroba. Aí iam fazer a feira. (Edênia Sousa, 2019).

A via pública que a referida entrevistada se refere, localizada em frente ao Estádio Municipal Helvídio Nunes, é denominada atualmente de Rua Monsenhor Hipólito. Todavia, em meados das décadas de 1980, era conhecida como *rua mais rica da cidade*<sup>48</sup>, pois

<sup>47</sup> Quadrúpede utilizado por bastante tempo pelo homem do campo e da cidade como meio de deslocamento-um automóvel seria um bem pouco acessível

<sup>48</sup> Nomenclatura utilizada pela senhora Edênia da Silva e Sousa, em entrevista à autora Nayara Gonçalves de Sousa (2019).

concentrava as residências de pessoas renomadas, incluindo médicos, autoridades políticas e empresários. Essa classificação dada a referida via pública nos leva a perceber que “na rua se tornam claras as formas de apropriação do lugar e da cidade, e é aí que afloram as diferenças e as contradições que permeiam a vida cotidiana [...]” (CARLOS, 2007, p. 51).

Ainda nessa perspectiva, pressupomos que os proprietários dos animais citados em ambas as fontes, amarrava-os nesses pontos estratégicos da cidade, porque temiam as penalidades estipuladas pelo Art nº 92, do Código de Posturas Municipal de 1987, que proibia a seguinte prática:

- I- Os animais encontrados nas ruas, praças, estradas ou caminhos públicos serão recolhidos ao depósito da municipalidade.

O Art nº 105, do referido Código Municipal, também coibia os atos de:

- I- Transportar nos veículos de tração animais, cargas ou passageiros de peso superior às suas forças;
- II- Sobrecarregar animais com peso superior a 150 quilos;
- III- Montar animais que já tenham a carga permitida;

Entretanto, esse “amedrontamento” não englobava todos os criadores, pois diversas vezes as subversões à lei foram temas de matérias jornalísticas. Em 19 de Junho de 1990, o *Jornal de Picos* noticiou o seguinte fato:

[...] no caso de Picos, é bastante visível o movimento de animais nas vias públicas, como ruas, avenidas e praças. Além de atrapalhar o tráfego normal de veículos e pedestres, os animais emporcalham a cidade através de esterco jogados em plena rua. Tal situação não está sendo solucionado pela Prefeitura Municipal de Picos, através da Secretaria de Serviços Urbanos, no sentido de notificarem aos seus donos a não deixarem seus animais soltos e, caso este não tome as providências, caberia à Secretaria apreender os animais no curral municipal, que em sua maioria são jumentos, vacas, cachorros e porcos. (ANIMAIS estão presentes nas BRs e vias públicas..., 1990).

A notícia de caráter informativo e denunciativo se reporta aos animais abandonados nos logradouros públicos por seus donos, provocando além de constrangimento, bastante perigo para os moradores e visitantes da cidade que, em seu cotidiano, faziam diferentes usos dessas vias. Percebemos, assim, que mais uma vez é reforçada a contrariedade que havia por parte do poder público municipal no que concerne à elaboração e a prática das leis orgânicas. O que nos leva a imaginar que a inaplicabilidade de tais leis, talvez fosse o principal pretexto utilizado por muitos desses criadores para se apropriarem das vias públicas e fazerem dessas as estadias de seus animais.

Na representação imagética a seguir, podemos acompanhar essa presença animalesca no espaço urbano da cidade em um dia, provavelmente de feira, mas guiados por seus proprietários.



**Imagem 05:** Espaço urbano da cidade de Picos, c. década de 1980.

**Fonte:** Acervo e Memória Picoense, 2012.

Ao lado esquerdo da imagem, notamos que os proprietários dos animais estão próximos uns aos outros, o que nos leva a imaginar que residiam na mesma região e estavam na cidade somente a passeio, pois não levavam consigo nenhum artefato. Ao centro, observamos uma carroça presa ao animal, conhecido como *burro de carga*, portando um objeto na sua parte superior e um sujeito que o conduz a um destino por nós desconhecidos, mas que semelhante aos demais, porta camisa de cor clara, calça e chapéu e percorre uma via pública.

Analisando essa imagem, não conseguimos identificar se havia afinidade entre esses sujeitos ao se esbarrarem na rua, já que estavam um pouco afastados. Contudo, especificamente no quadro da feira livre, as relações que se constituíam entre picoenses e visitantes eram intensas, apesar de a maioria não possuírem nenhum parentesco. “Pois, pareciam até parente, que só via mesmo nas feiras, dia das feiras. Era aquela alegria! Hoje é só “oi”, “oi”. Os tempos mudam né?!” (Edênia Sousa, 2019).

Notamos que o sentimento nostálgico perpassa a fala da entrevistada à medida em que ela enfatiza as disparidades nas relações dos cidadãos de outrora e da contemporaneidade. A expressão “parecer parente”, nesse contexto, está associada à reciprocidade, alegria e sintonia vista entre aqueles que se encontravam somente num dado momento.

Diferentemente da expressão *oi* que, de acordo com a fala da entrevistada Edênia da Silva e Sousa, (2019) remete as saudações frias e a ausência de gestos fraternos e afetuosos que na atualidade se tornaram frequentes, pois as pessoas se fecham cada vez mais intramuros e a casa desempenha a função de preservar a individualidade.

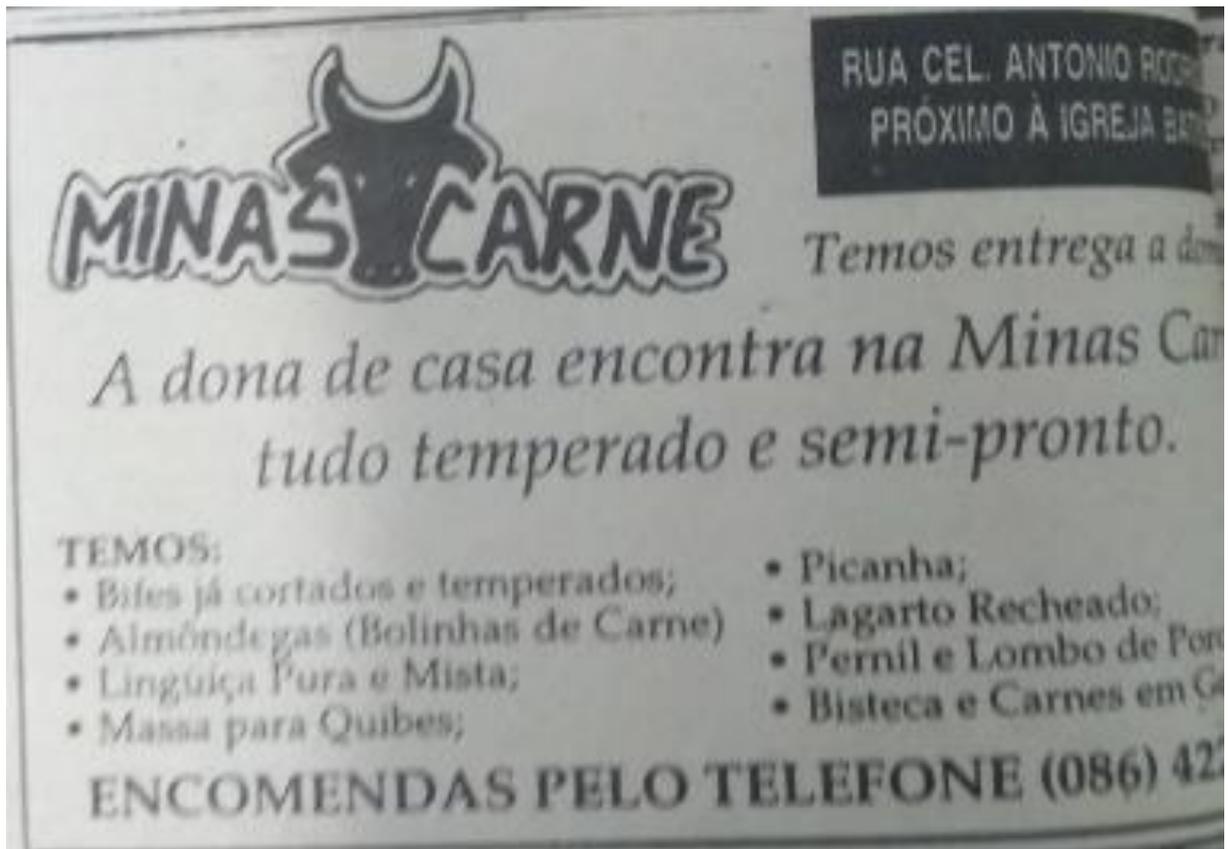
Sobre esse último aspecto visto e sentido, sobretudo nas grandes cidades, a autora Ana Fani Alessandri Carlos (2007) explica que:

Na rua, o comportamento das pessoas e suas estratégias de sobrevivência na multidão que configura a grande metrópole marca o limite entre cheio e vazio. Os homens se movem em meio às ruas abarrotadas de gente, tendo a solidão ao seu redor onde os sinais de trânsito coordenam a passagem do tráfego os passos dos pedestres, “regendo a orquestra da cidade”. (CARLOS, 2007, p. 55).

Além disso, nesse cenário imagético da cidade a qual nos propomos a apresentar, identificamos ainda que se faziam presentes, sobretudo nos jornais que estavam em circulação, anúncios de produtos, estabelecimentos e transportes que chegavam à urbe com a função voltada ao consumo. Sobre as propagandas frequentemente vistas e ouvidas das mais variadas formas, o autor Armando Silva (2011) pontua que:

Todo o seu imaginário está disposto para o consumo, mesmo que às vezes falhe, e ao tornar-se auto referência da sua figuração mais do que o produto, ela atua de maneira similar à arte. Mas, por princípio, sua imagem é utilitária. Ela usa todos os recursos para fisgar o outro e torná-lo consumidor. (SILVA, 2011, p.8).

Concordamos com o pensamento de Armando Silva (2011), à medida em que observamos, por exemplo, anúncios que instigavam, sobretudo às donas-de-casa, a irem até determinados estabelecimentos, pois lá encontrariam carnes temperadas e semiprontas que facilitaria o seu dia-a-dia, principalmente para aquelas que conciliavam o trabalho e os afazeres domésticos.



**Imagem 06:** Anúncio do frigorífico Minas Carne, década de 1990.

**Fonte:** Jornal de Picos.

Reparamos também neste anúncio que o referido frigorífico estava localizado no centro da cidade, próximo às ruas e praças as quais se estendiam a feira livre. Não identificamos se o público de ambos era o mesmo, contudo, supomos que esse local tenha sido fundado pensando justamente nessa questão da proximidade com a feira livre que poderia, então, facilitar uma maior quantidade de vendas e comodidade a população. Além de ser também um estabelecimento que passava a concorrer com o açougue municipal.

Compactuamos desse pensamento, porque identificamos que muitos sujeitos, sobretudo aqueles que vinha da zona rural auferirem suas aposentadorias, deslocavam-se até o Mercado de carne, atual Açougue Municipal, localizado na Avenida Getúlio Vargas, para realizarem suas compras de carnes, frutas e verduras.



**Imagem 07:** Mercado de carne na cidade de Picos-PI, década de 1980.

**Fonte:** Jornal Macambira.

O Mercado de carne, como representado imagetivamente acima era, no entanto, um recinto, que de acordo com o jornal *Macambira*, não cumpria as exigências estipuladas em relação a purificação diária do ambiente, e boa parte de seus comerciantes, inconscientes ou não quanto a proporção do problema, jogavam os entulhos junto à água, o que acabava ameaçando a saúde de sua clientela. (CONDIÇÕES precárias do mercado de carne...,1981, p.4).

Ainda sobre esse contexto visual e de forte apelo publicitário utilizado por diferentes estabelecimentos e/ou pessoas visando o consumo, os autores Thiago Tavares das Neves e Gustavo Leite Sobral (2019), apropriam-se do conceito de *atrator*, empregado na física e utilizado pelo antropólogo Massimo Canevacci (2008), e explicam que a função dos anúncios, sejam eles expostos em jornais, outdoors, grafites, placas, vitrines, etc., é unir o objeto de desejo com o olhar.

É nesse sentido que entendemos que, a partir das imagens visuais e dos *atratores* que nos impulsionam ao consumo, vamos construindo o sentido urbano por meio dos nossos sentidos, mas também compreendemos que “a paisagem urbana é construída por si mesma, em razão da natureza, efeitos do tempo e apropriação impensada; e por planejamento e intenção, porque é também ação do homem” (SOBRAL; NEVES, 2019, p.55).

## **2.6 A imagem do bairro mais “chique” versus o bairro mais “pobre”, construída intencionalmente através de suas materialidades e produções discursivas**

Perceber determinada urbe na interação cidadão-cidade, na organização de seus edifícios, ruas, usos e ocupações de seus espaços, constitui uma das tarefas primordiais a quem se dedica aos estudos da área de cidades, pois todos esses elementos formam e caracterizam o ambiente urbano.

Entendemos também que na cidade, onde torna-se possível lermos suas materialidades, fixam-se memórias que, de acordo com a arquiteta Raquel Rolnik (1995), não se dissipam nem mesmo com a morte, pois as construções e suas arquiteturas além de conterem as experiências de quem o construiu, também denotam o seu mundo. Ao nos apresentar essa possibilidade de leitura e análise do espaço urbano, a autora supracitada ressalta ainda que podemos levar em consideração também os discursos que foram/são produzidos em seu contexto.

Neste caso, partiremos de ambas as perspectivas, pois buscaremos apresentar de que maneira as alterações urbanas que se processavam na cidade, sobretudo com a criação de dois bairros opostos em diversos aspectos, mas intencionalmente pensados, influenciaram nos sentidos que passaram a circular por toda a urbe. É sabido que realizar esse tipo de análise tornou-se possível com o advento da Nova História Cultural, que ampliou as possibilidades de investigações sobre o espaço urbano e permitiu que nós historiadores trabalhássemos com os diferentes significados e levássemos em conta as experiências do viver citadino (PESAVENTO, 2007).

Assim, na cidade de Picos, ainda na segunda metade da década de 1970, circulou no jornal *Macambira* uma matéria em que um empresário de nome Ozildo Amâncio Pereira, lançava uma promoção do loteamento Jardim Natal, garantindo que esse seria o “bairro mais chique” da cidade, pois teria uma seleção rigorosa de seus habitantes. (JARDIM Natal..., 1976, p. 9).

Selecionar moradores para determinados espaços, segundo os historiadores José Elierson de Sousa Moura e Francisco de Assis de Sousa Nascimento, configurava-se numa prática que atravessava as instâncias de poder institucionalizadas desde o início daquela década e que, portanto, “pensar um perfil de habitantes para áreas específicas, foi algo corriqueiro, diante do ideal de “ser moderno” que envolvia a cidade” (MOURA; NASCIMENTO, 2014, p. 282).

Compartilhamos do pensamento de ambos os autores citados anteriormente e identificamos que junto a criação do bairro Jardim Natal, enquanto uma área de exclusividade

da população mais favorecida economicamente, crescia no imaginário de alguns cidadãos o questionamento sobre o destino dos “pobres urbanos”. Estes, de acordo com o processo de reordenamento feito por algumas instâncias de poder, entre elas a Igreja Católica, deveriam ser encaminhados para zonas mais afastadas do centro da cidade.

Embora fossem apresentadas pelo padre alemão Henrique Geraldo Martinho Gereón e pelo bispo austríaco Alfredo Schaffler diferentes justificativas para a criação do bairro Paroquial, mais afastado da zona urbana, dentre elas a ameaça que as residências do bairro Trisidela representavam, sobretudo nos períodos chuvosos, onde o rio Guaribas costumava transbordar e inundá-las, consideramos que o principal motivo para que isso tenha acontecido, foi o fato de que a cidade, naquele momento, se modernizando e se expandindo territorialmente, não combinaria com a pobreza que ali existia, ou seja, seria uma coisa antagônica.

Ao fundar o bairro Paroquial, sob a iniciativa dos padres mencionados, a partir da compra de um terreno com dinheiro adquirido com conhecidos dos mesmos na Alemanha, com ajuda da prefeitura e da própria igreja católica (MOURA; NASCIMENTO, 2014), notamos que a estrutura das residências construídas continuava seguindo o mesmo “padrão” de antes, ou seja, eram feitas de taipa e cobertas de palha. Essa condição socioeconômica dos moradores fez com que se criasse em torno dessa parte da cidade, que até então não compunha o perímetro urbano por estar afastada do centro, a imagem de um espaço ameaçador, através dos discursos internalizados por boa parte dos cidadãos.

A entrevistada Edênia da Silva e Sousa (2019), por exemplo, confessou nunca ter se relacionado com pessoas de lá, mas sentia medo, pois “naquela época num [não] era tanta droga, era maconha e mais cachaça mesmo” (Edênia Sousa, 2019). Essa imagem pejorativa também fazia parte do imaginário da entrevistada Maria Inês da Costa (2019), que nos afirmou ouvir frequentemente dos pais e familiares a expressão: “não pode ir no Bairro Paroquial não, que lá no Bairro Paroquial se você entrar, você não sai” (Maria Costa, 2019).

Fica evidente nesses discursos, portanto, a imagem negativa do bairro, na qual pobreza e violência eram associadas, isso era algo que não ficava restrito somente a população residente no centro da cidade, mas se espalhava também entre os moradores da zona rural e cidades próximas, refletindo em alguns casos até mesmo na contemporaneidade.

Esses estigmas, as maneiras de caracterizar o outro e de ver os habitantes de determinados lugares, segundo o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007):

[...] foram pensados e produzidos em outro momento, em outro contexto histórico, motivado por situações diferentes das de hoje, mas que, no entanto,

continuam se repetindo em opiniões, imagens e estereótipos, que não sabemos direito de onde vem e, o pior muitas vezes achando que aquilo que dizemos é uma realidade incontestável, naturalizando assim o que não é natural. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 19).

Todavia, o que é mais interessante de observamos é que por trás dessa iniciativa em afastar os pobres da zona urbana para uma área mais distante, estava a questão do reordenamento social, que era realizado através de atividades de cunho religioso desenvolvidas pelos sacerdotes, como por exemplo, recitação de terços, catecismos, etc., cujo objetivo era que tanto a criança quanto o adulto não se enveredasse pelos caminhos da ociosidade.

Em meio a produção discursiva que se criou sobre o bairro Paroquial, resultando em estigmas que podem ser vistos até hoje, bem como essas “estratégias” em aproximá-lo mais dos ensinamentos cristãos, o que percebemos é que tudo isso são resquícios da concepção de pobre que permeou no Brasil no final do período imperial e início da República, atrelada a ideia de criminalidade, difundida pelos detentores do poder da época, pela própria mídia, médicos sanitários, etc., de que todo pobre era perigoso e ameaçador da ordem social. (CHALHOUR, 2001).

Ademais, observamos ainda nesse sentido que esses discursos preconceituosos que foram construídos e cotidianamente disseminados entre os cidadãos, relacionados as características físicas de determinados bairros, residências e condições socioeconômicas de seus moradores, se estendem também para questões ligadas a preservação da honra feminina. Essa, no entanto, será uma abordagem do próximo capítulo, no qual discutiremos os espaços públicos e privados que as mulheres picoenses eram proibidas de frequentar e os motivos utilizados pela sociedade conservadora para justificar tais restrições.

Assim, em meio aos diferentes aspectos abordados neste capítulo, sob uma perspectiva que foge ao que estamos habituados, notamos o quão o espaço urbano picoense das décadas de 1980 e 1990 era subjetivo e como as múltiplas memórias eternizadas pelas nossas entrevistadas que percebiam e sentiam a cidade estão associadas a diferentes razões. Isso nos levou a perceber, principalmente, que os sentidos urbanos estão por toda a parte e constituem arquivos documentais, que assim como os outros tipos de fontes, têm muito a nos dizer e a nos fazer refletir.

### 3 CARTOGRAFIA SENTIMENTAL DOS ESPAÇOS (IN) TRANSITADOS PELA JUVENTUDE PICOENSE

As relações que construímos com os múltiplos espaços que compõem a cidade não se restringem apenas a aquilo que enxergamos ou que os nossos corpos são capazes de sentir, são também permeadas de emoções a partir do que vivenciamos de maneira subjetiva cotidianamente.

A geógrafa Márcia Alves Soares da Silva (2018), ao discutir sobre os lugares emocionalmente vividos, explica que:

O espaço vivido é reivindicado como um espaço de valores. Este não é um escopo neutro, mas um produto ideológico (cultural, social, econômico), portanto, um campo de confronto de valores. Por isso, estudar o espaço vivido não é apenas fazer a pergunta "Como as pessoas vivem neste espaço?", mas concentrar-se nas relações de representação, que são invisíveis porque não são exploradas. Para ir além do espaço como suporte, mas abordar a noção de representação (imagem) do espaço, é necessário fazer uma nova pergunta "Como as pessoas veem esse espaço?" (SILVA, 2018, p. 73).

A partir dessa provocação feita pela autora supracitada, e compreendendo que o nosso recorte temporal (1980-1990) concentra-se numa época em que as jovens não tinham liberdade de transitarem por toda a cidade, segundo os parâmetros socialmente construídos que ditavam o que caberia ou não a mulher, nos propomos a cartografar alguns espaços de lazer e de sociabilidade existentes em Picos, a partir das experiências emocionalmente vividas pelas nossas entrevistadas.

Enquanto no primeiro capítulo buscamos discutir a relação feminina com a cidade de forma mais ampla, levando em consideração suas subjetividades e percepções sensoriais, neste segundo capítulo enfocaremos, especificamente, os espaços culturais e as relações de gênero. Implícita ou explicitamente essa é uma abordagem que conjugará todos os sentidos que foram discutidos anteriormente, pois como já destacado, esses estão por toda parte.

Infelizmente não foi possível encontrarmos fotografias de todos os espaços que serão apresentados adiante, porém isso não nos impossibilitou de discutirmos e conhecermos suas especificidades, bem como relacioná-los com as discussões acerca de outros lugares situados em cidades distintas e que também faziam parte da juventude brasileira da época.

Deste modo, o (a) leitor (a) é convidado a conhecer esses espaços de lazer e sociabilidades picoenses (in) transitados, que na contemporaneidade existem, em sua maioria, apenas nas lembranças de quem os frequentou ou apenas idealizou como seriam.

### 3.1 As ruas proibidas

Sabemos que as moças de família, sobretudo durante o século XX, sendo “exemplo”, para as jovens de camadas sociais mais abastadas, tinham seus gestos, jeitos e corpos adestrados desde cedo, pois ainda na infância eram ensinados no ambiente familiar e escolar como deveriam se comportar publicamente. Caso contrário, ou seja, se os atos não compactuassem com o ideal de feminilidade ditado pela sociedade conservadora, tanto os pais quanto os irmãos que já intervinham em seus comportamentos disciplinando-as, poderiam também as punir. O corpo nesse sentido era visto, principalmente, como um lugar de violência física (FOUCAULT, 2000).

Em Picos, durante as décadas de 1980 e 1990, essas jovens eram orientadas a não trafegarem por determinadas vias públicas, por exemplo, na Rua Nova e Rua Velha, atual Rua São Pedro e São Vicente, para que não fossem mal vistas pela sociedade, pois naquela área concentravam-se os principais prostíbulos da cidade.

A senhora Maria Inês da Costa (2019), quando questionada sobre essa zona feminina proibida, retratou que:

[...] tinha um espaço ali, entre a Rua São Pedro e a Rua Nova chamado de “cabaré”. Os cabarés, lá era onde os homens iam buscar as mulheres fora do casamento né?! E ali, mulheres que fossem vistas naquela época nessas mediações aqui, elas não eram mais consideradas mulheres puras, entendeu?! Pra você ver, no ano de mil novecentos e oitenta e pouco já prevalecia essa questão da mulher, ela ser [...] já apareceu a época da mulher, ela não ser bem vista em alguns ambientes sociais. (Maria Costa, 2019).

Os cabarés destacados pela entrevistada acima, como comércio da libido, eram comuns desde épocas remotas, como respalda a historiadora Karla Ingrid Pinheiro de Oliveira (2014), e faziam parte da juventude masculina, que buscava nesses espaços entretenimento e trocas de experiências com as meretrizes, geralmente após despedir-se de suas namoradas, estas que deveriam se recolherem às nove horas da noite para suas residências. As moças de família não podiam extrapolar os horários determinados pela própria sociedade, porque tinham que:

[...] conservar a pureza, e a preservar sua integridade. Eram comparadas à Maria, mãe de Jesus, portanto, deviam ser imaculadas, puras e virgens. As moças da vida estavam associadas à Eva, símbolo do pecado original, causadora dos males da sociedade. (OLIVEIRA, 2014, p. 127).

Embora a historiadora acima esteja se referindo a décadas anteriores ao recorte temporal desta pesquisa, observamos que no período que compreende os anos de 1980 e 1990, além de continuar existindo a proibição nessa “zona ameaçadora” da honra feminina, outros locais da cidade também não eram considerados apropriados para as moças de família, como destaca a senhora Edênia da Silva e Sousa (2019):

Num [não] sei se tu já ouviu falar num Espaço Aberto [...] Era tipo assim: era ali por perto, por trás do estádio [...]. Por ali. Todo final de semana tinha um forrozim lá que *só dava aquele povo mesmo* que num [não] podia a gente frequentar. Tinha, mas não ia, tipo assim, porque eu tinha medo de falarem e vergonha, porque naquela época [...] e de alguém me ver assim, aí não ia. Mas era bem frequentado, toda sexta-feira e sábado tinha um forrozim tipo pé-de-serra. (Edênia Sousa, 2019 – grifo nosso).

A entrevistada supracitada referiu-se ao termo “Espaço Aberto” para denominar um espaço de lazer, o qual, no momento da entrevista, não se recordou a verdadeira denominação. Mas, à medida em que informou que se tratava de um espaço localizado atrás do Estádio Municipal Helvídio Nunes, inferimos que esse estava situado onde atualmente é a rua São Sebastião. Essa rua, além de ficar atrás do estádio, situa alguns estabelecimentos hoje bastantes conhecidos na cidade de Picos, como o colégio São Lucas, Premem e a Panificadora Duvale.

No que concerne à expressão *aquele povo mesmo*, esta nos chama a atenção e nos leva a deduzir que se tratavam de pessoas distintas ao seu ciclo de amizade. Isto é, de classe social baixa, residente nos bairros periféricos da cidade e, principalmente, onde existia a presença de *mulheres da vida* naquele ambiente. Percebemos assim que as *Evas*<sup>49</sup> da sociedade picoense já não ficavam mais restritas somente aos prostíbulos, como era comum nas décadas anteriores, mas já se deslocavam também para outros espaços, sobretudo aqueles abertos e que reuniam um expressivo número de frequentadores.

Nessa perspectiva, outros aspectos também chamaram a atenção na fala da entrevistada acima. Enquanto ela afirma que sentia desejo e curiosidade em conhecê-lo, mas tinha vergonha e medo da população vê-la dentro de um ambiente considerado inapropriado para as *moças*

---

<sup>49</sup> Eva, de acordo com os ensinamentos cristãos, é a primeira mulher da humanidade a desobedecer aquilo que Deus havia determinado ser proibido. Utilizamos, no contexto das discussões porque em Picos, nas décadas estudadas, haviam aquelas mulheres que evitavam determinados lugares, companhias e comportamentos, pois se resguardavam para o casamento, este que deveria ter a virgindade como elemento principal, pois isso para o pensamento da época significava que a moça era pura. Bem como existiam aquelas mulheres que fugiam dos padrões impostos pela sociedade e, portanto, eram consideradas prostitutas. Outras denominações também podem aparecer no decorrer deste capítulo, como: *moça falada*, *mulher da vida*, etc. A semântica, segundo a historiadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (2006), permite vislumbrar núcleos de tensão ao redor dos novos comportamentos, ao mesmo tempo usufruídos e poucos desvelados.

*puras*, notamos que ela faz uma descrição do local partindo da experiência de outros sujeitos, isto é, de pessoas que frequentavam assiduamente e lhe relatavam as práticas desenvolvidas bem como o público que aquele espaço reunia.

De acordo com a historiadora Sanda Jatahy Pesavento (2007), à medida em que imaginamos determinados locais, criamos automaticamente uma representação que se impõe como verdadeira e concreta, pois os nossos sentidos nos permitem entender a realidade e percebê-la de determinada maneira, visto que o imaginário é:

[...] esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas. (PESAVENTO, 2007, p. 11-12).

Ademais, em outras partes da cidade também era comum a presença de meretrizes e, portanto, não eram vias públicas dignas da circulação das jovens que se resguardavam para o casamento, principalmente as que moravam na zona rural, onde desde cedo eram ensinadas por quais ruas poderiam trafegar quando fossem até a cidade. Neste sentido, destacamos o “Beco da Raposa” mencionado pela senhora Diva Maria Gonçalves Sousa (2019), que se localizava nas proximidades da igreja matriz e da feira livre.



**Imagem 08:** Atual “Beco da Raposa”, em 2019.

**Fonte:** Arquivo pessoal de Nayara Gonçalves de Sousa, 2019.

Através dessa representação imagética, percebemos que o beco, no seu sentido literal, constitui-se na contemporaneidade um espaço cuja distinção entre os sujeitos não é mais notória, pois os boxes que antes abrigavam bares e prostíbulos atualmente deram lugar a lojas de roupas e calçados e, de um lado e outro, a restaurantes pertencentes ao mercado municipal bem como a pequenos armazéns. Esse beco, além de abrigar também bancas dos mais variados artigos, como sandálias, arranjos para animais e utensílios domésticos, funciona ainda como uma via de acesso entre a praça Justino Luz e a feira das frutas, localizada na Travessa Benedito Reinaldo.

Sob essa perspectiva, observamos também que as moças casadouras não eram proibidas apenas de circularem por determinadas vias públicas, mas principalmente de cumprimentarem alguém em suas caminhadas pela cidade, fosse com gestos ou toques físicos. A senhora Maria Inês da Costa (2019) acentuou esse enclausuramento dentro de modelos normativos, afirmando que:

Abraço não existia, como eu tô [estou] te dizendo. Era muito raro a gente ver uma pessoa se abraçando ao outro [...]. Se hoje vocês pensam isso, imagina antigamente. A aproximação das pessoas era tão restrita que nem amigos poderiam estar se cumprimentando. Na verdade, ninguém tinha amigo como a gente hoje tem, de sentar numa calçada, de conversar, não. “Ele é meu amigo”. Esse negócio de ‘fica’ hoje, nunca existiu. (Maria Costa, 2019).

Ao passo em que a referida entrevistada descreve a sua relação com os habitantes da cidade, enfatizando as restrições sofridas, sobretudo nos círculos de amizade, nos questionamos acerca dos espaços de sociabilidade, isto é, quais eram, o que ofereciam, qual público contemplavam e qual o tipo de sentimento que as nossas entrevistadas construíram com os mesmos durante a juventude, a partir de suas experiências. Essas são provocações que responderemos nos tópicos subsequentes, à medida em que serão apresentados tais espaços, suas características e as formas de lazer proporcionadas pelos mesmos, no período que compreende as décadas de 1980 e 1990.

### **3.2 O Bar Buraco do Tatu: uma exclusividade masculina**

O Bar *Buraco do Tatu*, localizado na Praça Justino Luz, onde atualmente é a Loja Moreno Calçados, se tratava de um espaço cujo público alvo era o masculino. Neste, era comum a realização dos mais variados jogos, bem como o consumo de bebidas alcoólicas, cigarros e muita prosa, onde as mulheres consideradas *direitas* jamais poderiam frequentar.

De acordo com as informações concedidas pela entrevistada Francisca de Sousa Feitosa (2019), que afirmou nunca ter adentado suas instalações, mas conhecer apenas a fachada e a fama dele, esse não era grande em termo de estrutura, era apenas um corredor, onde dava a entender que a sua parte interna era pequena. Porém, suficiente para abrigar os homens picoenses que lá iam procurar uma diversão, não encontrada em outros locais da cidade, e longe da presença feminina.

Tinha um bar que era muito antigo aqui que só frequentava homem, um tal do Buraco do Tatu. Lá era assim, tipo um corredor... aqui (atual Moreno Calçados) entrava também aí era [...] não tinha, só tinha uma casa aqui aí os caras entravam pra ficar brincando bingo, jogo, essas coisas aqui. Aí mulher não podia nem se aproximar, era só homem mesmo. (Francisca Feitosa, 2019).

A partir dessa descrição feita pela entrevistada acima, observamos que esse espaço possuía semelhanças com o *Bar do Pipoca*, existente nos anos 1960 em Picos. Esse último “era um local onde os rapazes se encontravam com os amigos para jogar conversa fora, beber, fumar e jogar os mais diversos jogos de azar” (OLIVEIRA, 2014, p. 91). Além disso, era um espaço que permeava o imaginário das mulheres picoenses, estas que passaram a construir a imagem de como seria aquele ambiente internamente.

Acerca da sexualidade dos corpos e dessa proibição das mulheres em determinados espaços privados ou até mesmo em espaços públicos, esses estavam associados obviamente a regulamentação por códigos comportamentais, ou seja, os corpos femininos educados a seguirem o padrão dos gestos comedidos, terem instintos controlados e, sobretudo, afeição ao lar. Tais fatores favoreciam o casamento e, futuramente, os papéis de mãe, esposa e rainha do lar ideal (PERROT, 2013).

Nesse sentido, a autora supracitada, respalda também que o próprio corpo da mulher é amedrontável, logo “[...] é preferível que esteja coberto de véus. Os homens são indivíduos, pessoas, trazem sobrenomes que são transmitidos. Alguns são “grandes”, “grandes homens”. As mulheres não têm sobrenome, têm apenas um nome” (PERROT, 2013, p.17). Percebemos com isso as relações de poder, enquanto as mulheres deveriam resguardarem-se, mantendo a castidade e o recato do lar na sociedade, a figura masculina podia e deveria viver a sua sexualidade normalmente.

Compreendemos ainda, que o fato de não haver vínculos com aquele ambiente, esse também se tornava para as jovens picoenses um espaço, segundo Marc Augé (2012), que se configurava como um não-lugar. Em contraposição, para os homens esse era um lugar, pois os mesmos desenvolviam relações com o ambiente e com os demais usuários que o frequentavam, estabelecendo assim vínculos afetivos.

### 3.3 Trópicos: “um clube que na época era bem conhecido”<sup>50</sup>

O clube Trópicos, localizado no centro de Picos, mais precisamente nas imediações da atual Escola Técnica Estadual Petrônio Portela-PREMEM, se tratava de um ambiente tranquilo no qual homens e mulheres, em grupo de amigos, frequentavam geralmente após as missas na Igreja Matriz, nos domingos de manhã e “ficavam lá dançando” (Francisca Feitosa, 2019).

Neste, assim como em outros clubes, era comum a presença de bandas locais que subiam ao palco animando as manhãs dos finais de semana e feriados, além de danças, bebidas e petiscos. Percebemos, nesse sentido, que a Igreja Católica, direta ou indiretamente, funcionava como uma mediadora para as diversões ocorridas nesse clube, pois era a partir das idas às missas que muitos jovens aproveitavam para pedir a permissão de seus pais para irem até lá, ainda que tivesse um tempo cronometrado para se divertirem e retornarem para seus respectivos lares.

Como respalda a entrevistada Vitória Custódia Neta (2019):

[...] Depois das missas das sete nos domingos, a gente vinha pra praça, era de costume todo mundo ficar andando, rodando, conversando, grupinhos de amigos... Depois a gente ia pra um clube que na época era bem conhecido que era o Trópicos. (Vitória Neta, 2019).

Embora a referida entrevistada não tenha concedido mais informações sobre o clube Trópicos e não tenhamos obtido nenhum outro documento que também o mencionasse, o que concluímos a partir do que foi coletado é que esse era, portanto, um ambiente sadio e livre de violências, além de ser destinado quase que exclusivamente para a juventude, pois não contava com muita opção de lazer para as crianças e/ou adolescentes.

### 3.4 A Sociedade Civil Picoense Clube: animações afamadas

A Sociedade Civil Picoense Clube localizava-se na rua Monsenhor Hipólito e foi fundada ainda no ano de 1954 através de uma sociedade entre militares e civis, no qual se destacava pelos agitados carnavais que geralmente ocorriam em dois dias de muita animação e descontração. Algumas pessoas frequentavam também esse espaço nos finais de semanas e feriados, como era o caso de dona Edênia da Silva e Sousa e Romana Maria de Carvalho Veloso (2019) que se divertiam, conforme a liberdade que lhes era permitida e retornavam para suas casas em horários diurnos definidos, por exemplo, no domingo às 13:00. Diferentemente de

---

<sup>50</sup> Caracterização do referido espaço de sociabilidade feita pela entrevistada Vitória Custódia Neta, em entrevista à Nayara Gonçalves de Sousa, 2019.

outras jovens que só poderiam frequentá-lo em determinadas datas comemorativas e/ou apresentações de colégios.

O fato de serem recorrentes essas restrições dos pais não permitirem que suas filhas saíssem sozinhas ou acompanhadas para festas, faziam com que muitas moças da época se casassem bem cedo, como foi o caso da entrevistada Maria Inês da Costa (2019):

Eu mesmo me casei cedo pra [para] ver se eu tinha mais liberdade, só que devido eu ter tido uma experiência tão boba, eu achei que era pra [para] ter mais liberdade e, no entanto, não foi né? Eu casei, já tenho 21 anos de separada, eu criei 3 filhos praticamente sozinha. Então, é ilusão: ah, eu vou me casar pra mim ter liberdade, sair de perto de meus pais. Besteira! Idiotice! (Maria Costa, 2019).

Notamos na fala acima que a liberdade procurada no casamento, não passou de uma utopia, pois o fato de engravidar bem cedo e o ciúmes do próprio companheiro fez com que a entrevistada permanecesse a mesma rotina de antes.

Além desses aspectos já apresentados, faz-se necessário destacar ainda nesse contexto, que o fato de a Sociedade Civil Picoense Clube ser exclusiva em grande medida para sócios, não implica necessariamente afirmar que não existiam as subversões, pois como observa o historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2016), subverter a ordem, isto é, adentrar os espaços tidos como exclusividade de uma parcela da sociedade, era típico dos sujeitos teresinenses e até mesmo picoenses no período estudado.

Essas subversões específicas do referido clube ressoaram diretamente em sua crise, vista ainda em meados da década de 1980. Segundo a historiadora Priscila Moura Ribeiro (2014), os supostos fatores que desencadearam tal crise foram, em grande medida, às entradas de pessoas de classe média baixa, como prostitutas e arruaceiros que não tinha condições para pagar a entrada no clube, além do desinteresse por parte da própria presidência da instituição que, conseqüentemente acabou entregando suas funções.

No entanto, apesar de ter vivenciado esse momento de crise, observamos que no final da década de 1990 a Sociedade Civil Picoense Clube reacende e retoma as suas atividades trazendo algumas inovações, dentre elas, a abertura durante a semana com sinucas oficiais, chopes, tira-gosto e música ambiente, propiciando para a comunidade picoense momentos de descontração e lazer semelhantes aos vividos anteriormente. (PICOENSE..., 1999, p.3).

### **3.5 Samambaia Campestre Clube**

Localizado a aproximadamente 08 quilômetros do centro da cidade de Picos, no bairro Samambaia, o referido clube destacava-se principalmente no período carnavalesco por suas animações, que incluía apresentações de bandas oriundas de outros estados, como foi o caso do ano de 1996, no qual, não tendo o carnaval de rua como era comum nos anos anteriores, o seu proprietário, Aluízio, contratou a banda Cheiro Verde, da cidade Feira de Santana- BA, para animar as quatro noites e as duas matinês.

Vejamos o que diz a matéria do periódico *Jornal de Picos*, do dia 09/02/1996, sobre esse evento:

Este ano, mais uma vez, não acontecerá o carnaval de rua. A Prefeitura Municipal de Picos divulgou que vai promover no Eldorado Country Clube, no período carnavalesco, bailes noturnos com as bandas de música do 3º BEC (Batalhão de Engenharia de Construção) e da Secretaria de Educação e Cultura.

Para a elite, o CRIC (Clube Recreativo da Indústria Coelho) e o Samambaia Campestre Clube promoverão bailes e matinês no carnaval de 96.

No Samambaia Campestre Clube, a banda Cheiro Verde vai animar durante as quatro noites e as duas matinês. De acordo com o presidente do clube, Aluízio, este ano será animado por trazer uma banda de Feira de Santana (BA), para o evento.

A mesa está sendo comercializada ao preço de R\$ 100,00 (cem reais) aos não sócios e 75,00 R\$ (setenta e cinco reais) aos sócios do clube [...]

Os bailes irão começar às 23 h e se estender as 4 h e as matinês têm início às 11 horas. (CARNAVAL em Picos só para as elites..., 1996, p.15).

Notamos que embora se tratasse de um clube de associados e estes tivessem descontos nos eventos promovidos pelo mesmo, não significava que outras pessoas não pudessem frequentar, sobretudo durante o carnaval, mesmo pagando um preço mais caro, no caso das mesas para quatro pessoas que custava o valor de cem reais para os não sócios.

O título da matéria também é interessante, pois informa que, especificamente naquele ano, só vivenciaria o carnaval em Picos quem fosse favorecido economicamente e que se deslocasse para determinados clubes, pois a Prefeitura Municipal havia suspenso a animação que aconteceria nas ruas e que compreendia todos os públicos. Sobre essa questão, a entrevistada Maria Inês da Costa comentou que aqueles que foram privilegiados em participar das festas carnavalescas do Samambaia Campestre Clube durante o ano de 1996, “era como se fosse pra Bahia né, pro Pernambuco, Salvador” (Maria Costa, 2019), pois podiam, através do repertório tocado pela banda baiana, se divertir bastante e se imaginar naquelas regiões onde o carnaval compreende uma festa grandiosa e de muita animação.

Ainda sobre esses carnavais realizados em Picos, como um dos eventos que mais proporcionava lazer aos cidadãos, especialmente o que deixou de acontecer em 1996 nas ruas, o *Jornal de Picos* veiculou uma crítica feita por um jovem identificado como Igor Veloso Ribeiro, na época aluno do Instituto Monsenhor Hipólito-IMH, que se mostrava indignado com a situação vivenciada naquele ano.

[...] Me alegrava ver a cidade esplendorosamente decorada com pierrôs e colombianas, palhaços e diabos, faixas, fitas, cores para saudar majestade o carnaval que naquelas ruas, iria acontecer.

Bastava chegar o mês de fevereiro que a fervura do carnaval tomava conta da cidade, grupos e amigos se reuniam e saíam às ruas fantasiados em cima de velhos carros devidamente adaptados para tal evento. À noite, adultos e adolescentes saíam fantasiados munidos de confetes e serpentinas para ir aos bailes carnavalescos que geralmente ocorriam no Picoense Clube e no Samambaia Campestre Clube.

Ah! O Samambaia, nas manhãs de domingo e terça levava, desculpe, ainda leva, às crianças a paixão e o encanto do carnaval.

Também saíam às ruas blocos literalmente carnavalescos como: Mamãe eu quero!; Águia Negra; Ás de Paus que abrilhantavam e faziam a alegria das ruas picoenses. Logo depois os blocos deram passagem para as escolas de samba que duraram pouco mas deixaram suas marcas no carnaval picoense.

Infelizmente tudo isso passou, mas será que os filhos de Picos não têm direito a uma alegria fugaz, uma ofegante epidemia, de ver de perto uma cidade a cantar até o dia clarear ou o carnaval vai ficar como uma página infeliz da nossa história, uma passagem desbotada na memória de futuras gerações? [...]

Olho Picos com um olhar triste e me pergunto se um dia o carnaval picoense poderá ser tão bom ou ainda melhor que os carnavais dos tempos da mamãe.

É realmente atrás do trio elétrico, só não vai quem já morreu! (UM OLHAR sobre a cidade..., 1996, p. 1).

Notamos que além do sentimento de indignação, prevalecia também a saudade sobre o que de fato os carnavais representavam para muito picoenses outrora. Nesse sentido, é mencionado nomes de alguns blocos, entre eles *Ás de Paus* e *Águia Negra*, compostos somente por homens que agitavam às ruas anualmente e levavam muita descontração aos foliões, por meio de suas coreografias.

Outros blocos também iam às ruas neste período considerado de transgressões permitidas, por exemplo, *Pintando o Sete* e *Tropicálias*, constituídos somente por mulheres que abrilhantavam o evento, assim como as integrantes dos bordéis que nessa época do ano deixavam seus estabelecimentos e “circulavam pelas ruas em carros abertos expandindo sua alegria”. (FOCALIZANDO o carnaval..., 1996, p.5).

### 3.5.1 Picareta II: um carnaval fora de época

Observamos que diante da revolta que crescia em relação ao carnaval não vivenciado no ano de 1996, alguns picoenses, entre eles o empresário e político Francisco das Chagas Sousa, se uniram e organizaram um carnaval fora de época, chamado de Picareta II, já havia ocorrido a primeira edição deste evento anos antes.

Este, ocorreu entre os dias 13 e 15 de setembro do ano de 1996, na Avenida Severo Eulálio, local que segundo a organização do evento apresentava uma boa infraestrutura e era bem espaçoso, favorecendo assim o conforto ao público estimado em ao menos 100 mil pessoas. (COMEÇA hoje o II Picareta...,1996, p. 3).

O anúncio abaixo, que tinha como função atrair um expressivo número de foliões, divulgou as principais bandas que animariam o evento durante os três dias do carnaval fora de época, bem como os principais apoiadores que contribuíram para a sua concretização.



**Imagem 09:** Anúncio do carnaval fora de época Picareta II, em 1996.

**Fonte:** Jornal de Picos, década de 1990.

Nenhuma das nossas entrevistadas relatou ter frequentado o II Picareta, mas sabemos que esses carnavais fora de época eram apenas um entre os variados tipos de lazeres e sociabilidades destinados a juventude, mas que nem sempre eram dignos da participação das moças “direitas”, que se resguardavam para o casamento e temiam os maus olhos da sociedade.

Ademais, observamos na análise de nossas fontes, que a indignação expressa de diferentes maneiras e a realização do II Picareta, em um período diferente ao que determinava o calendário, fez com que se pensasse urgentemente no bojo político, um carnaval para o ano seguinte e, sobretudo estratégias de reativação dos desfiles das escolas de samba, pois como noticiou o *Jornal de Picos*:

O carnaval do próximo ano em Picos promete superar o deste ano, que levou milhares de pessoas a avenida Getúlio Vargas. É que em 98 acontecerá o retorno das escolas de samba, que participarão do desfile e após cinco anos, disputarão o título na passarela do samba. A garantia é do prefeito José Neri de Sousa, que já autorizou ao secretário municipal de cultura e turismo, Júlio Rodrigues de Brito Filho, que faça um trabalho neste sentido com as diretorias das escolas.

A programação carnavalesca para o próximo ano será bem mais extensa, pois além da garantia do retorno das escolas de samba, é pretensão da secretaria fazer a escolha do Rei e da Rainha do Carnaval. (ESCOLAS de samba voltam a desfilar próximo ano..., 1997, p. 11).

Observamos que esse era um ideário do recém-eleito prefeito da cidade, José Neri de Sousa, atravessado de interesses políticos, pois ao resgatar uma tradição que até então vinha se apagando e fazer com que os picoenses não mais precisassem se deslocar para outros recantos, esse certamente objetivava conquistá-los no quesito da cultura, o que poderia, conseqüentemente, favorecer o prolongamento da sua administração municipal.

### **3.5.2 A boate Luarada: uma ambientação diferenciada**

A *Luarada* se tratava de uma boate localizada no Bairro Canto da Várzea e se diferenciava de outros ambientes pelo fato de ser uma discoteca em que não tinham shows de cantores ou bandas, apenas DJ's. A mesma era aberta todos os dias da semana e não cobrava nenhuma taxa de entrada aos seus frequentadores.

A estrutura desse estabelecimento era dividida entre um bar logo na entrada e uma danceteria aos fundos, onde era comum, assim como em outros locais, o uso do lança perfume e o consumo de bebidas alcólicas das quais nossas entrevistadas afirmaram nunca ter experimentado.

De acordo com a senhora Edênia da Silva e Sousa (2019), na boate Luarada “era assim, tinha as músicas na radiola mesmo [...] Ficava dançando entre amigos mesmo” (Edênia Sousa, 2019). A radiola que se fazia presente nesse ambiente se tratava de um aparelho conjugado de rádio e eletrola, que garantiu, durante décadas anteriores, a animação entre os sujeitos através das músicas tocadas dos cantores de sucesso mundial.

### **3.5.3 A ABBB: privatização e subversão**

A Associação Atlética Banco do Brasil-AABB, fundada ainda na década de 1960, se tratava de um clube de caráter privado um pouco mais afastado do centro da cidade, localizado no bairro Catavento. Esse espaço oferecia um lazer variado, pois sendo intensa as práticas de banhos de piscinas, vôlei e futebol, também era notório e faziam grande sucesso as festas dançantes, que geralmente aconteciam todas às sextas-feiras à noite.

Nessas festas, que eram de exclusividade dos sócios, também era possível observar subversões por parte de alguns sujeitos, o que certamente provocava constrangimento e aborrecimento por parte de quem pagava mensalmente para usufruir daquele espaço.

Era também um local escolhido muitas vezes para a realização de reuniões, estas que eram quase sempre acompanhadas de ingestão de bebidas. Podemos destacar, nesse sentido, um coquetel de boas-vindas aos novos gerentes que integrariam o novo quadro de funcionários do Banco do Brasil, no ano de 1996, noticiado no periódico *Jornal de Picos*.

Domingo, dia 12 de maio, aconteceu com bastante requinte a apresentação oficial dos novos gerentes do Banco do Brasil em nossa cidade. Presentes ao acontecimento, vários segmentos de nossa sociedade! Gracinha Granja, protocolou com muita classe e competência. (COQUETEL na AABB...,1996, p. 9).

Quanto à organização desse espaço que era sede, sobretudo de grandes reuniões que congregavam diferentes pessoas, inferimos que este possuía uma boa infraestrutura, pois no que tange as instalações dos vestiários para os frequentadores da agremiação, por exemplo, foram inaugurados e divulgados pela presidência do órgão, “12 chuveiros, 08 aparelhos sanitários, além de armários e vários lavatórios” (INSTALAÇÕES melhores..., 1980, p. 08). Essas ampliações, através das reformas realizadas, conseqüentemente atrairia uma maior clientela que, além do lazer, buscava também comodidade.

Nenhuma das nossas entrevistadas afirmou ter vivenciado alguma experiência na AABB, pois segundo elas seus pais não eram sócios. Porém, depois de casada, quando o clube já abria exceções para que os não-sócios também frequentassem determinadas vezes, isto é, no final da década de 1990, dona Francisca de Sousa Feitosa (2019) relatou que: “Eu comecei a participar junto com meus filhos, porque eles queriam ir, tinha vontade de ir na piscina, aí nós frequentava muito a AABB, mas depois de que eu casei” (Francisca Feitosa, 2019).

#### **3.5.4 A boate Couto 44: segregação e desregramento**

A boate *Couto 44*, estava localizada nas proximidades da AABB, ou seja, também era um pouco mais afastada do centro da cidade, funcionava no período noturno e se tratava de uma “discoteca com luzes” (Maria Costa, 2019). Essas boates, assim como outras, surgem na urbe Picos e são marcadas por grande euforia, pois como respalda Priscila Moura Ribeiro (2014), se tratava de um ambiente mais ousado, diferente daqueles em que os sujeitos picoenses estavam acostumados, pois o fato de ser um local com pouca iluminação, dava ao ambiente um aspecto mais misterioso.

Questionada acerca das suas experiências com a referida boate, a senhora Maria Inês da Costa (2019) frisou que: “mulher que andasse num ambiente desse aqui que era o Couto 44, que lá onde tinha jogo de luzes, essas mulheres eram consideradas raparigas” (Maria Costa, 2019).

Notamos que além das vias públicas proibidas, havia, por parte da sociedade da época, preconceito em relação a muitos espaços privados, principalmente no caso das boates, em que os sujeitos não eram adeptos, mas imaginavam que ao frequentá-los, os jovens estariam buscando maneiras de expor seu corpo de forma íntima ou até mesmo praticando atos, como o sexo ou o consumo de entorpecentes, por exemplo.

### **3.5.5 OverNight e Country: danceterias às escuras**

Além dos espaços já mencionados, verificamos que existia no centro da cidade de Picos, na década de 1980, uma danceteria localizada na Avenida Getúlio Vargas, denominada *Overnight*, onde a juventude costumava frequentar.

Sobre o caráter desse espaço de sociabilidade, dona Edênia da Silva e Sousa (2019) apontou que eram comuns a escuridão e a presença de muito jogo de luz, assim como globo de espelho no centro. Isso favorecia que alguns jovens usassem o lança perfume, na época uma das drogas experimentadas pela juventude picoense, e ficassem eufóricos.

Ainda de acordo com a entrevistada mencionada, o acesso a *Overnight* era restrito a pessoas de maior poder aquisitivo, não sendo comum a presença de jovens de famílias pobres, salvo algumas exceções de subversões que existiam.

Já em relação ao *Country*, este era um espaço dançante da mocidade e localizava-se nas proximidades da Prefeitura Municipal de Picos. Se tratava de um ambiente escuro com globo de espelho, luzes neon e DJ que funcionava de sexta a domingo, no horário da noite. Dentro desse estabelecimento tinha um bar, no qual vendia refrigerantes e bebidas alcoólicas, um salão

com palcos para comportar os cantores e a banda quando haviam shows, e em outro lado havia a discoteca, onde rolava, segundo a senhora Edênia da Silva e Sousa (2019), muito lança perfume, hoje entorpecente conhecido como loló, em que as pessoas costumam usar para ficarem mais animadas

### 3.5.6 Asa Branca Clube: o melhor réveillon da região

O Asa Branca Clube, na década de 1990, apesar de estar localizado na área rural de Picos, no povoado Muquém, atualmente pertencente a cidade de Geminiano, funcionava como um “ímã” que atraía pessoas de diferentes classes e lugares, e se destacava principalmente pelos afamados réveillons.

Esses últimos, bem como as demais festas ocorridas no referido clube, eram divulgados pelos veículos de comunicação da época (rádio, jornais e carros de sons) e atendiam a expectativa do público adepto ao forró e a música brega, pois contavam com a presença de variados cantores e bandas, entre os quais podemos destacar: Odair José, Bartô Galeno, Frank Aguiar, José Roberto, Baltazar, Banda Líbanos e Banda Maçã com Mel (SOUSA; SANTOS, 2019).

O réveillon de 1997, por exemplo, foi animado por duas bandas cearenses, intituladas “Forrozão Asas do Ceará” e Maçã com Mel”, que começaram a serem divulgadas ainda no mês de outubro pelo *Jornal de Picos*.



**Imagem 10:** Divulgação do réveillon do Asa Branca Clube, em 1997.

**Fonte:** Jornal de Picos.

Além das bandas que se apresentariam e a duração do evento, nos chama a atenção neste anúncio a diferença de preços dos ingressos para homens e mulheres. Sob essa perspectiva, questionamos: Por que os homens pagariam mais caro de que as mulheres, se a festa era a

mesma? Uma das respostas para tal indagação é o fato de essa realidade, comumente vista em diferentes ambientes, ser reflexo de uma cultura machista que atravessa a nossa sociedade, reforçando os papéis de gênero e principalmente as relações de poder.

O homem, por ser taxado como o provedor, o independente financeiramente e por ser incitado a conquistar muitas companheiras como meio de afirmar a sua masculinidade deve, segundo a lógica, pagar um preço superior. A ideia que se difundiu é: se o ingresso feminino custa um valor bem mais baixo, conseqüentemente aquele evento atrairá um maior número de mulheres, e os rapazes terão mais chances de paquerar, namorar e até mesmo “usufruir” dos corpos das mesmas.

Notamos que o que de fato existe até hoje dentro da sociedade a qual estamos inseridos, como resquícios do que se formou há muito tempo, é justamente uma naturalização do sexismo, que se fosse reprimido ou dissessem que não é correto, talvez não aconteceria (BEIRAS, 2016).

Ainda em relação as festas ocorridas no Asa Branca Clube, a sua ambientação e as experiências vivenciadas neste local, dona Diva Maria Gonçalves Sousa (2018) afirmou que se tratava de um lugar tranquilo, livre de violências, o qual muitos pais confiavam que suas filhas fossem, claro, acompanhadas de algum casal ou familiar. Segundo a referida entrevistada, também “vinha gente de todo lugar, enchia tudo ali fora de carro e de gente. Era bonito e bom!” (Diva Sousa, 2018).



**Imagem 11:** Reunião de amigos no Asa Branca Clube, década de 1990.

**Fonte:** LEAL, 2018b.

Essa tranquilidade apontada por dona Diva Maria Gonçalves Sousa (2018) e a presença de pessoas advindas de outras cidades da macrorregião, podem ser vistas na representação

imagética (09), onde casais de amigos estão sentados em volta à mesa, saboreando uma cerveja e com uma criança ao lado, que supomos ser filha do primeiro casal à esquerda.

Porém, nos chama a atenção ainda as vestimentas desses sujeitos que variavam de acordo com a idade e o sexo. Percebemos que os homens, aparentemente com idades semelhantes, estavam de camisa de botões, camisa social e sapatos, se assemelhando assim a um boêmio<sup>51</sup>, enquanto as mulheres aparecem com vestimentas um pouco mais descoladas e que se distinguiam quanto aos modelos, cores, tamanhos, etc. As cadeiras também são elementos interessantes nessa perspectiva, porque indicam que se tratava de um tipo de estabelecimento popular.

Ainda sobre o referido clube, fundado com o objetivo de proporcionar sociabilidades entre os sujeitos, esse não se restringia somente a festas para adultos. Havia também festas para crianças: todos os anos, no dia 12 de outubro, era comemorado o Dia das Crianças, cujo lazer era baseado em brincadeiras, distribuição de brinquedos, bombons, pipocas e banhos de piscina (SOUSA; SANTOS, 2019).

Entre essas animações, destacava-se também o famoso Judas, feito para ser queimado no “Sábado de Aleluia”, durante o festejo religioso da Semana Santa dos católicos, diante do público presente a fim de proporcionar muita descontração (SOUSA; SANTOS, 2019).

Assim, podemos considerar que o Asa Branca durante a década de 1990, enquanto um clube recreativo, embora situado na zona rural, intensificou as relações com o urbano, à medida em que rompia fronteiras ofertando uma diversão diversificada e permitia o desenvolvimento de diferentes práticas de sociabilidades entre os seus frequentadores.

### **3.5.7 Salsichão: um trailer singular na cidade**

O *Salsichão* se tratava de um trailer que vendia lanches todos os dias da semana, situado onde atualmente compreende o espaço da Pizzaria Boca de Forno, localizada na Rua Olavo Bilac, Bairro Malva, conhecida também como “rua das pizzarias”.

Esse estabelecimento oferecia não somente bebidas, danças e músicas, mas também comidas e muita interação entre os amigos. De acordo com as lembranças de dona Edênia da Silva e Sousa (2019), aquele era um espaço tranquilo, no qual mulheres poderiam frequentar sem nenhuma restrição.

---

<sup>51</sup> Boêmio, nesse sentido está associado ao sujeito que pratica um estilo de vida não convencional, simples, despreocupado, que geralmente vive na companhia de pessoas afins.

Ao nos conceder essa informação que não condizia com a realidade de todas as jovens, a referida entrevistada relatou também que os encontros no *Salsichão* costumavam ser combinados ainda na escola, entre um grupo de amigos mais próximos, que juntos planejavam as atividades que seriam desenvolvidas ao chegarem lá, pois:

[...] O *Salsichão* todo dia era aberto né?! Aí assim, era o point, era o encontro de todo mundo do colégio Premem. Todo mundo que estudava assim à noite se encontrava lá, ficava até. Tinha gente que ia até o dia amanhecer... Só conversando... bebendo. Tinha dia que... Não, era o ponto mesmo. Quando chegava à noite. Eu mesma quando chegava à noite, eu quando comecei a trabalhar, aí eu fechava a padaria nove horas, aí ia em casa, tomava banho aí já ia pra lá. Chegava lá, aí já encontrava uma parte, aí a gente ficava só sentando, conversando [...] (Edênia Sousa, 2019).

Nos chamou bastante atenção na fala da senhora Edênia da Silva e Sousa (2019) o horário em que alguns jovens costumavam frequentar esse espaço de sociabilidade noturno, muitos deles só iam após às 21:00 horas, quando saíam da escola ou do trabalho, como era caso da mesma. Ao mencionar essa liberdade, percebemos que seu pai era uma exceção entre os demais pais de muitas jovens picoenses, no período em estudo, que centravam a honra familiar, sobretudo “na contenção da sexualidade das mulheres e filhas”. (QUEIROZ, 2006, p. 285).

Entretanto, ao mesmo tempo que supomos que progenitor desta se distinguia dos demais, pensamos que a justificativa desses “privilégios” estivesse associada, talvez, ao fato de ela já trabalhar, ajudar no sustento da casa e de certa forma ser independente. Pois, como respalda a historiadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (2006), o universo das jovens e dos jovens é multifacetado e abarca diferentes perfis e as distinções espaciais, culturais, familiares tecem as especificidades das situações.

Ademais, o espaço de lazer e sociabilidades *Salsichão* era também palco de apresentações culturais, entre elas do *Projeto Bar Cultural Teatro ao ar livre*, coordenado pelo radialista Heraldo Santos, onde encenavam-se peças enfatizando questões sociais e familiares, as quais se destacavam: “*No Fundo do poço*” e “*Uma dança para Gandhi*”. (PROJETO Bar cultural teatro ao ar livre..., 1997, p. 9).

Por não haver um espaço cultural fixo em Picos, esse grupo reunia-se ao ar livre em locais como o *Salsichão*, e aproveitava de suas encenações para reivindicar o desenvolvimento nesse setor, que há tempos vinha recebendo promessas de aproveitamento de um prédio público para abrigá-lo. Assim, como buscava também chamar a atenção da sociedade picoense para que essa apoiasse o crescimento do grupo, e esse pudesse vir a realizar mais trabalhos condignos com a cidade.

Deste modo, observamos que o *Salsichão*, de fato era singular, pois além de proporcionar lazer e sociabilidade para muitos jovens, através dos encontros que ali eram realizados, também deu visibilidade a cultura local, como foi o caso do grupo de teatro *Projeto Bar Cultural*.

### 3.5.8 As tertúlias: uma diversão em casa

Além das sociabilidades realizadas exclusivamente em clubes, existiam também as que eram realizadas em residências, denominadas de *tertúlias*. Estas eram organizadas por jovens de classe social mais abastada ou não, e se configuravam em encontros nas casas de alguns amigos, geralmente sem a presença dos pais, nos quais ligava-se um aparelho eletrônico de som (a radiola) e os amigos começavam a dançar lentamente, bebendo e conversando entre si.

A entrevistada Edênia da Silva e Sousa (2019), relatou como ocorriam esses eventos privados em que ela costumava participar:

Naquela época, era uma coisa assim mais sadia [...] A gente chamava assim os amigos, assim alguns da escola. Era som, a gente ajeitava assim as cadeiras da sala pro pessoal dançar. Montilla com coca, Dreher e caipirinha. Era mais essas coisas assim e aí era assim, era aquela coisa sadia, sabe?! Agora tinha até uma determinada hora, num era até o dia amanhecer não. Quando dava meia noite todo mundo já tava em suas casas, indo embora. Era cedo as tertúlias, 7, 8 horas começava e acabava meia noite. Num tinha esse movimento até tarde não. (Edênia Sousa, 2019).

Nessas tertúlias, era comum alguns jovens convidarem aquele (a) paquera em que estavam interessados, pois ali seria uma oportunidade para flertar com maior privacidade, já que estavam longe dos olhares vigilantes dos pais. Além disso, um local que era bastante procurado para a realização dessas festinhas era nas residências de “pessoas independentes”, geralmente daqueles que vinham de algum povoado para estudar e morar em Picos.

A entrevistada Maria Inês da Costa (2019), definiu as tertúlias como sendo:

[...] os encontros de amigos na casa de um outro amigo, por exemplo: eu tinha a minha casa, aí eu convidava um grupo de amigos, principalmente aquele rapaz que eu tava [estava] interessada e lá a gente ligava o som. Dentro de casa mesmo as pessoas ficavam bebendo, brincando, sorrindo e dançando. E o estilo de música naquela época era música lenta como a gente chama música lenta, hoje é sertaneja, mas música lenta era o nome que era dado pra essas danças né? Que era a única forma que tinha das mulheres se aproximarem mais dos homens que era quando ia pra uma dança. (Maria Costa, 2019).

Percebemos, nesse sentido, que embora existisse um grande conservadorismo por parte dos pais em liberarem suas filhas para a diversão e, sobretudo uma grande resistência quanto as possíveis consequências que isso acarretaria aos olhos da sociedade, isto é, a má “fama” que elas poderiam vir a adquirir, havia as fugas aos padrões impostos, como por exemplo, essas sociabilidades, através das tertúlias em espaços fechados e no período noturno, que favoreciam, em grande medida, o encontro dos corpos, estes que podiam se afastar do controle imediato da família e, principalmente, da interdição dos curiosos. (QUEIROZ, 2006).

Em Picos, nossas entrevistadas não informaram se havia, nesse tipo de sociabilidade, além de bebidas o uso de maconha ou outro entorpecente. Porém, em Teresina, neste mesmo período, era comum em eventos desse tipo o uso “desregrado” de entorpecentes, assim como o sexo, que na maioria das vezes era realizado sem nenhuma proteção (SANTOS, 2016). Isso nos leva a perceber que o Piauí era, nesse contexto, assim como o Brasil de forma geral, em décadas remotas, também um lugar de rupturas onde, na busca contínua pelo singular, o plural se estabelecia inevitavelmente.

### **3.5.9 O cinema Cine Spark: uma outra forma de lazer e sociabilidade**

Em Picos, a história do cinema “foi marcada por uma trajetória de instabilidades” (RIBEIRO, 2014). Pois, a sociedade picoense assistiu em meados da década de 1930 a instalação do primeiro cinema, intitulado *Cine Odeon*, sendo de responsabilidade do senhor Lousinho Monteiro. Já nos anos de 1950, esse espaço deu lugar a um segundo cinema, desta vez denominado *Cine Guarany* pertencente a Domerval Moreno. Estes dois cinemas localizaram-se no mesmo prédio, onde atualmente corresponde a farmácia Iná.

Por fim, na década de 1960, instalou-se o terceiro cinema, conhecido como *Cine Spark*, localizado em frente à Praça Félix Pacheco. Talvez esse tenha surgido com a mesma intenção do *Cine Rex*, fundado em Teresina por Deoclésio Brito e Bartolomeu Vasconcelos e retratado pelo historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2016), isto é, com o intuito de preencher as lacunas deixadas pelos cinemas anteriores, tornando-se um “espaço da qualidade na seleção dos filmes exibidos e da distinção social” (SANTOS, 2016, p. 163).



**Imagem 12:** O cinema Cine Spark, da cidade de Picos, na década de 1980.  
**Fonte:** Acervo e Memória Picoense, 2020.

Na imagem acima, podemos refletir sobre os diferentes meios de transportes estacionados em frente ao estabelecimento que poderiam pertencer ou não aos frequentadores do cinema, como o Fusca e a bicicleta. Assim como a ressignificação do espaço, isto é, o corrimão que servia tanto para apoiar as pessoas na subida da escada quanto para encostar as bicicletas ou mesmo como banco para sentarem enquanto aguardavam a entrada naquele espaço cultural.

Percebemos também a presença de uma criança, provavelmente filha de algum frequentador, o que nos leva a imaginar que o filme que seria exibido naquele dia era livre para todos os públicos, inclusive o infantil. Ademais, podemos destacar também a arquitetura do prédio, esse que contava com dois andares, onde o primeiro possuía repartimentos que nos faz

pensar que se tratava de um ambiente mais arejado. No térreo, observamos uma área com portões e algumas aberturas em sua estrutura, imaginamos que esta permitia que as pessoas espiarem da calçada do estabelecimento.

Dessa maneira, ao explanarem acerca do cinema Cine Spark, as memórias das nossas entrevistadas, como é o caso de dona Romana Maria de Carvalho Veloso (2019), se enveredam pelo viés de que Picos foi a cidade que “já teve”. O mesmo, estando esse localizado no centro da cidade, em frente à Praça Félix Pacheco, comportava não apenas exibições cinematográficas, mas também apresentações teatrais, como as do grupo teatral *Tapimol*<sup>52</sup>, nos domingos à tarde, num show semelhante a um festival de calouros.

Assim como ocorriam também os shows musicais de cantores conhecidos nacionalmente, por exemplo, Odair José, que nos anos 1980 e 1990 era bastante conhecido por seu repertório da música brega. O interessante desses shows era o fato de que quando acontecia algum destes, a cidade parava. Dona Romana Maria de Carvalho Veloso (2019), estudante na época, informou que: “à noite, quando tinha show assim, geralmente na terceira, quarta aula já não tinha mais, eles liberavam né?” (Romana Veloso, 2019).

Inferimos que os colégios “liberavam” os alunos, porque prendendo-os num horário de animação da cidade, estes “fugiriam” para se prepararem (aqueles que já não iam arrumados) para o show ou iam apenas para à praça observarem a chegada dos cantores e admirá-los, pois, muitas vezes, não tinham condições financeiras para adentrarem o local ou, simplesmente, eram proibidos. Os pontos estratégicos em que, sobretudo, as moças ficavam para observarem os cantores se aproximando do seu local de show eram na Praça Félix Pacheco, no Coreto ou na Sorveteria Apolo 11, todos localizados nas proximidades do Cine Spark (RIBEIRO, 2014).

Quanto às exibições dos filmes, percebemos duas realidades nas falas das nossas entrevistadas, pois enquanto dona Romana Maria de Carvalho Veloso (2019) afirmou ir ao cinema, com a esposa de um tio seu, assistir alguns filmes, a senhora Maria Inês da Costa (2019) já abordou que ali era um ambiente que muitos enxergavam como inapropriados para mulheres, pois apagava-se as luzes e poderia insinuar, muitas vezes, que estariam indo à procura de perder a sua virgindade.

Esse Cine Spark aqui é, a gente também não poderia ser vista nele assim, que ele fica ali naquele paredão. Eu já assisti filme lá tá entendendo? Agora assim,

---

<sup>52</sup> O Tap Mol foi fundado na cidade de Picos, na década de 1980, e recebia apoio da Prefeitura Municipal em parceria com o Projeto Torquato Neto, da capital Teresina. O mesmo que tinha como coordenador o radialista Tantonho Silva, se apresentava no Cine Spark e tinha como principal objetivo descobrir novos valores no campo musical e teatral, bem como despertar nos picoenses o gosto pela arte e cultura local. (TAP em ritmo no Cine Spark..., 1980, p. 4).

naquela época, mulheres também não eram bem vista quando ia assistir filme por que? Porque lá era um espaço que fechava as luzes e fica tudo... então, nos olhos das pessoas que tinham esse tabu, eles viam que ali, se fosse uma mulher elas iam pra perder a virgindade ou qualquer coisa. (Maria Costa, 2019).

Essa imagem do cinema retratada pela entrevistada acima, condiz com o pensamento da historiadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (1998) de que esse era um espaço privilegiado de aprendizagem ao corpo sexuado, sobretudo por meio das imagens projetadas pelas fitas ou mesmo através das experiências ocorridas nos ambientes em que as mesmas eram projetadas.

Ademais, tinham ainda no Cine Spark as exhibições dos filmes pornô, esses assistidos apenas pelo público masculino, o qual muitas vezes aprendiam acerca do corpo e da sexualidade exatamente nessas salas de projeções (CARDOSO, 2016).

E lá, nesse Cine Spark ele passava muito filme pornô, colocava numa tela né muito filme pornô. E aí o pessoal ficava lá na praça observando quem era que ia comprar ingresso pra entrada desses filmes, então a mulher que fosse vista ali, na cidade inteira o nome dela era divulgado. (Maria Costa, 2019).

Essa espionagem por parte dos observadores, para ver se alguma mulher ia assistir aos filmes desse cunho e, conseqüentemente, divulgar o seu nome em toda a cidade, ferindo assim a sua reputação, estava atrelada ao fato de que o saber, consistindo num indicativo de experiência sexual, poderia colocar a mulher, portanto, sob suspeita, mesmo entre o seu grupo de amigas, pois o controle entre essas se dava mutuamente (CARDOSO, 2016).

Sob essa perspectiva dos filmes exibidos no Cine Spark é importante destacar que a maioria desses eram de origem estrangeira, com temas diversificados (como podemos ver na tabela 01), podendo ser assistidos, em grande medida, apenas por pessoas com idade igual ou superior a 16 e 18 anos de idade. Salvo algumas poucas exceções, em que eram permitidos ao público em geral.

Acerca dessas produções cinematográficas estrangeiras que eram exibidas na segunda metade do século XX no Brasil, de modo geral, a historiadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (2006) pontua que:

Também no cinema, às produções clássicas estrangeiras – do cinema de autor ao cinema comercial, consumido pelo grande público – associam-se às produções nacionais que ganham alento ao colocar em discussão a própria cultura brasileira. No final da década de sessenta, essas produções recebem o esforço do cinema dito marginal, com o seu veículo, o Super-8, agregando novas potencialidades de experimentação, custos que poderiam ser assumidos

individualmente ou por pequenos grupos e, claro, a possibilidade de burlar a vigilante censura do governo militar e, dessa forma, educar o povo para a percepção de seus problemas, conforme sugerido por alguns de seus apologistas. (QUEIROZ, 2006, p. 276-277).

Embora não seja o foco das nossas discussões apresentar o cinema picoense, sob essa perspectiva trazida pela autora acima, compreendemos que se faz mister destacar a vasta programação divulgada no Jornal *Macambira*, do mês de abril de 1980.

Nome do filme	Censura	Data
Seu Florindo e duas mulheres	18 anos	01/04
A morte de um corrupto	18 anos	03 e 04/04
Paixão de Cristo	Livre	04/04
Tarzan enfrenta o perigo	Livre	05/04
Carrie a Estranha	18 anos	06 e 08/04
O Vampiro de Copacabana	18 anos	09 e 10/04
Duelo mortale/Dois Tigres	18 anos	11 e 12/04
Jecão, um fofoqueiro no céu	Livre	13 e 15/04
Demência sinistra	18 anos	16 e 17/04
O mulherengo	18 anos	18 e 19/04
Revolta de Kung Fu no T Shao Lin	16 anos	20 e 22/04
Excitação	18 anos	23 e 24/04
Par ou Ímpar	Livre	25 e 29/04
A flor da pele	18 anos	30 e 31/04

**Tabela 02:** Filmes exibidos no cinema Cine Spark, da cidade de Picos, no mês de abril de 1980. Tabela produzida pela autora Nayara Gonçalves de Sousa, em 2019.

**Fonte:** Jornal *Macambira*, 1980.

Além dessa programação, é interessante destacarmos também a relação que as pessoas, sobretudo as jovens filhas de camponeses, mantinha com esse espaço. De acordo com a senhora Diva Maria Gonçalves Sousa (2019), o cinema despertava curiosidade tanto nos jovens da zona rural, que possuíam mais condições, quanto entre os menos favorecidos economicamente. Contudo, a diferença é que o primeiro desses aproveitavam de alguns eventos religiosos da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios que ocorriam à noite, por exemplo, para darem uma passada por lá, enquanto os demais ficavam apenas desejando na área externa e imaginando o que estaria ocorrendo lá dentro. (Diva Sousa, 2019).

É importante frisar ainda, sob esse viés, que o funcionamento dos cinemas na cidade de Picos, só era possível mediante a autorização da prefeitura, órgão esse que fiscalizava as exigências regulamentares, referentes à construção e higiene do prédio.

Deste modo, uma série de regras deveriam ser seguidas a fim de manter a sua abertura. O Artº 68 do Código de Postura Municipal determinava que:

- I- Tanto as salas de entrada como as de espetáculos serão mantidas higienicamente limpas;
- II- As portas e os corredores para o exterior serão amplos e conservados sempre livres de grades, móveis ou quaisquer objetos que possam dificultar a retirada rápida do público em caso de emergência;
- III- Todas as portas de saída serão encimadas pela descrição “SAÍDA”, legível à distância e luminosa e forma suave, mesmo quando se apagarem as luzes da sala;
- IV- Os aparelhos destinados à renovação do ar deverão ser conservados e mantidos em perfeito funcionamento;
- V- Haverá instalações sanitárias independentes para homens e mulheres;
- VI- Serão tomadas as precauções necessárias para evitar incêndios, sendo obrigatória a adoção de extintores de incêndios em locais visíveis e fácil acesso;
- VII- Possuirão bebedouros automáticos de água filtrada e escarradeira hidráulica em perfeito estado de funcionamento;

Além disso, as portas também deveriam ser fechadas, vedadas com cortinas ou reposteiros e obrigatório a reserva de quatro lugares, destinados às autoridades policiais e municipais que eram encarregadas da fiscalização, assim como os programas que deveriam iniciar no horário que estavam previstos, sem atrasos ou antecedências.

Outro aspecto relevante que observamos em relação a esse espaço de sociabilidade é o seu fechamento, não há nenhum documento oficial que assegure o real motivo, somente algumas hipóteses. Entre elas, a de que o fechamento estaria ligado ao surgimento e a repercussão que as televisões estavam tendo nas residências de muitos picoenses na década em estudo, onde era comum a reunião de várias famílias numa única casa para assistirem a determinado programa, geralmente novelas.

Sobre as televisões que começavam a invadir os lares das famílias brasileiras, na segunda metade do século XX, a historiadora Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz (2006) ressalta que:

A televisão começa a tornar-se o ícone da sociedade brasileira. Os programas, principalmente os de auditório, transformavam-se em coqueluches, entre eles A Buzina do Chacrinha e o programa Um Instante Maestro, de Flávio Cavalcante, ambos com inquestionável audiência. Destaque igualmente para os programas dos ídolos da juventude, em geral também jovens. (QUEIROZ, 2006, p. 277).

É certo que as televisões na cidade de Picos alteraram o cotidiano de muitos sujeitos. Entretanto, não podemos nos esquecer também da “grande crise que abalava o país e o mundo, as novas exigências das distribuidoras de filmes e o esvaziamento do centro da cidade à noite” (SANTOS, 2016, p. 164-165). Esses fatores contribuíram, juntamente com a difusão dos aparelhos eletrônicos e videocassete, no mesmo período em estudo, para o declínio, por exemplo, do Cine Rex, na capital Teresina.

### 3.5.10 Os circos e parques: uma diversão diferente na cidade

Os circos têm a sua inserção no Brasil datada do século XIX, com a chegada de famílias advindas da Europa. Na cidade de Picos, esses representavam, durante o recorte temporal desta pesquisa, uma novidade, pois vinham de outras regiões do país e compunham parte do lazer experimentado pela juventude picoense.

Questionada acerca da sua relação enquanto jovem do sexo feminino, com os circos que se apresentavam na cidade, a entrevistada Maria Inês da Costa (2019) mencionou que:

Os circos eles vinham pra cidade, era muito solicitado né. A questão de quando chegava um circo, “armaria” era a atração da cidade. Circo, parque, é assim, eu acho que era uma única forma de diversão na cidade que assim, que a gente poderia frequentar assim até 9 horas da noite né. Mais de que isso não podia. Era de tardezinha, não é que nem hoje que já abre tarde não. Começava cedo, na hora que o sol entrava 5 horas assim que num tinha sol já tava aberto né? Até porque todo mundo tinha que se recolher até 9 horas da noite né? (Maria Costa, 2019).

Entre os circos que constituíam a atração da cidade, destaca-se o denominado *Pavilhão do Riso*. Este, embora não possuísse algo mirabolante em relação aos demais, não era de acesso das nossas entrevistadas, por conta das restrições familiares, pois estava localizado distante do centro, ou seja, do local mais próximo de suas residências. De acordo com o jornal *O Macambira*, o referido circo se instalou na Avenida Brasil, atualmente Avenida Senador Helvídio Nunes, mais especificamente no Bairro Paraibinha, em julho do ano de 1981, num terreno vazio cedido por um particular. (O PAVILHÃO do riso..., 1981, p. 8).

Nas proximidades daquele pequeno circo, desprovido de cobertura e que contava apenas com um aparelho de som e cerca de dez artistas da mesma família, podiam se ouvir músicas conhecidas, por exemplo: *É na boutique dela*, de composição o cantor Genival Lacerda, antes de dar início ao espetáculo, sob a interpretação de patinhos que na época apareciam no programa televisivo do apresentador Sílvio Santos. (O PAVILHÃO do riso..., 1981, p. 8).

Em relação ao ingresso para o espetáculo desse circo, o mesmo custava em torno de cinquenta cruzeiros para adultos e ofertadas franquias para as crianças. Assim, todos se acomodavam próximos ao palco, ansiosos pelas apresentações que eram em grande medida improvisadas, com exceção dos números de magia e malabarismos, nunca repetidos. (O PAVILHÃO do riso..., 1981, p. 8).

No que concerne aos parques de diversões, estes também marcaram a juventude de muitas jovens, pois sendo pouco vistos, quando os mesmos chegavam na cidade, eram motivo de bastante curiosidade entre os cidadãos e por isso lotavam.

Além do divertimento proporcionado através dos brinquedos, dona Romana Maria de Carvalho Veloso (2019), mencionou que era comum também a prática de oferecimento de músicas e a troca de recados entre os rapazes e moças, através de um megafone.

No parque antigamente eles tinham os recadinhos né nos altos falantes, alguém oferecia música pra fulano de tal, aí era interessante (risos). Fulano tá oferecendo música pra fulano; fulano quer encontrar com fulano, aí ficava mandando os recadinhos né?! (Romana Veloso, 2019).

Quanto ao funcionamento desses circos e parques, é importante mencionar que existiam leis que os regulavam. Eles só poderiam funcionar em locais permitidos pela prefeitura, após a vistoria em todas as suas instalações e deveria pagar uma taxa no valor referente a três salários mínimos que serviria, de acordo com o Código de Posturas Municipal, para as despesas com a limpeza e recomposição do espaço público. Provavelmente os proprietários desses circos e parques cumpriam as exigências, pois compreendemos que esses estabelecimentos funcionavam por determinado período na cidade e, posteriormente, desembarcavam para outros lugares.

Desse modo, observando os espaços, as formas de lazer e as sociabilidades, ambos apresentados acima, notamos como são variadas e subjetivas as relações que nossas entrevistadas construíram com estes e como os padrões impostos pela sociedade da época influenciaram diretamente naquilo que até hoje pode ser lembrado. Como afirma Ecléa Bosi (2003), a nossa memória tem a capacidade de selecionar, organizar e armazenar diversos tipos de acontecimentos, sejam eles bons ou ruins.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, que teve como foco principal discutir o cotidiano, as memórias e as sociabilidades na cidade de Picos, nas décadas de 1980 e 1990, sob a perspectiva feminina, observamos que o espaço urbano da referida urbe, além de fragmentado e articulado, era também bastante subjetivo no sentido de que, embora muitas entrevistadas rememorem alguns lugares a partir de suas experiências vividas de forma intensa, outras construíram uma imagem de como esses seriam internamente, a partir daquilo que imaginavam e/ou ouviam, pois eram reprimidas de circularem por determinadas vias e locais que, segundo o pensamento conservador incutido na sociedade da época, não eram dignos da presença de moças de família.

Como pode ser percebido no decorrer desta pesquisa, o ideal de feminilidade que se difundiu durante o século XX, era a de boa filha, mãe, esposa e dona-de-casa. Uma vez que a sexualidade se limitava a procriação; os corpos, gestos e as maneiras de comportamento das mulheres, especificamente das jovens, deveriam ser voltadas para o casamento. A mulher que ousasse perder a virgindade antes do casamento, além de ter o seu corpo violentado fisicamente pelos progenitores e irmãos mais velhos que exerciam esse poder, também eram consideradas impuras, ou seja, estas manchariam a honra familiar.

Na cidade de Picos, podemos acompanhar detalhadamente esse enclausuramento dentro de modelos normativos, bem como as relações de poder existentes, nos quais os homens viviam a sua sexualidade livremente e as mulheres deveriam se resguardar, a partir dos relatos das nossas entrevistadas, de determinados espaços, considerados para a época como ameaçadores.

Observamos ainda, de acordo com esta pesquisa, que contrair o matrimônio, mesmo que esse não viesse a ser como o idealizado e muitos aspectos ficassem apenas no plano da utopia, era a maneira que algumas jovens picoenses, durante as décadas de 1980 e 1990, encontravam para se “libertarem” do poder de seus pais e desenvolverem determinadas práticas, como, por exemplo, ultrapassar o horário estipulado pelos códigos comportamentais de recolhimento dos espaços públicos e/ou privados às vinte e uma horas da noite.

Sob essa perspectiva da sociabilidade picoense, percebemos que além dessas restrições as quais as mulheres sofriam, também predominava a questão econômica. Como vimos, alguns clubes e eventos só contemplavam aqueles mais favorecidos economicamente, o que impulsionava muitos jovens a subverterem a ordem e adentrarem suas dependências. Os que não ousavam ter essa atitude, acabavam apenas idealizando e se divertindo à sua maneira, por exemplo, por meio das tertúlias nas casas de amigos. O lazer picoense, neste sentido, segregava

e não era, portanto, algo que todos podiam vivenciar da mesma forma, assim como podemos ver até os dias atuais, e não somente na cidade de Picos, mas no Brasil como um todo.

Ademais, notamos que o espaço urbano apresentado nesta pesquisa, era ainda subjetivo no que diz respeito as diferentes sensações que provocava nos seus habitantes e/ou visitantes, associadas a diferentes fatores, como foram retratados no decorrer do primeiro capítulo que constitui este trabalho. Picos, embora fosse uma cidade que estivesse marchando rumo a uma suposta “modernização” e se ampliando territorialmente, com a implantação de órgãos que prometiam impulsionar a economia local, percebemos que essa era uma urbe que em grande medida ficava a mercê dos governantes.

Observamos, a partir do desenvolvimento da pesquisa, que havia uma enorme disparidade entre a Lei Municipal com a realidade da cidade nas décadas de 1980 e 1990, muito embora as autoridades políticas não fossem as mesmas e utilizassem dos meios de comunicação da época para se autopromoverem e pregarem um discurso de zelo e bem-estar pelo seu povo e pela imagem da cidade. Ou seja, mudavam-se os governantes, mas o cenário era o mesmo. A população continuava constringida e, sobretudo sofrendo com os males provocados em decorrência da falta de saneamento básico.

A imagem, portanto, que se construiu da cidade nesse período, e que estão vivas nas memórias de seus antigos moradores, é uma imagem negativa, o que podemos comprovar a partir das fontes utilizadas, principalmente na análise das entrevistas e nas matérias jornalísticas de ambas a décadas estudadas.

Sob esse viés de uma cidade sensível cuja perspectiva de análise foge do habitual, percebemos que os sentidos urbanos estão por toda parte e constituem arquivos documentais, que assim como os outros tipos de fontes, têm muito a nos dizer e a nos fazer refletir. A cidade, como já ressaltada anteriormente, é comunicativa, simbólica, polifônica e subjetiva.

Por esta razão, a pesquisa que buscou elencar as múltiplas faces do espaço urbano picoense, das décadas de 1980 e 1990, sob uma perspectiva sensível a qual levou-se em consideração o olhar feminino, visa contribuir significativamente com a historiografia e proporcionar aos leitores em geral, um maior entendimento sobre as urbes em que vivem, de modo que esses percebam e reflitam sobre as várias cidades que habitam em uma única cidade.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO e Memória Picoense. [O cinema Cine Spark, da cidade de Picos, na década de 1980]. Picos, Facebook, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense>>. Acesso em: 12 nov. 2020. 9 fotografias, color.
- ACERVO e Memória Picoense. [Quadro da feira de Picos (praça Justino Luz), década de 1970]. Picos: Facebook, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense>>. Acesso em: 19 jan. 2021. 4fotografia, p&b.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ANIMAIS estão presentes nas BRs e vias públicas. **Jornal de Picos**, nº 16, Picos (PI), 19 jun. 1990.
- AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: **Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. – 9 ed. – Campinas, SP: Papius, 2012. p. 71-105.
- AS 7 MARAVILHAS DO PIAUÍ. In: **FEUBRA (Federação Umbandista do Brasil)**. [2009]. Disponível em: <<http://feubra-pi.blogspot.com/2013/02/as-7-maravilhas-do-piaui.html>>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- BAIRRO Junco sofre com pó. **Macambira**, Ano IV, nº 95, Picos (PI), 31 dez. 1982, p. 4.
- BEIRAS, Adriano. **Por que as mulheres pagam menos em festas?** Entrevista concedida ao Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da UFSC, 20 de julho, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do Capitalismo. In: **Obras escolhidas**. – vol. III – São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 33-65.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANEVACCI, M. **A cidade polifônica – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004
- CARDOSO, Elizangela Barbosa. Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI. In: **Revista Dimensões.**, Espírito Santo, v. 36, s/n, jan-jun. 2016. Disponível em < <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/13839>>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Definir o lugar? In: **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 17-20.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Rua: espacialidade, cotidiano e poder. In: **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 51-59.

CARNAVAL em Picos só para as elites. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 09 fev. 1996, p.15.

CARVALHO, Mara Gonçalves de. **Picos: história, desenvolvimento e transformação do centro histórico (1970)**. Teresina: UFPI, 2015. (Dissertação de Mestrado em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí).

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

CAMINHADA jovem. **Macambira**, Ano IV, nº 54, Picos (PI), 31 mar. 1980, p. 4.

CANEVACCI, Massimo. 2004. **A cidade polifônica – ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CELULAR. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 17set, 1996, p.5.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COMPORTAMENTO e moda jovem nos anos 80. In: **Jovens anos 80**. [2013]. Disponível em: <<https://jovensanos80.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 out. 2019>.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CINE Spark – Programação p/ abril/80. **Macambira**, Ano IV, nº 64, Picos (PI), 31 mar. 1980, p. 19.

COMEÇA hoje o II PICARETA. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 13 set.1996, p. 3.

CONDIÇÕES precárias do mercado de carne. **Macambira**, Ano IV, nº 73, Picos (PI), 31 ago. 1981, p.4.

CONDIÇÕES precárias do mercado de carne. [Mercado de carne na cidade de Picos-PI, na década de 1980], **Macambira**, Ano IV, nº 73, Picos (PI), 31 ago. 1981. p. 4. 05 fotografias, p&b.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática,2000.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Maria Inês da. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos- PI, 2019.

COQUETEL na AABB. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 14. Abr, 1996, p. 9.

DA HIGIENE das habitações. In: **Código de Posturas Municipal**. Capítulo. III, Artº 33. Picos (PI), 1985, p. 7.

DAS medidas referentes aos animais. In: **Código de Posturas Municipal**. Capítulo V, Artº 105. Picos (PI), 1985, p. 17.

DATASUS. In: **Ministério da Saúde**. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/cnv/poppi.def>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

DISK-MENSAGEM chega a Picos. **Jornal de Picos**, nº 64, Picos (PI), 02 mai.1996, p.03.

DOS DIVERTIMENTOS públicos. In: **Código de Posturas Municipal**. Capítulo II, Artº 68. Picos (PI), 1985, p. 12.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. A cidade como sede de sentidos. In: **Revista Iluminuras**., Rio Grande do Sul, v. 9, n. 20, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9296>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

ESCOLAS de samba voltam a desfilar no próximo ano. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 21mar.1997, p. 11.

ESGOTOS a céu aberto. **Jornal de Picos**, nº 12, Picos (PI), 07 de junho. 1999, p.16.

EXCLUÍDOS farão protestos no desfile da Independência. **Jornal de Picos**, nº 65, Picos (PI), 1996, p.5

FÁBRICA em Picos. **Macambira**, Ano IV, nº 84, Picos (PI), 31 jan. 1982. p 6.

FEITOSA, Francisca de Sousa. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2019.

FÉLIX Pacheco. Biografia. In: **Academia Brasileira de Letras**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/felix-pacheco/biografia>>. Acesso em: 15 agos. 2019.

FOCALIZANDO o carnaval. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 21 MAR, 1996, p. 5.

FOTO Varão Memórias. [Procissão passando pela praça Félix Pacheco, c. década de 197?]. Picos: Facebook, 2020. Disponível em: <<https://facebook.com/FotoVarãoMemórias>>. Acesso em: 12 de nov. 2020. 1fotografia, p &b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FURLANETTO, Beatriz Helena. Geografia e emoções. Pessoas e lugares: sentidos, sentimentos e emoções. In: **Revista Geografar**., Curitiba, v.9, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/geografar/article/view/36829>>. Acesso em: 22 nov. 2020.

GENTE e valores de nossa região. **Macambira**, Ano IV, nº 64, Picos (PI), 31 mar.1980. p. 16.

GOOGLE Maps [Mapa padrão das ruas de Picos, 2021]. Picos: Google Maps. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Picos+-+PI/@-7.0830033,41.4688421,18.5Z/DATA=4m8!1m2!2m1!1sPicos>>. Acesso em: 19 dez, 2021. 03fotografia, color.

INSTALAÇÕES melhores. **Macambira**, Ano IV, nº 58, Picos (PI), 30 set. 1979. p. 8.

JARDIM Natal. **Macambira**, Ano I, nº 9, Picos (PI), 1 jul. 1976. p. 9.

JOSINO Ferreira. Biografia. In: **Acervo e Memória Picoense**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/AcervoEMemoriaPicoense>>. Acesso em: 15 agos. 2019.

KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. In: **Revista Desenvolvimento e meio ambiente.**, Paraná, v.7, n. 7, 2003. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/3051>>. Acesso em: 20 agos. 2020.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEAL, Zélia Vieira Gomes. [Reunião de amigos no Asa Branca Clube, década de 1990]. **Arquivo pessoal**, 2018b. 1 fotografia, color.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAIS aparelhos nas ruas. [Ilustração sobre os orelhões, em 31 de março de 1980], **Macambira**, Ano IV, nº 64, Picos (PI), 31 mar. 1980. p. 8. 21 fotografias, p&b.

MELHOR réveillon será no Asa Branca Clube. [Divulgação do réveillon do Asa branca Clube, em 1997]. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 1997. 7 fotografias, p&b.

MEIHY, José Carlos. S.B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAS carne. [Anúncio do frigorífico Minas Carne, década de 1990]. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 1997. 4 fotografias, p&b.

MOURA, José Elierson de Sousa; NASCIMENTO, Francisco de Sousa. Tensões sociais e produção de sentidos: a cidade de Picos e a habitação do Bairro Paroquial pelos pobres durante a década de 1970. In: **Revista Urbana**, v.6, nº8, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635302>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

MOURA, Manoel da Costa. **Hino de Picos**. In: <<http://www.letrasdemusicas.fm/hinos-de-cidades/hino-de-picos-pi>>. Acesso em: 19 out.2020.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. In: **Revista História Oral.**, Teresina, n. 5, s/v, 2002. Disponível em: <[revista.historiaoral.org.br](http://revista.historiaoral.org.br)>. Acesso em: 13 nov. 2020.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas e atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: **Revista Brasileira História (online)**, São Paulo, v. 27, n. 53, 2007. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100009&script=sci\\_abstract](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100009&script=sci_abstract)>. Acesso em 13 de nov. 2020.

NERES, Thiago Tavares das; SOBRAL, Gustavo Leite. Os sentidos da cidade. In: **Revista Verso & Reverso**, Natal-RN, v. 33, n. 82, 2019. Disponível em <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2019.3382.05>> Acesso em 20 de agosto de 2020.

NETA, Vitória Custódia. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2019.

OLIVEIRA, Karla Íngrid Pinheiro de. **A Amélia multifacetada: as representações femininas na cidade de Picos nos anos de 1940-1960**. Teresina: UFPI, 2014. (Dissertação de Mestrado em História do Brasil – Universidade Federal do Piauí).

\_\_\_\_\_. **A geografia dos desejos: cidade, lazer, gênero e sociabilidades em Picos na década de 1960**. Picos: UFPI, 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso em História- Universidade Federal do Piauí).

O PAVILHÃO do riso. **Macambira**, Ano IV, nº 76, Picos (PI), 30 jul. 1981. p. 8.

O SERTÃO virou mar. **Macambira**, Ano V, nº 90, Picos (PI), 31 jul. 1982.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias. In: **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 20 de setembro de 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Rev. Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n.3. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>> Acesso em 13 jun. 2019.

POLUIÇÃO sonora, **Jornal de Picos**, Picos (PI), 07 jun. 1999, p. 16.

PICARETA 96. [Anúncio do carnaval fora de época Picareta II, em 1996]. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 13, nov 1996. 6fotografia, p&b.

PEBINHA. **Picos, Cem anos de História**. In Revista Foco. Picos: s/ed, 1990, p. 31.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 14-15.

\_\_\_\_\_. **Minha história das mulheres**. Trad. Ângela M.S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

PICOS em foco, **Macambira**, Ano IV, nº70, Picos (PI), 07 out. 1980. p. 8.

PROGRAMAÇÃO do Cine Spark para o mês de novembro de/77, **Macambira**, Ano II, Picos (PI), 08 jul. 1977, p 11.

PROJETO Bar cultural teatro ao ar livre, **Jornal de Picos**, Picos (PI), 07 mar.1997, p. 9.

PROJETO Rondon. In: **Ministério da Defesa**. Disponível em: < defesa.gov.br/programas-sociais/projeto-rondon> Acesso em: 17 nov. 2019.

PICOENSE, **Jornal de Picos**, Picos (PI), 07 jun. 1999, p.3.

PICOS em foco, **Macambira**, Ano IV, nº 70, Picos (PI), 07 out. 1981, p.8.

PICOS em foco, **Macambira**, Ano IV, nº 78, Picos (PI), 30 jul.1981, p.2.

PICOS tem a maior Indústria do Piauí, **Macambira**, Ano IV, nº90, Picos (PI), 31 jul. 1982, p. 5.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. Juventude anos sessenta no Brasil: modos e modas. In: **Do singular ao plural**. Recife: Bagaço, 2006, p.272-289.

\_\_\_\_\_. **Os literatos e República**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 1998.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203).

RODRIGUES, Marly **A década de 80**: Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Àtica, 2003.

RIBEIRO, Priscila Moura. **Juventude e lugares de sociabilidade na cidade de Picos (década de 1980)**. Picos: UFPI, 2014. (Trabalho de Conclusão de Curso em História- Universidade Federal do Piauí).

RUFINO, Olívia. **Terra Mãe**. In: Revista Foco. Picos: s/ed, 1990, p.40.

SANEAMENTO básico. **Jornal Macambira**, nº 73, Picos (PI), 31/08/1981, p.2.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras**: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990. Recife-PE: UFPE, 2016. (Tese de doutorado em História – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CFCH, 2016)

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. 1991. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 408 p.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: **Rev. Educação e Realidade**., Porto Alegre, v.45, n. 4. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/index>. Acesso em: 18 abr. 2019.

SILVA, Armando. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Márcia Alves Soares da. Por uma geografia das emoções. In: **Revista Geographia.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 38, 2016. Disponível em <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13775>>. Acesso em 22 de dezembro de 2020.

SILVA, José Lopes da. **Terra Querida**. In: Jornal O Macambira. Picos: s/ed, 1980, p.17.

SOUSA, Célia Neiva de. **Picos**. In: Revista Foco. Picos: s/ed, 1990, p. 40.

SOUSA, Diva Maria Gonçalves. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2019.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2018.

SOUSA, Edênia da Silva e. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2019.

SOUSA, Higo Carlos Meneses. **Um ginásio para a mocidade picoense: Cultura escolar de uma instituição de ensino secundário (1950-1971)**. Teresina-PI: UFPI, 2020. (Dissertação de Mestrado em Educação- Programa de Pós-Graduação em Educação- Universidade Federal do Piauí-UFPI/CCE, 2020).

SOUSA, Márcia de Araújo; LIMA, Nilsângela Cardoso. O correio Radiofônico do Sertão: difusora AM e o “correspondente do interior” no cotidiano de Picos e Macrorregião. In: **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v.9, n.02, pp.89-120, jul/dez. 2018.

SOUSA, Nayara Gonçalves de. [**Atual Beco da Raposa**, em 11 nov. 2019]. Arquivo pessoal, 2019. 1 fotografia, color.

SOUSA, Nayara Gonçalves de; SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Da palhoça ao “bate asas do sertão”: Asa Branca Clube como espaço de sociabilidade, memória e história no povoado Muquém, da cidade de Picos-PI, na década de 1990. In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org). **As cidades brasileiras**. Teresina: EDUFPI, 201. (Coleção: As cidades De Clio: abordagens históricas sobre o urbano, vol.1) p. 1-310.

TELEPISA. **Macambira**, Ano IV, nº 64, Picos (PI), 31 mar.1982, p. 9.

UM OLHAR sobre a cidade. **Jornal de Picos**, Picos (PI), 16 fev. 1996, p.1.

VELOSO, Romana Maria de Carvalho. **Entrevista concedida à Nayara Gonçalves de Sousa**. Picos-PI, 2019.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( X ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, **NAYARA GONCALVES DE SOUSA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **A CIDADE SENSÍVEL: cotidiano, memória e sociabilidades em múltiplos espaços urbanos da cidade de Picos-PI, nas décadas de 1980 e 1990, sob a perspectiva feminina** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 18 de março de 2021.

*Nayara Gonçalves de Sousa*

---